

CAXIAS

(Conferencia)

EURICO RODRIGUES

A personalidade excelsa de Luiz Alves de Lima enche o imenso horizonte do Brasil. Ele é o *dux*, o condutor, na formação da nacionalidade e o grande capitão das nossas maiores campanhas externas.

Mestre de energia, chefe prudente do molde da maxima que Cesar aconselhava, foi o mais prudente dos heróis no conceito dos historiadores.

Luiz Alves de Lima participa de meio seculo da historia militar brasileira, é nume tutelar que nos atrae, pois o seu perfil de invicto general ainda nos anima e seduz e, sem embargo do tempo, não se afasta de nós. Como grande homem a sua companhia nos é util e como general esplende na sua espada sem macula a vitoria.

Ha em Caxias uma alta unidade espiritual, uma força de bondade e de energia tranquilas. Passados sessenta anos, a sua effigie é simbolica da nossa dignidade civica e ainda nos disciplina pelo austero traço do seu carater e impressionante conduta.

Começa a sua gloriosa ascensão com o alvorecer da Pátria, pelejando nos combates pela independencia nacional, de onde inicia a trajetoria luminosa de soldado e recebe, como armorial de brasilidade, a condecoração de ordem do Cruzeiro.

Revela-se na vida de Caxias, titulo nobiliarquico com que foi agraciado, epônimo da cidade do Maranhão e que o acompanha como brazão de todas as suas glorias militares, aquela força confiante e dominadora, aquela attitude harmoniosa, aquele traço luminoso de atração do heroismo e da vontade que constroe, os quais marcam a sua vida militar e imponente personalidade.

Como condestavel no sentido exato do termo, ele se coloca ao lado do trôno no primeiro reinado. O episodio historico de sete de abril de 1831, no qual o pai de Caxias era principal dirigente, foi definido com exatidão por José de Alencar: "O general Lima e Silva, influencia politica, reclamado como chefe por seu partido, enten-

deu que lhe devia o sacrificio do seu dever militar. O major Lima e Silva, ainda não solicitado pela politica, cedeu ante a disciplina”.

Não cabia ao varonil condestavel ser dirigente. Ele era dirigido; agarrou no momento necessario a ocasião pelos cabelos, indo seguir a sorte dos seus camaradas, no campo de Santana.

Escreve Octavio Tarquinio de Souza actual ministro e ensaista seguro que tem versado com autoridade os principais acontecimentos daquela época, traçando a fisionomia dos seus próceres: “Mas fôram os irmãos Lima e Silva os elementos decisivos, os verdadeiros autores do 7 de Abril, *na sua parte militar*”.

Joaquim Nabuco, gran-senhor do pensamento, na obra “Um Estadista do Imperio” — que chamou em prefacio especie de vista lateral duma época — aí observa: “Em certo sentido o 7 de Abril é uma repetição, uma consolidação do 7 de Setembro”.

Mas o exercito, cuja genese acompanhava a genese da nacionalidade em formação, havia de pagar depois o tributo do seu idealismo à fase melindrosa posterior ao movimento de abril. E, conforme sentença aquele ensaista referido, no livro acerca da personalidade de Evaristo da Veiga, o exercito se deixou dominar pelo sentimento liberal, colocando-se patrioticamente ao lado das aspirações do país. Começa, porém, a partir daquela data a dominá-lo a mais impressionante indisciplina.

E’ de ver, no entanto, que a predestinação de Luiz Alves de Lima já lhe reservára o destino de cometer duas ações destacadas e afins: uma no movimento da Independencia, outra na consolidação desta emancipação nacional. Na primeira serviu com denodo na terra que foi a do descobrimento, e assim o berço da nacionalidade, onde mostra a sua exemplar bravura, mercê das palavras da narrativa official dos combates. Na segunda, ajudando a vencer e a convolar a crise de indisciplina que convulsionava a incoesa força armada brasileira, naquela segunda data nacional, que veio ratificar os nossos destinos.

Calogeras, o ministro e amigo das classes armadas, o patrióta e escritor que vive na benemerencia do seu nome e dos seus livros, diz que o 7 de abril foi o remate consciente duma grande sublevação nacionalista, a qual teve, em hora feliz, chefes que procuraram criar o curso medio dos acontecimentos. Essa linha mediana está definida na synthese sobrepujante de Euclides da Cunha: “O papel da Regencia, ponto culminante da nossa historia politica, instituiu-se, assim, como um ponderador das aptidões nacionaes: um volante regulando a potencia revolta de tantas forças disparatadas”. Caxias já é uma força que age e atrae e coordena no meio dessas forças dispareas. Torna-se o *homem necessario*, no qualificativo do brilhante escritor militar major Afonso de Carvalho, pois a figura do condestavel do sete de abril avulta pela sua conduta de então.

O major Luiz Alves de Lima, como um jovem consolidador da ordem e do regime, compreendera o destino historico do Imperio, a força de coesão do regime monarchico, e trabalha e age pela ordem, com o providencial bom senso e equilibrio revelados em todos os seus atos. E' o formador do Batalhão Sagrado, imagem das suas decisões oportunas e immediatas de toda a vida. Licencia-se a tropa, e 400 officiaes, com o sub-comando do major Luiz Alves de Lima, fazem a ronda sagrada da capital do Imperio do Brasil. Ha generaes, altos dignatários do exercito e da marinha, uma corporação de elite, de officiaes de prol, rendendo guarda. E' o Exercito em vigilia constante pelo Brasil e dando o grande exemplo da sua virtude de abnegação e sacrificio.

O Regente do Imperio, general Lima e Silva, pai do silencioso sub-comandante do batalhão sagrado, constroe agora sobre a desordem, que vinha do 7 de abril de sua autoria; ordena a Feijó, ministro da Justiça, que forme a Guarda Nacional, esmagando com ela a revolta, devendo neste momento cada patriota ser um soldado da lei.

Em poucos meses a anarquia emergente dobrava-se vencida pelas mãos de ferro dum padre e estadista. Caxias, soldado da lei, já se identificava com a nossa unidade nacional. Viriam nas provincias do continente territorial brasileiro as revoltas em datas, em series. Saint-Hilaire, citado no esboço escultural da historia brasileira de Euclides da Cunha — Da Independencia à Regencia — visitante illustre, volvia o olhar para as revoltas repúblicas platinas, apontando-nos o perigo de identico destino, duma fragmentação.

Mas Luiz Alves de Lima velava pela nossa coesão nacional, era um campeador e batalhador, adivinhando a missão histórica do Imperio como elo da unidade brasileira, pela qual se bate e vence.

Em 1840 a maioria do país estava em paz. No Maranhão os rebeldes amotinados da *balaçada* "fugiam diante de um general feliz, Luiz Alves de Lima e Silva (Caxias), cuja espada seria a escora de um reinado".

Dir-se-á que Caxias vae ser a *antena vivente* — como um generalissimo — da campanha em defesa da unidade do territorio.

O General-lidador não repousa, conclamado para todos os quadrantes do territorio. Vae, como um ciclope, na geografia politica da nação deixando marcos históricos, que assinalam as vitórias da nossa propria formação, da tranquillidade do povo brasileiro e eternidade da terra do Brasil.

No alentado trabalho do illustre major Afonso de Carvalho ha um mapa com o diagrama da trajetoria guerreira do grande-capitão. Dir-se-ia que a sua espada gloriosa, temperada na luta da Independencia nacional, deve ainda forjar a sua tempera no nativismo libertador de Jerônimo de Albuquerque, o qual conquistára a cidade de São Luiz do Maranhão fundada por La Ravardiére.

O Brasil fizera o apêlo ao patriotismo vigilante de Luiz Alves de Lima, que aceitava as lutas como um dever que lhe era imposto e o cumpria com fortaleza de animo, com clarividencia e abnegação, projetando de lógo no cenario politico e militar a sua grandeza civica e moral, o exemplo do seu patriotismo.

Na provincia do Maranhão êle conclama que mais militar do que politico queria até ignorar o nome dos partidos que a dividiam, e fala nas necessidades e vantagens da paz, condição de riqueza e prosperidades dos povos. Vence e congrega e pacifica; e a declaração da maioridade de D. Pedro II traz a anistia geral, estando coroadada de exito e finda a sua missão em 1.º de janeiro de 1841.

Luiz Alves de Lima regressa e é em 18 de julho de 1841 promovido a general e agraciado com o titulo nobiliarquico de Barão de Caxias. Nos primeiros combates pela libertação do Brasil, mostrara em campanha aquella *aristocracia do valor*, da sua expressão no Senado glorificando os heróes da campanha do Paraguai. Começava então como titular do Exercito e titular do Imperio, confundindo a fidalguia dos dois titulos.

Naquella longinqua provincia maranhense, quasi extremidade do territorio, Caxias, consoante a frase do major Afonso de Carvalho, fôra de fato uma revelação.

E, como si a propria formação geologica brasileira tivesse erigido a Serra do Cubatão, para na sua altitude alçar a estatura do novo General do Brasil, Caxias é chamado de lógo a percorrer o caminho histórico de Piratininga, roteiro glorioso da era das bandeiras e da independencia, para alçar-se pelo Cubatão numa campanha pela qual conseguiu vencer a sedição de Sorocaba em 29 dias.

“A revolução de 1842 em São Paulo é Feijó. E’ a sua presença que lhe dá prestigio e projecção”.

Parece que as ideias de rebeldia de Feijó atravessavam montanhas, eram mais fortes que a espada do lidador, ressoavam nas almas mineiras. Ainda em São Paulo, o vencedor de Sorocaba faz deslocar-se uma columna por Lorena, seguindo a Serra da Mantiqueira. Vae êle bater-se nas montanhas de Minas Gerais, vencendo os homens e a natureza. Combate em 1842 como os grandes capitães da América, galgando no mês algido de junho altitudes de 1.100 metros; e em marcha forçada de onze dias surprende os insurreitos e chega às portas da historica Vila Rica, nimbada de tradição, emoldurada pelos seculos da nossa historia.

O jovem e heraldico general medita na terra dos Inconfidentes. “E cada cicatriz brilha como um braço”.

A paisagem é de exaltação ao Brasil, e o coração brasileiro pulsa na paixão de Marília, que o martírio da saudade santificára e está velhinha, carregada da magia do seu sonho de amor e daquele nosso sonho de libertação.

Caxias visita o solar do Marechal João Carlos, embebendo o seu puro idealismo de condestavel naquele nobre passado, e vae combater. Êle jamais poderia passar como um soldado indifferente pela historica Ouro Preto, matriz do nosso ideal de Pátria. No rijo combate que travou pela grandeza dessa mesma pátria combateu por varias horas em Santa Luzia, esteve em "serios apuros", conforme escreve em carta a José Clemente Pereira. Mas, heróe sem mancha do coração e do carater, é o pacificador e o apologista do povo mineiro e das suas virtudes. Theophilo Ottoni, que depois teria projeção na vida nacional, sedicioso, para logo confessa o erro que haviam cometido, recorrendo às armas.

O II Imperio fôra a instancia de equilibrio, e a espada de Caxias era o gladio, a imposição do direito e da justiça, desse Imperio, que ainda precisava bater-se pela conservação da unidade territorial, que receberamos como um legado precioso dos nossos antepassados.

O Conde de Lages, Ministro da Guerra, havia dito a Luiz Alves de Lima, quando este partira para pacificar o Maranhão e era promovido: "Eu não fiz hoje um coronel; fiz o General que ha de pacificar o Rio Grande do Sul".

O pacificador de tres Provincias vem assim cumprir a sua missão histórica nas terras do Sul, realizando-se a profecia daquele Ministro, passados anos; e ultimando a sua trajetória de soldado da lei e da integridade brasileira.

A epopeia do decenio farroupilha é uma pagina entretecida de heroismo e abnegação. Eram cavaleiros andantes os seus lutadores, traziam a experiencia das campanhas platinas pregressas e possuíam dois elementos de mobilidade — a cochilha e o cavalo.

A historia militar desta grande revolução foi ha pouco traçada com segurança pelo eminente historiador, General de Divisão. Tasso Fragoso, cuja obra "A Revolução Farroupilha — 1835-1845" — faz parte da bibliotheca militar que está sendo publicada por uma alta comissão do Ministerio da Guerra.

No proemio dessa obra escreve o propecto e culto general-historiador: "Tendo durado cêrca de dez anos, ameaçado a integridade do Imperio e obrigado a mover para o sul grande parte do exercito e da marinha, é óbvio que essa luta armada não podia deixar de interessar os militares".

Caxias é aqui o grande general e o grande pacificador. Traça um extenso itinerario de campanha, concentra cavalladas, e por fim da historica "tronqueira" de Rio Pardo lança tres divisões, vae aos confins do território, Alegrete, Livramento, e faz a demarcação de Uruguaiana.

Depois da surpresa de Porongos, chega vitorioso à cidade de Bagé e não permite que seja celebrado nenhum *te-deum* de vitória,

dizendo que nos combates mal feridos da revolução rio-grandense chorava pelos que caíam, sentindo as nossas desditas.

E soube sempre falar ao desinteresse dos riograndenses, ao seu patriotismo de brasileiro, dizendo que a dois passos de nós estava o inimigo comum da raça e da tradição.

Eis assim que na sua proclamação de paz falava David Canabarro, chefe dos farroupilhas: "Um poder extranho ameaça a integridade do Imperio; e tão estolida ousadia jamais deixaria de ecoar em nossos corações brasileiros". E o magnanimo General da Paz, da união nacional, conclamava em nome do Imperio e do Brasil: "Uma só vontade nos una, Rio Grandenses, maldição eterna a quem desejar recordar-se das nossas dissensões passadas. União e tranquillidade seja de hoje em diante a nossa divisa".

Vae o nobre Caxias sentar-se depois no Senado como representante do Rio Grande do Sul, ao lado de seu pai, ex-Regente do Imperio, e ao lado daquele Conde de Lages, que lhe vaticinara o triunfo do Sul; tendo agora 42 anos de idade e sendo Conde, condestavel.

O ministro da guerra dos Farrapos dissêra, nos prodromos da paz, que trovejara para o lado occidental deste Imperio.

Ia, por sem duvida, formar-se a tempestade nas bandas do Prata, aparecendo como um perigo sobre as nossas cabeças aquela nuvem pesada que anuncia o epico da raça lusitana nossa antepassada; antecipando-nos a angustia da fortaleza de Humaitá, que foi aquele mesmo cabo Tormentorio.

Abre-se a luta do Imperio contra a tirania na América. Vão começar tres cruzadas pela liberdade, com o ressurgimento da nossa intervenção nos negocios platinos.

Pairava no ar a palavra amarga de Ituzaingó, a batalha indecisa do Passo do Rosario, que, mercê do conceito de Euclides da Cunha, se inscrevia isolada, desairando o nosso prestigio no exterior.

A ação civilizadora da nossa diplomacia na América passava a influir, e ficava o Conde de Caxias, Condestavel do Império, a serviço dessa civilização e do prestigio do Brasil no exterior. Caxias dá o passo da sua trajetoria continental americana, para tornar-se por fim, no dizer de Sylvio Romero, — "a figura politico-militar de mais saliente relevo nesta parte do continente no XIX seculo".

Em 29 de maio de 1851 aliam-se o Brasil, o Uruguai e as provincias argentinas de Entre-Rios e Corrientes, para libertarem o territorio uruguaio de Oribe e das forças de Rosas.

As forças brasileiras penetram o territorio uruguaio sob o comando do Conde de Caxias, que de lógo observa aos seus soldados que toda a propriedade é inviolavel e sagrada e chega ao ponto de indenizar, como exemplo, um cercado e umas rezes manhas que foram abatidas por mãos ignoradas.

Observa Vilhena de Moraes, biógrafo de Caxias, que então as suas forças reunidas às de Urquiza, em Santa Luzia, faziam contraste por tudo com as forças gaúchas do caudilho, que traziam indumentaria típica.

Vae Caxias estacionar na lendaria Colonia do Sacramento, que fôra marco avançado do patriotismo português. Daqui, à maneira do arrojado Tamandaré, faz o general em chefe uma surtida ao porto de Buenos Ayres, para observar o futuro campo de manobra, numa solitaria náu capitaneá, causando espanto e admiração.

Na batalha dos exercitos aliados contra Rosas, o Brasil comparece com tres divisões, tendo à frente Marques de Souza, o Conde de Porto Alegre, o heróe que tem o nome nobiliarquico da capital do Rio Grande do Sul e que foi o ungido da vitória.

Ele é o conde da aristocracia do valor, o escolhido por Caxias contra a opinião do enviado extraordinario José Hermeto, e comanda em uniforme de gala e investe no centro num momento de indecisão, salvando a batalha.

Sarmiento, o genial autor de "Facundo", o austero presidente da Argentina, naquele tempo publicista e proscrito, escreve depois como redator da ordem do dia da vitória que o nome de Marques de Souza e o dos seus valentes companheiros de armas occuparão o honroso lugar que lhes compete como dignos aliados da civilização.

Caxias não esquece de lembrar, na ultima ordem do dia, quando deixava o comando das forças brasileiras, que havia sido desagravada a honra da Pátria.

Chegara porém em breve praso o momento, no qual o Paraguai nos move hostilidades, afrontando a nossa soberania.

Por fim defrontam-se os exercitos em luta.

A região fortificada de Humaitá, fortaleza que fôra construida com o auxilio de officiaes brasileiros, a pedido do governo paraguaio, deteria o avanço da esquadra e dos exercitos aliados por dois anos.

Registrrou Euclides da Cunha, no ensaio de larga fase da nossa vida, que a guerra do Paraguai foi um desvio da nossa história. Daí a surpresa com que fomos collidos. Estavam aquellas ribeiras de tranquillo rio Paraná erçadas de fortalezas e estremeadas dos fortes Olimpia e Paraná, como amêas de guerra dum feudalismo ameaçador.

Pela circumstancia da falta de unidade de vistas nos comandos dos Exercitos Aliados já se agravava a crise da situação.

Já em fins de 1864 o nosso General Osorio, o que estaria sempre ao lado de Caxias e que foi em vida aclamado o legendario, chamava o futuro Duque, dizendo que o esperava como o Anjo da Guarda.

Zacarias de Góes e Vasconcellos, do Conselho de Ministros, vae pessoalmente à casa de Caxias convidá-lo para dirigir como comandante em chefe as nossas forças armadas na campanha paraguaia.

Conforme declara depois em 1863 o presidente do Conselho, a guerra precisava menos de remessa de forças do que de uma cabeça de general que reunisse aos conhecimentos profissionais a precisa vantagem de inspirar plena confiança a seus camaradas.

O apêlo divinatório do legendário gaúcho de Conceição do Arroio se torna realidade. Osorio, se revelára o grande tático, possuía visão tática do combate. "Era um condutor de guerreiros, um chefe de tropas de choque, companheiro e modelo." Gozava de imensa popularidade.

Assim o Marquês de Caxias, nomeado em 10 de outubro de 1866, como primeiro áto do seu plano de soerguimento da campanha, convida o Barão do Herval para colaborar, sendo o organizador de novas tropas no Rio Grande do Sul.

Caxias, o escolhido do Exército Brasileiro em operações, o aclamado pelos homens públicos em evidencia do Imperio, o esperado pelos nossos generais como Osorio, será o organizador e grande estrategista, que combinava tudo estrategica e taticamente, e realiza um grandioso plano de batalha. O seu triunfo é matematico, sem embargo da falta de levantamento do terreno, do conhecimento muitas vezes dum solo que parecia fugir na luta em que o inimigo tambem fugia. Ele depois explica no Senado a fuga de Lopes, em Ito-roró, no seu discurso de 15 de julho de 1870, defendendo a memoria do general Argolo e a reputação de Osorio, o bravo dos bravos, dizendo que caminhavam nas trevas, em país inteiramente desconhecido, e que era preciso que os nobres senadores se convencessem que desde o começo a guerra do Paraguai fôra feita às apalpadelas.

Caxias partira antes naquele mês de outubro por mar para Buenos Ayres, onde desembarca e começa a reorganização das forças brasileiras, inteirando-se de todos os serviços e completando medidas e impondo o exemplo da disciplina. Madrugador como Osorio, sem embargo da sua idade, já às seis horas da manhã, acompanhado de seus ajudantes percorre forças e acampamentos. A cronica militar daquele tempo é sugestiva e encerra para os dias de hoje e para sempre a lição do seu exemplo. Num velho "Manuscripto de Mil Oitocentos e Sessenta e Nove ou Resumo Historico das Operações Militares dirigidas pelo Marechal do Exército Marquez de Caxias na campanha do Paraguay" — assim é o titulo — escrito no Rio Grande do Sul em 20 de março de 1869, é esboçada a ação do General nestas palavras: "elle applicou-se com energia, perseverança e força de vontade de que é dotado, a crear o que não existia, e a reparar o que se havia estragado."

"Depois de dar ao nosso exercito uma nova organização, preenchendo cada um dos seus corpos com o numero de praças que lhe competia; depois de se ocupar de muitos mistéres, como fardar e armar completamente todos os

corpos tratou o metódico Caxias de combinar um plano de campanha que puzesse prontamente termo à guerra”.

Assim, com o afastamento de Mitre do teatro das operações, chamado como homem público da sua pátria, o Marquês de Caxias, comandante em chefe dos Exercitos aliados, executa aquele seu plano, e as manobras estrategicas realizadas põem um quasi termo à guerra.

Pela ação combinada dos Exercitos e da Esquadra é alcançado o primeiro objetivo — a derrubada de Humaitá. A rendição do famoso quadrilatero, progressivamente conquistado de 25 de julho a 5 de agosto era a primeira fase duma ampla manobra e uma nova base do vencedor em marcha.

Lopes então fôge para não ser envolvido e se coloca à margem do curso d'agua Tebiquari e após recua para outro maior, o Pikissiri, cujo leito fazia uma linha de defesa, tendo apoio por um lado na fortaleza de Angustura e noutro na lagôa Ipoá e ainda com proteção na mata intransponivel. Esta posição evitava um ataque frontal às forças de Lopes. Foi nesse momento quê procura Caxias, como generalissimo e já com 65 anos de idade, estando privado pela natureza do terreno de realizar uma aniquiladora manobra que envolvesse o inimigo, desbordar um flanco das forças paraguaias, fóra do alcance das bocas de fogo da fortaleza de Angustura. Desbrava aqui a mata virgem e fura a sua muralha, abrindo uma picada de 11 quilometros à margem direita do rio Paraná; e transpõe o pantanal do Chaco, fazendo este movimento de forças e a abertura da floresta em vinte e tres dias. No discurso que proferiu no Senado na sessão de 5 de julho, Caxias descreve o terreno vencido em menos dum mês: “Não é possível, Sr. presidente, fazer idéa adequada dos terrenos do Chaco. Durante o tempo secco cria uma crosta de tres ou quatro palmos de grossura, que permite a passagem de um ou outro cavalleiro, de uma ou outra carreta, mas se o transito se amiuda e o trafego aumenta, a terra fende-se, cavallo e cavalleiro, carretas e tudo é absorvido por tremedaes insondaveis.”

O Chaco desse quadro foi a estrada construida pela milagrosa tenacidade da nossa engenharia militar, especie de esteira de palhiço e madeira, que permitiu a passagem dos 25 mil soldados e de toda a artilharia, que atingiram a villa de Santo Antonio e daqui retrocederam pela outra margem do rio Paraguai, fazendo um percurso paralelo ao pantanal percorrido; inscrevendo na outra margem a reta gloriosa das vitorias sucessivas de Itororó, Avaí e Lomas-Valentinas, tres grandes batalhas engajadas, tendo uma delas durado seis dias. Tres vitorias, marcos de gloria, assinalando a *dezembrada* épica!

O contorno de tão estensa manobra deu ao Marquês de Caxias o relevo de estrategista consagrado, que concebera e executára grandes e fulminantes batalhas.

O esquema da sua manobra tem as características da concepção do genio de Napoleão. Ha um movimento de tropas orientado, um desdobrar e fechar de alas, uma rutura das fontes de abastecimento do inimigo, uma surpresa que divide e trinca, para vencer.

Ele ideou planos militares com estrategia e assim se antecipa aos metodos de guerra na América, superando aos grandes capitães americanos, que fôram precursores de fatos e de batalhas.

López surpreso e vencido em face do genio e da técnica militar do nosso general, é enseguida desalojado detraz daquela linha fortificada do Pikissirí, em que se ficára, e começa a fuga de quem succumbiu militarmente.

Assunção estava libertada, e o Marquês de Caxias será pela projeção e gloria da sua campanha o mais alto dignatário do Imperio, recebendo na capital do Império do Brasil o titulo de duque, como uma corôa de louros da pátria agradecida, passando a figurar nos anais brasileiros como o DUQUE DA VITORIA, como o exalça Calogeras numa expressão altissima.

Voltára à pátria, tendo a saúde combalida por dois asperos anos de vigílias de guerra e de generalissimo, e então começa a repousar da sua gloria militar, como quem já repousasse para a posteridade.

E' uma figura majestosa, que subiu pelos seus proprios feitos e quer descer sem privilegios. Viverá da grandeza do seu genio militar e politico e da sua grandeza moral.

Mas a historia recolheu os seus cometimentos gloriosos e registra o seu exemplo valoroso e tranquilo.

E cada geração do Brasil ha de evocar a ação construtora do egregio lidador, do general que nunca foi vencido. Eis o seu perfil sereno, de vencedor glorificado na expressão atica e comovida de Joaquim Nabuco: "...póde precipitar golpes seguidos sobre Lopes (depois de Humaitá), passar a maior parte do exercito brasileiro pela estrada edificada sobre o Chaco, bater-se pessoalmente em Itororó, como Bonaparte em Arcole — um Bonaparte de 65 anos, anular o poder militar do Paraguay em Avahy e Lomas-Valentinas (Dezembro de 1868), e atirar para a Cordilheira de Ascurra os destroços do exercito de Lopes, desapossado, fugitivo, faminto."

A campanha da Cordilheira pertence à ação gloriosa do insigne general José Antonio Corrêa da Camara, que era da estirpe daquela aristocracia do valor e por cuja intrepidez fôra ainda no campo do combate na campanha do Paraguai louvado pelo Marechal Caxias e promovido do posto de coronel comandante de uma divisão, quando baixava a espada à frente do Generalissimo e Marquês, que então lhe diz: "General, louvo-o pelas suas brilhantes cargas."

Foi o plano de ação do general Camara, amigo e companheiro de Osorio, o legendário que ferido no rosto e sem poder falar escreve num pedaço de papel: "Camara é um bravo"; foi depois o seu avan-

ço metódico e pugnaz, desenvolvendo a campanha da Cordilheira, que surpreende a Lopes em Aquidabán e quasi o torna prisioneiro, advertindo-o com magnidade que lhe garantia a vida.

O vencedor de Aquidabán, que seria agraciado com o título de Visconde de Pelotas, o mesmo título do seu avô, José Patrício Corrêa da Câmara, o *fronteiro* gigante da defesa do território riograndense, encerrava com honra e glória para as nossas armas a campanha do Paraguai, que havíamos empreendido como povo civilizado.

Essa guerra representa cinco anos de luta externa e uma lição para o Brasil confiado e desarmado, que nesse lustro empobrece a sua economia e conquista o seu triunfo sem reparação material, mantendo uma atitude de puro idealismo.

Como observára o percuciente Euclides da Cunha, López anelava por um grande império e baseava-se, afinal, nas cisões de outras repúblicas platinas e na nossa relativa fraqueza militar, confiante no poderio armado de noventa mil homens, que lhe tornariam realizável a empresa marcial de conquista de terras.

No intuito de informar às classes armadas e aos homens públicos do país, publicou o senhor General E. Leitão de Carvalho o alentado e nobre trabalho "A Conferencia do Desarmamento", livro que é versado pelos da minha profissão e pelos estudiosos das questões internacionais que nos interessam, no qual o seu eminente autor com autoridade de técnico indica e mostra, tendo trabalhado junto à chancelaria brasileira, as remoras encontradas e como malograram as iniciativas de regulamentação da paz entre os povos.

O malogro de tão alevantados ideais de paz universal tem uma realidade inelutável no panorama de guerra e de angústia e morte que o mundo neste momento oferece; servindo-nos de aviso para o futuro e de inquietação nos dias que correm.

Pandiá Calogeras, o titular da pasta da guerra que se desvelou no sentido de aperfeiçoar e disciplinar o nosso exercito, não esquecendo iniciativas e recursos, escreve no ensaio "Rio Branco e a Política Exterior" que o grande chanceler da República costumava repetir aos numerosos oficiais que o cercavam sempre, acompanhando a sua obra de patriotismo: — "Os Senhores começam onde a missão do meu Ministério se interrompe."

Aquelas surpresas e sacrificios que o pequeno e heróico Paraguai nos causou, o exemplo de como malogram as tentativas de paz e a capacidade de agressão das máquinas de guerra e a maxima repetida pelo nosso Rio Branco, o definidor das nossas fronteiras, tudo isso está a indicar-nos a necessidade dum esforço conjugado que aumente os meios da nossa defesa. Mas o exercito e os homens públicos que nos dirigem trabalham e hoje vivemos o resurgimento da era duma geração decisiva, vivemos uma fase brasileira de maximo

cuidado da organização da nossa defesa militar e de vibração mais intensa da mística do patriotismo.

A homenagem a Caxias assume assim neste momeno para a nossa pátria uma significação mais profunda, e o culto da ordem da farda à sua memoria é uma afirmação do idealismo militar.

As forças armadas brasileiras são guardiãs do Brasil continuo, com a mesma raça, uma unica lingua, uma unidade de territorio, legado e tesouro de mais de quatro seculos dos nossos maiores. A missão nacionalista do exercito está confiada toda esta grandeza, todo este passado.

A pátria é uma alma, um principio espiritual, uma tradição; e à força moral e material das classes armadas, cujas virtudes são grandes na paz como na guerra, o patriotismo brasileiro confia os destinos gloriosos do Brasil.

Caxias como valor humano pertence à estirpe dos homens que fizeram pátria e fizeram história, a obra que *êle acabou* está confiada ao devotamento do Exercito, que é a nação armada.

A efemeride de hoje é do Brasil. O exercito e o povo, se confundem na exaltação da terra brasileira; e, como si procurassem uma alta inspiração, glorificam a vida do DUQUE DA VITORIA, evocando a personalidade egregia desse grande brasileiro que, no dizer dum panegerista patricio, se finou em 1880 carregado de glorias e mais ainda de benções da Nação agradecida.

CERVEJAS E BEBIDAS GAZOSAS

Continental

MÁXIMAS NA QUALIDADE — ÚNICAS NO SABOR

Nun'Alvares e a vocação de Portugal

(Conferencia)

Major RINALDO PEREIRA DA CAMARA

Em seu classico "Discurso sobre Historia Universal", Bossuet analisa á luz do providencialismo histórico, como Deus orienta o destino dos povos preparando efeitos nas causas mais remotas, dirigindo acontecimentos de imensas e longinquas repercussões, traçando ás nações, como aos individuos marcada vocação.

E aí está a história de Portugal como sugestiva illustração desse acerto.

Foi sem duvida, com a idéa preconcebida de dilatar a fé e o Imperio, que as caravelas, no periodo dos grandes descobrimentos se aventuraram "pelo mar longo e tenebroso, até 28°,5' de ladeza contra o Polo Antartico" e "Entre gente remota edificaram novo reino que tanto sublimaram". Ainda há pouco Pio XII, em documento de alta transcendencia, recordando a nobre destinação histórica do povo português indagava:

"Donde veio a Portugal a força de abarcar o dominio de tantas plagas na Africa e na Asia e estende-lo ainda, ás terras longinquas da America? Donde, senão daquela ardente fé do povo lusitano, e da sabedoria cristã de seus governantes, que fizeram de Portugal, um instrumento docil nas mãos da Providencia?"

Combater os inimigos da fé cristã e dilata-la pelo orbe — eis a vocação histórica do povo português, razão de ser de sua grandeza e autonomia. Quando a fé declina, quando o apostolado esmorece, quando o poder temporal paraliza a actividade missionaria, então, toda aquella primavera que floria nas mais belas expressões do sentimento religioso e patriótico, fenece, se estiola, acarretando o periodo da decadencia.

De duas fórmulas cumpriu Portugal sua excelsa missão: defendendo a liberdade da fé no Continente, ao bater-se contra os Mouros e confiando ao zelo da Igreja a catequese de imensas regiões desconhecidas.

Numa palavra, o sentido transcendente da Patria de Nun'Alvares e Camões encerra-se na defeza da cristandade européa e na sua multiplicação noutros mundos.

Como resultante desta milagrosa irradiação, aí está esse Brasil imenso, vinculado á mãe patria, pelos encantos da mesma lingua, pela comunhão na mesma fé, pelos mesmos ideais de cultura e apostolado.

Assim, a colonisação do Brasil processou-se sob o signio da cruz e da espada. As caravelas guerreiras do descobrimento surgiram na baía de Porto-Seguro, ostentando em seu panejamento branco a cruz cantonada de Malta. Trouxeram monges e soldados, os senhores feudaes das Capitánias, que desbravaram a ferro e fogo o misterio da selva bruta e lançaram os fundamentos da sociedade nova, catequisando almas.

Entre a cruz e a espada se desenrolou a magnifica epopéa dos governos gerais e a defeza heroica do litoral, marcadas pelo ruido das armas e pelo místico cantochão das ladainhas.

Sob o influxo da cruz e da espada foram elaboradas a nossa organização politica e administrativa, a expansão para o N. e para W., a definição territorial, as manifestações do nosso espirito de autonomia, as grandes reformas sociais e politicas, as guerras externas, a consolidação do regime, enfim toda a nossa evolução histórica.

Ao espirito imortal da Lusitanea — mixto de bravura e piedade, de cavalaria e apostolado, de heroico arrebatamento e delicado sentimentalismo, devemos os melhores atributos de nosso carater: aquella consciencia dos valores moraes e afetivos, as características psicologicas de abnegação e de bondade, de energia e delicadeza, de bravura e cavalheirismo.

Ao Portugal cristão devemos esses traços marcantes que definem a nossa mentalidade.

Nada vejo, afirmou certa vez Baptista Pereira, o filho espiritual de Ruy, nada vejo de fixo e estavel no espirito do Brasil senão o fundo ancestral de sua formação catolica. A chama que o ilumina resistindo ás rajadas de todos os quadrantes, é ainda a luz irresistivel que os missionarios da idade heroica, enviados de Portugal, acenderam "ad-eternum", nos corações de nossos maiores.

Tais as características da grande patria-mãe, tais as nossas proprias características.

Mas, ninguém até o presente mais fielmente personificou essa mentalidade, a um tempo mistica e cavalheiresca, que a figura impar de Nun'Alvares, o monge-soldado.

A figura do condestavel domina toda a história portugêsa.

Foi um puro e um bravo. Arrebatado pelos sonhos da cavalaria, criança ainda, era armado cavaleiro na Corte de Leonor Teles.

Como Galaaz e os cavaleiros da Tavola Redonda, não pode conter o pranto quando lhe cingiram o cinto e banharam d'agua ben-

ta a espada, batendo com ela três vezes os golpes sagrados sobre o elmo — “Deus te faça bom cavaleiro”...

Que simbolica era a sua espada! Num lado estava esculpida a cruz e a legenda: “Excelsus super omnes gentes, Dominus.” No outro, a cruz floreçada dos Alvares Pereira, e o santo nome de Maria.

Com imensa ternura o cavaleiro a estreita contra o peito, lembrando-se das leituras prediletas que lhe recordavam talvez, as palavras do rei Artur:

“Sabei, que essa espada tão formosa e tão limpa será um dia toda tinta de sangue quente e vermelho e aquele que a manejar fará maravilhas”.

E maravilhas revelaram-se de logo, com a invasão castelhana.

Era então o futuro Condestavel um jovem de 24 anos, franzino, pálido, de rosto oval iluminado por dois grandes olhos azues. Mais parecia um asceta que um guerreiro. Sua fisionomia era um mito de expressão angelical e de energia, reflexos da pureza de sua alma e da bravura de seu coração. Seus camaradas eram irmãos de ideal.

As virtudes militares tinham para ele sentido sobrenatural.

Eis em largos traços o perfil do nosso heroe ao iniciar-se a campanha de 1384.

Pela semana santa os inimigos tomaram contato na região de Atoleiros. O exército português era então, quatro ou cinco vezes inferior ao castelhano. Mas lá estava Nun'Alvares com a energia de uma vontade e o vigor de um grande talento militar. Referindo-se a tão alta influencia do chefe sobre a tropa certa vez, Napoleão afirmou cheio de eloquencia e verdade: “Não foi o exército Romano que conquistou as Galias, mas Cezar; não foi o exército cartaginez que fez tremer a Republica, ás portas de Roma, mas Anibal; não foi o exército macedonico que atingiu as Indias, mas Alexandre; não foi o exército francês que levou a guerra ao Vezér e ao Inn, mas Turenne; não foi o exército prussiano que defendeu a Prussia durante sete anos, contra os ataques de três grandes potencias da Europa, mas Frederico”.

Parafraseando este conceito de tão profunda psicologia militar do mestre genial diriamos:

Não foi o exército português que venceu em Atoleiros, que se cobriu de glorias em Aljubarrota e immortalizou-se em Valverde, mas Nun' Alvares.

O Condestavel era, em verdade, uma vocação militar. Revelou rara originalidade na arte de combater.

Rompeu ousadamente, com preconceitos da época, revolucionou a tática.

Oliveira Martins em sua “História de Portugal”, observa com grande penetração que esse foi o último dia da cavalaria feudal e o

primeiro ensaio desses combates a pé, com que dois seculos mais tarde a infantaria castelhana de Carlos V havia de conquistar a Europa.

Foi, pois, o Condestavel o precursor da tatica da infantaria, quem pela primeira vez procurou tirar partido do terreno sob o ponto de vista geo-militar.

Fazendo apear sua cavalaria e com ela organizando um quadrado, fórma embrionaria do combate defensivo, Nun'Alvares abriu horizontes novos na tatica do seculo XIV. No centro, lá estava o Condestavel, esplendido, magnifico, desfraldando o seu estandarte symbolico, semelhante ao da Donzela inspirado de Domremy, que no seculo seguinte em Tourelles, Patay, Saint-Loup, Troyes e Orleans, lhe renovaria os milagrosos feitos, com a espada legendaria de Carlos Martel.

A vitoria de Atoleiros foi fulminante e decisiva. No dia seguinte o heroe paradoxalmente, cheio de gloria e humildade, vai a pé, descalço em romaria á igreja de Assumar, firmando aí o proposito de erguer a basilica de Santa Maria, templo votivo de tão assinalada efemeride. Firmou assim, Nun'Alvares, por dois seculos uma dinastia, guindando o mestre de Aviz ás glorias de D. João I.

E para si, apenas evocava o direito de pelejar pela patria, ou com ela succumbir. A alma de predestinado a desse monge-soldado, que associava ao seu misticismo visões rubras de combates, considerando a cavalaria militar, uma mistica cavalaria. Assim em Atoleiros, assim tambem em Aljubarrota, onde poz em debandada o exército castelhano rumo a Santarém enchendo os campos de soldadesca em desordem que se escondia pelas charnecas de Alcobaça.

“O campo vai deixando ao vencedor
Contente de lhe não deixar a vida.
Seguem-no os que ficaram e o temor
Lhe dá não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida
Da magua da deshonra, e triste nojo
De ver outrem triunfar em seu despojo”.

Assim tambem em Valverde, onde no mais aceso da luta, recolhe-se a um ermo, transportando-se em extase, para depois lançar-se com furia leonina contra o inimigo, conquistando uma das batalhas mais decisivas para a independencia de Portugal.

De tudo quanto seus biografos no-lo relatam, desde o interessante cronista Fernão Lopes, até o erudito Oliveira Martins, póde inferir-se que jamais se viu tão sugestivo exemplo de aliança entre a cruz e a espada.

E por tudo isso o Condestavel refletiu, melhor que ninguém um estado de consciencia nacional, personificando o Portugal medieval, que após a fase cavalleiresca de sua história lança-se em surtos de exaltação cristã pelo mar longo e tenebroso, procurando dilatar a fé e o imperio. Curioso parallelismo observa-se entre as diferentes fases de sua vida e os grandes periodos da história portugueza.

O primeiro foi uma época cavalleiresca — periodo de formação no qual o ideal se concretisava nos cavaleiros da Tavola Redonda. E' o periodo preliminar da história de Portugal, do Condado Portucalense.

E' a fase da dinastia Afonsina, com Afonso Henrique e a batalha de Ourique, com D. Diniz e o Infante D. Henrique, creadores do genio maritimo da raça. Depois, ante a realidade da vida militar o ideal do Condestavel se concretisa na redenção da Patria.

E a cruz vermelha do escudo da Galaaz se transforma na cruz d'Aviz.

E' o periodo de transformação nacional, que acarretou o advento da dinastia de Aviz — traço de união entre as dinastias Afonsina e Bragantina.

E' o periodo aureo da história portugueza que se inicia com as batalhas de Atoleiros, Aljubarrota e Valverde, e se afirma com o advento da Escola de Sagres e as grandes emprezas maritimas do seculo XV e XVI, Cruz de Galaaz — cruz de Malta — cruz de Christo: três cruzeiras balisando um itinerario rumo á perfeição.

Poeta-soldado-santo: eis o que foi Nun'Alvares — um heroe integral.

Sua alma passou dos senhos do cavaleiro andante para as realisações napoleonicas, sublimando-se por fim no ideal do rei S. Luiz. Era caridoso, casto e humilde. Sua caridade leva-o a distribuir com os pobres tudo que possuia, a metade do reino que era seu.

Sua castidade sobrenaturalisa o culto do cavaleiro pela dama na devoção á Virgem.

Sua humildade o conduziu ao claustro, onde baixou a vizeira e despiu o arnez para vestir a sotaina da ordem dos carmelitas, onde morreu pobre e penitente.

Morrera o Condestavel para resurgir mais glorioso que em Aljubarrota no humilimo frei Nuno de Santa Maria.

Sua vida foi obedecer e comandar. Obedecer a Deus, comandar os homens.

Fiel á sua vocação Portugal ainda lhe escuta a voz de comando. Assim como se fez ouvir outrora em meio dos combates e resou no milagre das caravelas descobridoras, "Das náos as velas concavas inchando", assim tambem ela vibra hoje, ainda eloquente e suggestiva,

no espirito do Exército português que reconstroe a Patria e resoa em seus melhores acentos cristãos, atravez das palavras de afirmação da consciencia portugüesa, pronunciadas pelo estadista-asceta Oliveira Salazar, lidimo representante de todas as grandezas da imortal Lusitania.

“Dada ao mundo por Deus que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande.”

Em 15-8-940 — Data da Batalha de Aljubarrota.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO
DO
RIO GRANDE DO SUL

**Catalogo de Inventarios
existentes
no
Arquivo Publico do Estado
N.º 1
ALEGRETE**

**CARTORIO DE ORFAOS — CARTORIO DO CIVEL
E CRIME — CARTORIO DA PROVIDORIA**

A Revista do Instituto inicia, neste numero, a publicação do catalogo de Inventarios existentes no Arquivo Publico do Estado.

Não se torna necessario resaltar a importancia da presente medida, pois entre nós é comum a falta de referencias em tal assunto.

Os investigadores dos problemas historicos e sociais encontram toda a especie de dificuldades na organização e sistematização de suas fontes de estudos.

O presente catalogo foi pacientemente elaborado pelo nosso distinto confrade Dr. Mario Teixeira de Carvalho quando coligia material para seu esplendido e notavel livro "Nobiliario Sul-Rio Grandense", obra que teve a melhor repercussão em todos os meios inteletuais.

S. S. ofereceu á Revista do Instituto tão importante trabalho. Somos gratos assim por poder divulgar, em nossas paginas, o precioso catalogo do Arquivo Publico.

ALEGRETE

Cartorio de Orfãos

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Maço	Est.	Ano
Antonio Duarte	Cecilia Maria de Jesus	5	1	65	1824
Antonio Martins Bastos ...	Maria do Carmo	14	1	65	1831
Apolinário Raldão	Maria Cabreira	22	2	65	1834
Antonio Correa de Melo ...	João Damasceno Gões	4	1	85	1835
Antonio Caetano de Souza.	Anna Francisco de Almeida	35	3	65	1835
Alexandrina da Conceição .	Manoel João Pinto	36	3	65	1835
Adão de Siqueira Pereira					
Leitão	Anna Joaquina Dornelles ..	37	3	65	1835
Antonio Correa de Mello ..	João Damasceno Goes	4	1	85	1835
Anna Maria de Jesus	Manoel José de Almeida ...	54	4	65	1838
Anna Maria da Conceição..	Alexandre José da Silva ..	58	4	65	1838
Antonio Alves Maciel	Ignacio José Lopes Reis				
	Cruz	5	1	85	1838
Albino Pereira de Lima ...	Manoela Leocadia de Abreu	64	4	65	1840
Antonio Francisco Bittencourt	Maria Bernarda	6	1	85	1840
Antonio José de Bittencourt	Francisco Maria Teixeira .	77	5	65	1847
Apolinario Roldão e Maria					
Cabreira	Zozimo de Oliveira Bueno..	78	5	65	1847
Agostinho Dornelles de Souza	Emerlinda Soares de Menezes	79	6	65	1847
Anna Amalia da Costa	Manoel Joaquim de Almeida	80	6	65	1847
Antonio Carvalho de Miranda	Manoel Borges Teixeira ...	86	6	65	1848
Antonio Luiz Penteado	Raphaela E. da Silva	94	7	65	1849
Antonio Gomes da Luz	Combra Gomes da Luz	15	1	85	1849
Angelina Maria Albernaz ..	José Munhoz de Camargo ..	16	1	85	1849

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Maço	Est.	Ano
Antonio Cabrera	Antonio Lopes Monjardim .	103	7	65	1850
Angelica Maria de Jesus ...	Valerio Ferreira	111	8	65	1852
Antonio Marques de Andra- da	Antonia Gomes de Andrada	31	1	35	1853
Antonio Marques de Andrada	Antonia Gomes de Andrada	31	1	35	1853
Antonio Gutterres Alexan- drino	Anna Joaquina Flora	117	8	65	1853
Antonio Luiz de Souza					
Cambraia e Boaventura José dos Santos	Severina de Souza Cambraia	118	8	65	1853
Antonio Vieira da Silva ...	Florinda Maria da Luz	126	9	65	1854
Agostinho Antonio da Sil- veira	Florinda Vargas da Silveira	127	9	65	1854
Antonio Pereira da Luz ...	Albano Pereira da Luz	128	9	65	1854
Antonio Francisco Gonçal- ves	Mariana Soares Gonçalves..	141	10	65	1855
Anna Neves da Costa	Venancio José Nunes	34	2	35	1855
Angelica Nazareth de Esco- var	Manoel José de Escovar ...	151	11	65	1855
Antonio Bernardes dos San- tos	Silvano B. dos Santos	165	12	65	1857
Anna Gomes da Silva Olivei- ra	Manoel Soares de Souza ...	175	13	65	1858
Antonio Luiz Ferraz	Deolinda A. Ferraz	187	15	65	1859
Anna Mendes de Almeida ..	Manoel Joaquim de Almeida	363	29	65	1859
Manoel Joaquim de Almeida		363	29	65	1859
Anna Rodrigues Diniz	Antônio Rodrigues de Al- meida	198	16	65	1860
(Anna Duarte do Amaral).					
	Januario Carneiro da Fon- tura	205	17	65	1861
Anna Duarte do Amaral ...	Manoel Ribeiro de Siqueira	206	17	65	1861
Anna Ribeiro de Melo	Zeferina Antonia da Silva .	207	17	65	1861
Athanasio Gonçalves Leal .	Firmina Maxima Guterres .	212	17	65	1862
Americo Antonio Guterres .	Antonio do Prado Lima ...	224	18	65	1864
Antonia Rodrigues Jacques					
Agapito Joaquim Peres de Cuyabá	Leofrida Amalia de Azevedo	234	19	65	1866
Albina Jaymes de Lima ...	Vasco Tarquinio de Abreu .	246	20	65	1867

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Maco	Est.	Ano
Angelo Rodrigues Cadeia ..	Joaquim Nunes de Miranda	247	20	65	1867
Antonio Venceslau de Souza Guimarães	Fabiana Antonia da Silveira	248	20	65	1867
Anna Claudina Moraes	José Antonio Barboza	263	21	65	1868
Antonio Teixeira da Silva ..	Maria Amalia da Silva	264	21	65	1868
Antonio Machado de Olivei- ra	Fermiana M. de Oliveira ..	265	21	65	1868
Antonio Rodrigues de Al- meida	Moysés R. de Almeida	266	21	65	1868
Antonio José Gonçalves ...	Feliciano Gonçalves Pinto .	297	23	65	1870
Anna Tavares Leiria	Irineu Antonio de Camargo	298	23	65	1870
Alexandre Coelho de Mo- raes	Vicente Pereira da Rosa ...	309	24	65	1871
Antonio Rodrigues Lopes e s/ mulher, Joaquina Lo- pes	Vasco Rodrigues Lopes	310	24	65	1871
Anna Ferreira Bicca	João Ferreira Bicca	311	24	65	1871
Amelia Dorothea Muniz e s/ mulher Francisca Gonçal- ves Vieira	Guilherme Pereira Fortes .	314	24	65	1871
Andreza Guedes da Cunha.	João Antonio da Cunha	345	26	65	1873
Amaro José da Costa e s/ mulher Anna Mathilde ..	Laurindo Dornelles da Cos- ta	346	26	65	1873
Anna Mathilde e o s/marido	Laurindo Dornelles da Cos- ta	346	26	65	1873
Amaro José da Costa	Senhorinho de Azevedo Dor- nelles	347	26	65	1873
Agostinho Dornelles de Sou- za	Maria Angelica Paim	348	26	65	1873
Antonio Verissimo Paim ...	João de Araujo Silva	349	27	65	1873
Antonio de Araujo Rabello.	Joaquim Guedes da Luz ...	365	29	65	1874
Anistarda Maria Guedes ...					
Apolinario de Souza Trinda- de	Paulino de Souza Martins .	373	30	65	1875
Alexandre Ferreira Trinda- de	Rita de Abreu Trindade ...	385	31	65	1875
Antonio João da Rosa	Bernardina M.ª do Nasci- mento	395	31	65	1876

Inventariado	Inventariante	N.º do feto	Mae	Est.	Ano
Anna Florinda da Luz e o s/marido Oliverio Antonio da Fontoura	Felisbina Florinda da Fontoura	427	34	65	1879
Anna Leocadia Ferreira ...	João Ferreira Sobrinho ...	444	35	65	1880
Antonio Antunes do Nascimento	Anna Duarte Antunes	445	35	65	1880
Anna Alves dos Santos	Manoel Antonio da Silva ..	446	35	65	1880
Alexandrina Rosa de Oliveira	Osorio Franco de Oliveira .	447	35	65	1880
Antonia Maria do Sacramento	Manoel Antonio Alves de Castro	462	36	65	1881
Adão Carvalho	Adão de Tal	479	37	65	1882
Alexandrina Xavier Agacha	Marcos de Araujo Carvalho	480	37	65	1882
Antonio Martins dos Santos	M. ^a Ignacia Pedrozo	481	37	65	1882
André Idaeta	Eusebio Goycoria	501	38	65	1883
Antonio Pires de Almeida .	Virgilio Soares Leães	502	38	65	1883
Anna Maria Espinoza e s/ marido	Manoel R. dos Santos	507	38	65	1883
Antonio Rossi	Consul da Italia	532	40	65	1885
Amelia Maciel Trindade e s/ marido	Leandro de Souza Trindade	555	41	65	1887
Antonio de Oliveira Bicca..	Leonida de M. Bicca	556	42	65	1887
Acolia Pinto da Silveira ...	Hypolito Conceição da Silveira	571	43	65	1888
Alfredo Nunes de Miranda	Justa Rodrigues de Miranda	572	43	65	1888
Angelina Mariana	Antonio Felisberto	582	43	65	1889
Angelo Moreira	Antonia Masorreti	590	44	65	1890
Adelaide Ribeiro da Cunha.	Clarimundo D. da Cunha..	591	44	65	1890
Antonio Agostinho do Nascimento	Maria F. Prates	592	44	65	1890
Antonio José Ignacio	Manoel Ignacio da Rosa ...	609	45	65	1891
Anna Fernandes da Silva ..	Maria Francisca Fouchard.	610	45	65	1891
Amado Caminha	Amazilia R. Caminha	623	46	65	1892
Adelaide de Freitas ou Adelaide Maria Perdomo	Manoel Jacintho de Freitas	645	47	65	1894
Alexandre Soares	Christina Alves de Quevedo	648	47	65	1895
Arthur Dornelles	Maria Carolina Dorneles da Cunha	649	47	65	1895

Inventariado	Inventariante	N.º do feto	Mão	Est.	Ano
Anna do Prado Souza	Adelaide de Souza.....	650	47	65	1895
Anna Oliveira de Macedo ..	Antonio de Oliveira Macedo	671	48	65	1896
Augusto Gonçalves Trinda- de	Maria Alves de Trindade .	684	49	65	1898
Anna Maria Pereira	João Luiz Pereira	705	50	65	1900
Amaro Alves Ferreira Bre- tas e s/ mulher Marfisa Bretas	Zilibia A. Bretas	706	50	65	1900
Antonia d'Azambuja Cami- nha	Maria Amalia Fagundes ...	707	50	65	1900
Amelia Silva Pietro	Rufino Pietro	756	53	65	1900
Antonio Rodrigues Severo .	Idalina Antonia da Silveira	716	51	65	1901
(Abel Paulo da Costa)					
Abel Paulo da Costa	Maria Eugenia da Costa ...	717	51	65	1901
Affonso Loureiro de Araujo	Alfredo L. de Araujo	718	51	65	1901
Anna Thomasia Silva	José Ricardo da Silva	727	51	65	1902
Amelia Paz Dornelles	Mathias Dornelles	728	51	65	1902
Anna Soares da Costa	Juvenal Dornelles da Costa	738	52	65	1903
Anna Reginalda Maciel	Galdino Maciel de Assunção	755	53	65	1906
Antonio Manoel de Biten- court	Silvestre da Silva Goulart .	757	53	65	1906
Antonio Israel Lucas	Mathilde Basília Lucas	770	54	65	1909
Antonia Andreza da Cruz ..	Maria Felisberta da Cruz ..	778	54	65	1910
Antonio Marcelino de Oli- veira	Arminda Marques de Olivei- ra	783	54	65	1911
Aniceta Bxites Pereira	Severo Alves Pereira	794	55	65	1912
Anna Luiza Marques Paz ..	Manoel Luiz Paz de Freitas	795	55	65	1912
Alberto Portulla	Alice Sá Brito Portulla ...	796	55	65	1912
Amelia Vidal de Azevedo ..	Octavio Azevedo e Souza ..	802	55	65	1913
Alzira Oliveira	José A. de Oliveira	805	55	65	1914
Aniceto Nunes da Rosa	Eugenia F. da Rosa	812	55	65	1915
B.					
Bernardo dos Santos Mene- zes	Justiniano Gomes de Mene- zes	38	3	65	1935
Benta Maria da Silva	Constantino José L. Rodri- gues	39	3	65	1935

Inventariado	Inventariante	N.º de folto	Maco	Est.	Ano
Bento Correa de Mello	Maria Antonia de Mello ...	12	1	85	1848
Betania Mendes de Arruda.	David Luiz da Cunha	17	1	85	1849
Bento Correa de Mello Filho e s/mulher Elisia Mendes de Arruda	José Arelonio de Souza	18	1	85	1849
Bertolo Sanches	Zeferino Baltar	104	7	65	1850
Boaventura José dos Santos e Antonio Luiz de Souza Cambraia	Severino de Souza Cambraia	118	8	65	1865
Brigida Felisbina Flores ..	Manoel José Flores	129	9	65	1854
Bento Manoel Ribeiro	Severino Ribeiro de Almeida	152	11	65	1856
					e
Bernardino Duarte do Amaral	Gertrudes S. Castro Amaral	166	12	65	1853
Bernardina Ferreira do Sacramento Freitas e s/marido João Baptista de Freitas	João Baptista de Freitas ..	199	16	65	1857
Barbara Santa Anna de Araujo	Rafael Antonio de Araujo..	235	19	65	1860
Belisa Carolina da Silva ..	Galdino de Freitas Noronha	249	20	65	1866
Basilio Ferreira Bicca	Rosaura Ferreira Bica	267	21	65	1867
Belmira Joaquina Alves ...	Eusebio Ferreira Alves	281	22	65	1868
Boaventura de Moraes Palma	Zeferino de Moraes Palma.	329	25	65	1869
Basilio Sant'Anna de Amorim	Jeronyma Lopes de Souza.	374	30	65	1872
Bernardino Pereira Soares.	Anacleto M.ª Joaquina	403	32	65	1875
Brites de Sá Mello	Eugenio Augusto de Mello .	418	33	65	1877
Bernardina Cabral de Souza	Marcos Pereira da Silva ...	419	33	65	1878
Bernardina Flores de Mello	Patricio Antonio de Tolledo	428	34	65	1878
Bernardo Escarni	Maria Zeferina Escarni ...	429	34	65	1879
Bernardino José de Abreu.	Luiza Candida de Abreu....	448	35	65	1879
Baroneza Cambahy	João de Assis Brasil	482	37	65	1880
Beselvina Alves da Trindade	Augusto Gonçalves da Trindade	483	37	65	1882

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Máo	Est.	Ano
Bertholdo Ant.º Mathias ..	Deolinda Maria da Concei- ção	515	39	65	1884
Balduino da Silva Monteiro	Izabel de Menezes Monteiro	533	40	65	1885
Belmiro Antunes Maciel ...	Luiza Burlamaqui Antunes.	540	41	65	1886
Beatriz O. Abreu	Fermina de C. Prates	557	42	65	1887
Bernardina Trindade	Domingos Antonio Valente.	573	43	65	1888
Belarmino Ignacio da Silva	Emilia Jesus da Silva	593	44	65	1890
Bento Paz da Silva	Maria P. Paz da Silva	594	44	65	1890
Belisario de Oliveira Bueno	Rosa de Oliveira Bueno	611	45	65	1891
Balduino de Freitas	Edmundo Balduino de Frei- tas	694	49	65	1899
Bento Silveira de Andrade.	Adelina A. Silveira	719	51	65	1901
Bertrand Ithurbide	Paulina Dias Ithurbide	750	53	65	1905
Belmira Ferreira da Silva .	Julio Ferreira Alves	751	53	65	1905
Benevenuta de Almeida Sch- mitz	Artidoro Mendes de Almei- da	752	53	65	1905
Bonifacia Francisca da Sil- va	Virginia Francisca da Silva	777	54	65	1910
Bernardino Guim. de Almei- da	Clementina Flores de Frei- tas	785	54	65	1911
C.					
Candida Flora	Joaquim Rodrigues Jacques	23	2	65	1834
Camilla Antonia de Jesus ..	Americo Antonio Gutierrez.	55	4	65	1838
Candida de Pontes Pereira.	Venancio José Pereira	87	6	65	1848
Constantino José Lopes Ro- drigues	Brigida C. Espirito Santo..	95	7	65	1849
Celestina Maria Cabral	Joaquim Soares Trindade ..	19	1	85	1849
Celestina Maria Cabral	Joaquim Soares Trindade..	19	1	85	1849
Cecilia Rodrigues de Freitas	Delfino Rodrigues de Frei- tas	130	9	65	1854
Clara Alves da Cunha	Antonio Luiz da Cunha	153	11	65	1856
Clara Soares do Canto	Manoel Borges do Canto ...	36	2	85	1856
Christina Joaquina Nunes..	Zeferino Alves Teixeira ...	176	13	65	1858
Carlota Nunes Ribeiro	Demetrio Ribeiro	213	17	65	1862
Claudina Antonia de Abreu	Apolinario de Souza Trinda- de	236	19	65	1866

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Mato	Est.	Ano
Christalino Gonçalves dos Santos	Victalina Gonçalves dos Santos	237	19	65	1866
Claudina Maria Teixeira e Mathias Teixeira de Almeida	Mathias de Almeida	370	29	65	1867
Clementina Alves de Castro	Rosa R. de Castro	370	29	65	1867
Cyrino Antonio Severo	Anna Severo de Lima	268	21	65	1868
Candida Rodrigues Lopes ..	Vasco Rodrigues Lopes	269	21	65	1868
Candida Machado da Silveira e s/ marido	João Lopes Rodrigues	282	22	65	1869
Constantino José Lopes e s/ mulher	João Lopes Rodrigues	350	27	65	1873 e 1874
Christiano Vencel	Maria Vencel	350	27	65	1873 e 1874
Candida Gomes Ouriques ..	Feliciano Gomes de Oliveira	375	30	65	1875
Candida de Lima e Silva ..	João Carlos da Silva	376	30	65	1875
Candida Silveira de Andrade	Francisco Fernandes de Andrade	382	30	65	1875
Camillo Martins da Rocha..	Delfina Maria Lopes	396	32	65	1876
Carlota Schnel	Rodolpho Schanberg	404	32	65	1877
Candido Rodrigues Garcia .	Constancio Candido Garcia.	405	32	65	1877
Castorina Ouriques da Motata	Flaminio José da Motta ...	421	33	65	1878
Caetano Machado de Oliveira	Firmina de Oliveira	430	34	65	1879
Celamira de Abreu Trindade	Ant.º Ferr.º da Trindade ..	431	34	65	1879
Constança Alves Figueira .	Ant.º Figueira da Silva	449	35	65	1880
Carlota Joaquina Ribeiro ..	Manoel Vieira da Rosa	450	35	65	1880
Camilla da Rosa Lemes ...	Candido da Rosa Lemes ...	463	36	65	1881
Caetano Ribeiro	Antonia Andreza da Cruz .	503	38	65	1883
Christina Rodrigues de Silqueira	Juvenal Dornelles da Costa	516	39	65	1884
Constança Severo de Abreu	Antonio Candido de Abreu.	517	39	65	1884
Claudina Maria do Carmo .	Manoel Antonio Serpa	541	41	65	1886
		542	41	65	1886

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Mço	Est.	Ano
Constancio Francisco Rodrigues da Silva	Delfina Francisca de Oliveira	558	42	65	1887
Catharina Antonia da Silveira	Joaquim Antonio da Silva ..	559	42	65	1887
Calisto Ortiz	Constancio Dias Ferreira ..	595	44	65	1890
Caetano Ortiz	Paulina M. Ortiz	596	44	65	1890
Cecilia de Souza Goulart ..	Laurindo Goulart Sobrinho	612	45	65	1891
Clara Goulart	Celestino Prunes	613	45	65	1891
Clara de Sá Brito	Felicia de Sá Brito	614	45	65	1891
Carolina Risch do Rosario.	Evaristo Dornelles Marques	624	46	65	1892
Constantino Souza	Anna do Prado Souza	650	47	65	1895
Candido Machado da Silveira	Claudina Machado da Silveira	651	47	65	1895
Carlota Gamst app. ao de Eduardo Gamst	Wiegand Schmidt	504	38	65	1898
Claudio de Oliveira Estivallet	Virginia Gonçalves Estivallet	695	50	65	1899
Constancio Dias Ferreira ..	Leopoldina D. Ferreira	708	50	65	1900
Congeta Salve	Giovanni Regina	720	51	65	1901
Clara Nunes Peres	Pedro Peres da Silva,	721	51	65	1901
Claudina Antonia da Silveira	Vicente de Paula Pinto	722	51	65	1901
Clemente Pereira da Silva ..	Joaquina Pereira da Silva ..	729	51	65	1902
Candido Constantino do Espirito Santo	João da Costa Leite	736	52	65	1903
Conceição Antonia Mathias.	Ignacio Antonio da Rosa ..	771	54	65	1909
Caetano Ribeiro de Farias.	Maria Felisberta da Cruz ..	778	54	65	1910
Clotilde Pereira da Silva ..	Geroncio Gonçalves da Silva	753	54	65	1911
Celina Mathias Teixeira de Almeida	Pedro Teixeira de Almeida.	797	55	65	1912
Clarinda Bairos	Marçal Souza Santos	806	55	65	1914
Candido Pires de Almeida Filho	Bernardino Guimarães de Almeida	784	54	65	1911
Clementina Flores de Freitas	Octacilio Flores de Freitas ..	785	54	65	1911

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Mço	Est.	Ano
<i>D.</i>					
Damasio Peres da Silva ...	José Machado da Silva	60	4	65	1834
Domingos José da Costa ...	Manoel Joaquim de Almeida	80	6	65	1847
Domingos Fernandes de Magalhães Basto	Deolinda Fernandes Teixeira	112	8	65	1852
Delfina Leonor dos Santos .	Domingos Mathias de Azevedo	119	9	65	1853
Delfina de Souza Trindade e s/marido.....	Sibindo Nunes Coelho	120	9	65	1853
					e 1854
Domingos Grinxel	Silvana Moreira Grinxel ...	225	18	65	1864
Domingos Mathias	José Carlos Pinto	283	22	65	1869
David Antonio Nunes	Felizia Dalmacia Nunes ...	351	27	65	1873
Delfino Alves Gavião	Zelinda Angelica dos Santos	397	32	65	1876
Domingos Mathias da Silveira	Zeferina dos Santos Silveira	417	33	65	1877
Deolinda Ramos Martins ..	Paulo de Souza Martins ...	534	40	65	1885
Daniel Ferreira dos Santos.	Maria de Assumpção	543	41	65	1886
Demetrio Ubal	Leonida Flores	574	43	65	1888
Demetria Silveira Bueno ..	Antonio Soares Bueno	583	43	65	1889
Dinart José Goulart	Galdina Valença Goulart ..	615	45	65	1891
Delfino Olegario Dionísio da Costa	Maria Sarampa Alves	652	47	65	1895
Domenciana Dornelles de Azevedo	Venancio Mathias de Azevedo	696	50	65	1899
Delibio de Barros Leite	Maria das Dores de Barros Leite	709	50	65	1900
Delfino Gomes da Conceição	Pedro Gomes da Conceição.	729a	51	65	1902
Domingos Alves Soares	Francisco Alves Afonso ...	745	53	65	1904
Domingos Antonio Moreira	Theodora Moreira	766	54	65	1908
Domingos Passamani	Angelo Passamani	813	55	65	1915

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Maco	Est.	Ano
<i>E.</i>					
Elisia Mendes de Arruda e s/marido Bento Correa de Mello Filho	José Antonio de Souza	18	1	85	1849
Emerenciano Rodrigues de Almeida	Francisco José Nunes	154	11	65	1856
Emerenciana Maria de Oli- veira	Carlos Gonçalves Brandão ..	155	11	65	1856
Eufrazia de Oliveira Ribeiro	Severino R. do Amaral	167	12	65	1857
Emerlinda Soares de Mene- zes App. ao de Agostinho Dornelles de Souza	Antonio Maximo Gomes da Silva	79	6	65	1859
Eugenio Alano da Silva ...	Candido Alano da Silva ...	226	18	65	1864
Eleuterio Rolim e s/ mulher Maria Candida Rollim ...	Fermino de Carvalho Prates	284	22	65	1869
Emilia Justina do Nasci- mento Menezes	João Gualberto da Costa Li- ma	312	24	65	1871
Eugenio Balsamão e José Francisco de Azevedo ...	Lolidonia da Silveira	313	24	65	1871
Eduardo Jorge de Miranda.	Serafim Muniz de Miranda	330	25	65	1872
Eufrazia Guedes da Luz ...	Joaquim Guedes da Luz ...	352	27	65	1873
Emilio Ribeiro de Siqueira.	Marcolina Siqueira	353	27	65	1873
Esmeria Gomes Anhaia ...	Marcos Basilio da Cunha ..	406	32	65	1877
Elisia Elvira de Oliveira ..	João de Oliveira Estivalet .	407	32	65	1877
Evaristo de Souza Nunes ..	Ritta Antonia de Souza ...	408	33	65	1877
Eulalia Eglisia Baltar	Manoel Baltar Filho	409	33	65	1877
Emilia de Souza	Francisco Maria de Souza .	432	34	65	1879
Emerenciano Soares da Sil- va	Firmina Soares da Costa ..	451	35	65	1880
Eufrazia Anna Satira da Luz	Carlos Benlker	452	35	65	1880
Eulalia Nunes e s/marido Nicolau Pollis	Alfredo Nunes Cavalheiro .	484	37	65	1882
Eduardo Gamst	Carlota Gamst	504	38	65	1883

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Maco	Est.	Ano
Epifanio Bispo de Almeida.	Manoel Rosa de Castro	505	38	65	1883
Eufrazia Alves Palma	Manoel Alves Machado	584	43	65	1889
Ernesto Guterres	Francisca Carolina Prado Guterres	646	47	65	1894
Eliza Antonia Severo	Ladislau Antonio Severo ..	672	48	65	1896
Eufrazia Vital de Oliveira .	Antonio Vital de Oliveira ..	697	50	65	1899
Emilia V. Silva	Alberto Soares Medeiros ..	735	52	65	1902
Etelvina Candida Lopes ...	Paulino Lopes	772	52	65	1909
Ernestina Marieta da Silva	Carlos Pedro da Silva	798	55	65	1912
Eulalia Schmitz Sierra	Miguel Sierra	803	55	65	1913
F.					
Fabiano dos Santos	Maria Joaquina	10	1	65	1830
Felisberto de Souza Trinda- de	Antonio de Souza Trindade.	15	1	65	1831
Francisco Antonio de Souza	Manoel Silveira da Luz	24	2	65	1834
Felicio Rodrigues de Moraes	Damasia M.ª de Almeida ..	40	3	65	1835
Felizardo José de Melo	Faustina Alves de Lima ...	48	3	65	1836
Florisbella Prestes de Abreu	Manoel José de Abreu	50	3	65	1837
Francisco José Coelho	Clementina Gonçalves Coe- lho	61	4	65	1839
Felisberto Pereira da Silva e s/mulher Joaquina Tho- mazia da Silva	Manoel Luiz da Cunha Me- nezes	65	5	65	1840
Felisberto Machado Leão e s/ mulher Luciana Fermi- na do Nascimento	Emerlinda Machado Leão .	68	5	65	1845
Floriana Maria de Jesus ...	Francisco Telles de Souza .	69	5	65	1846
Francisco Antonio de Mo- raes Garcia	Candido Alves de Moraes ..	8	1	85	1847
Feliciano Rodrigues de Oli- veira	Constança Maria Joaquina.	81	6	65	1847
Francisco Carolina de Lima	Vasco José de Abreu	13	1	85	1848
Filisbina Mathilde de Lima	Roque Machado Ferreira ..	88	6	65	1848
Florisbella Maria Munhoz..	Francisco Antonio Dorneles	20	1	85	1849
Florisbela Maria de Jesus..	Valeriano Ribeiro Baptista.	21	1	85	1849
Florisbela Maria de Jesus..	Valeriano Ribeiro Baptista.	21	1	85	1849

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Maco	Est.	Ano
Florisbela Joaquina de Oliveira	José Joaquim da Silva	113	8	65	1852
Febronia Candida Ortiz Cunha	Oliverio José Ortiz	114	8	65	1852
Felisberto Nunes da Silva e s/mulher	Libindo Nunes Coelho	120	9	65	1833 e 1854
Firmiano Gonçalves da Trindade	Fidencio José Bastos	131	9	65	1854
Francisco João Carvalho	Florisbela Correa da Silva ..	132	9	65	1854
Francisco Ferreira-App. ao de João Ferreira Martins	João Ferreira Martins	158	11	65	1854
Felix Macedo	Maria Francisca Xará	142	10	65	1855
Fideles José de Campos	Maria Gonçalves Ribeiro ..	143	10	65	1855
Francisca Maria da Luz ...	Firmiano de Souza Luz ...	168	12	65	1857
Francisca Antonia Taboada	Joaquim Pais de Freitas ..	169	12	65	1857
Florinda Maria da Luz	Albano Pereira da Luz	177	13	65	1858
Frederico Augusto do Amaral Sarmento Menna	Anna Rita de Oliveira Menna	178	13	65	1858
Frederico Lennek	Joaquim Francisco de Oliveira	188	15	65	1859
Fernando Pereira da Luz ..	Mathilde S. da Luz	189	15	65	1859
Francisca Carolina Lima ..	Vasco José de Abreu	189a	15	65	1859
Firmina Telles de Araujo ..	Antonio de Araujo Rebello ..	200	16	65	1860
Fortunato Antonio da Silva	Maria Ignacia da Cruz	208	17	65	1861
Francisco Telles de Souza ..	Maria Aldina Telles	209	17	65	1861
Fabiano Antonio de Barros	Maria Jacintha da Conceição	214	17	65	1862
Felix de Barros Leite	Felicidade Theodora de Jesus	215	17	65	1862
Faustino Guedes da Luz ...	Joaquim Fernandes Moreira Povoas	221	18	65	1863
Feliciano Antonio Severo ..	Antonio do Prado Lima ...	224	18	65	1864
Feliciissimo Pinto Braga ...	Marinha Candida da Silva Braga	229	18	65	1865
Francisco Luiz Saldanha ..	Antonio Luiz Saldanha	250	20	65	1867
Firmiano de Souza Luz	Anna Maria de Oliveira ...	251	20	65	1867

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Maco	Est.	Ano
Firmo de Souza Nunes	Manoel de Souza Nunes ...	252	20	65	1867
Fabiana dos Santos	Manoel de Souza Nunes ...	252	20	65	1867
Firmiano Ferreira da Silva	Mariana R. da Silva	270	21	65	1868
Francisco Floriano Pires de Almeida	Francisco Floriano Pires de Almeida Filho	285	22	65	1869
Francisco Gonçalves Vieira e s/ mulher Amelia Dorothea Muniz	Guilherme Pereira Fortes ..	314	24	65	1871
Francisca Vieira de Britto.	Balbina Vieira	331	25	65	1872
Felicidade Theodora de Jesus	Bibiano de Barros Leite ...	355	27	65	1873
Floriano dos Santos Rabelo	Felicia Theodora de Jesus..	356	27	65	1873
Fortunato Antonio Soares .	Felicidade de Abreu Soares	366	29	65	1874
Feliciano Antonio da Rosa.	Josepha Nunes da Silva ...	377	30	65	1875
Francisco de Sá Britto	Carlota Cambraia de Sá ...	378	30	65	1875
Francisco de Souza Nunes .	Joanna Severo de Souza ...	398	32	65	1876
Firmina de Vargas Rosado.	Francisco José Rosado	420	33	65	1878
Feliciano Rodrigues da Rosa	Cyrina Angelica da Silva ..	433	34	65	1879
Francisco Antonio da Silva.	Oliverio Antonio da Silva ..	434	34	65	1879
Francisco Ortiz Telles	Josepha de Castro Jobim ..	465	36	65	1881
Felisbina Ferreira Jacques.	Vasco Ferreira Martins	466	36	65	1881
Francisco Ponchaud	Anna Nunes Ponchaud	467	36	65	1881
Firmina Maxima Guterres .	Amandio Antonio Guterres.	485	37	65	1882
Filiciano Gonçalves Pinto .	Veronica Gonçalves Pinto ..	486	37	65	1882
Francisca Barbosa de Carvalho	Joaquim Maximo da Silva ..	506	38	65	1883
Floriano de Aguiar e s/ mulher	Manoel R. dos Santos	507	38	65	1883
Frederico Hermann	Maria Angelica de Jesus Hermann	508	39	65	1883
Francina de Barros Leite ..	Bicca de Oliveira Bicca	509	39	65	1883
Firmina Soares de Souza ..	José Bassualdo	518	39	65	1884
Firmiana Ferreira Jacques.	Marcos Pereira da Silva ...	519	39	65	1884
Francisco Teixeira de Oliveira	Cecilia Chaves de Oliveira ..	535	40	65	1885
Francisca Antonia de Lima	Benedicta de Oliveira Prates	544	41	65	1886

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Maco	Est.	Ano
Francisca Antonia de Lima	Benedicta de Oliveira Prates	544	41	65	1886
Fideles Ignacia de Medeiros	Idelfonso Ignacia de Medeiros	560	42	65	1887
Francisco Machado da Silveira	Pedro Machado da Silveira.	575	43	65	1888
Francisca José Tavares	José Pinto da Trindade	585	43	65	1889
Francisco Alves Pereira ...	Auristella Alves de Quadros	586	44	65	1889
Florinda Joaquina de Araújo Carvalho	João José de Carvalho	587	44	65	1889
Francisco Borges da Silveira	Emilia Antonia da Silveira.	616	45	65	1891
Florencia Chaves da Silva .	Aurelina Francisco da Silva	617	45	65	1891
Firmina Alves Pereira	Antonio José Pereira	653	47	65	1895
Flamino José da Motta	Florinda Brasil da Motta ..	654	47	65	1895
Francisco de Paula Bicca ..	Querino Baptista de Freitas	655	48	65	1895
Firmino Antonio da Silva e s/mulher Maria Antonia Garcia	Thomaz Antonio da Silva .	656	48	65	1895
Feliciano Luiz de Menezes .	Francisco de Paula Menezes	685	49	65	1898
Flarinda Brasil da Motta ..	Paulino Candido Brasil ...	686	49	65	1898
Firmo Antonio Pereira	Gervasia Brites Pereira ...	687	49	65	1898
Firmina Gomes Antunes ...	João Onofre Antunes	698	50	65	1899
Felisbina Ferreira Serpa ..	Eugenio Ferreira	699	50	65	1899
Francisca Clara Jacques d'Avila	Vasco Simões Pereira d'Avila	710	50	65	1900
Firmiano Rodrigues Pacifico	Ambrozina J. Rodrigues ...	730	51	65	1902
Felisberto Pereira Fernandes	Florentino Pereira Fernandes	731	51	65	1902
Felicio Antonio Joia	Manoel Amaral	732	52	65	1902
Francisco de Souza Cambrão	Vidal de Souza Cambrão ..	737	52	65	1903
Felisberto José Pereira de Barcellos	Simeão Estelita da Cunha Soares	753	53	65	1905
Francisco Machado da Rosa	Hilario Machado da Rosa ..	758	53	65	1906

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Máo	Est.	Ano
G.					
Gregorio Machado	Joaquim Machado Soares ..	14	1	85	1848
Gabriel Antonio Rollim ...	Maria Antonia de Mello ...	22	1	85	1849
Gabriel Antonio Rolim ...	Maria Antonia de Mello ...	22	1	85	1849
Germana Maria do Nascimento	Francisco José Teixeira ...	156	11	65	1856
Galdino Alexandre de Seixas Barros	José Prospero Mercel	216	18	65	1862
Gil Basilio da Cunha	Esmenia Gomes da Cunha ..	253	20	65	1867
Gaspar de Souza Trindade	Severina de Souza Trindade	315	24	65	1871
Gaspar Antonio da Rosa ...	Luiza Alves da Rosa	357	27	65	1873
Gaspar Nunes de Miranda .	Izabel Custodia de Lima ..	435	34	65	1879
Gaspar Candido do Nascimento	Ant.ª Alves do Nascimento .	453	35	65	1880
Gertrudes Cabral Pereira de Souza	Ramon Ferreira Gonzaga	486a	37	65	1882
Gasparina de Souza Trindade	Franklin José de Souza ...	526a	39	65	1884
Gaspar Machado da Silveira	Virginia B. da Silveira	561	42	65	1887
Geraldina Pereira da Silveira	Gaudencio Ant.º da Silveira	658	48	65	1895
Gemina Ferreira Alves ...	Marcolino Ferreira Martins	759	53	65	1906
Genoveva Rodrigues Jacques	Amancio de Oliv.ª Jacques.	760	53	65	1906
H.					
Hypolito Francisco de Paula	Martinha Rosa de Jesus ...	316	24	65	1871
Hilario Pinto da Silva	Camila Ferreira de Matôs..	454	35	65	1880
Hortencia Abreu de Araujo	Ozorio Ant.º de Araujo	464	36	65	1881
Honorio Teixeira	Maria Francisco Pacheco ..	520	39	65	1884
Hipolito Fernandes da Luz	Não tem	562	42	65	1887
Herminia Constancia da Silva	Candido Rosario da Silva .	597	44	65	1890
Henriqueta de Souza Ril ...	Custodio de Souza Martins.	625	46	65	1892

Inventariado	Inventariante	N.º de folio	Maco	Est.	Ano
Faustino Antonio da Rosa .	Justina Melo da Rosa	763	54	65	1907
Horaides Dorneles dos Santos	Laurindo Pereira dos Santos	688	49	65	1898
Honorina José da Silva	José Pires da Silva	773	54	65	1909
I.					
Ignacia Antonia Alves e s/marido	Antonio José Paim	47	3	65	1835
Isabel Maria da Silva	Joaquina M.ª de Jesus	144	10	65	1855
Ignacio Baptista de Freitas	Loduvina da Silva Freitas	201	16	65	1860
Inocencio Manoel Cassal	Constança de Barros Cassal	227	18	65	1864
Ignacio Antonio da Rosa	Carlota Firmina da Cruz	238	19	65	1866
Israel Paulo de Souza	M.ª Fausta dos Santos	332	25	65	1872
Ignacio Santiago	Pedro Antonio Severo	563	42	65	1887
Ignacio Alves de Castro	Ubalдина Bica de Castro	626	46	65	1892
Ignacio José de Loyola	Thereza da Motta Loyola	638	46	65	1893
Izabel Camargo	Eugenia Camargo	673	48	65	1896
Ignacio Pires da Cunha	Clarinda Pires da Cunha	681	49	65	1897
Inocente Dorneles da Costa	Juvenal Dorneles da Costa	738	52	65	1903
Izidro Safão	Eva da Silva Safão	786	54	65	1911
J.					
José Antonio de Siqueira	Anna Ribeiro de Mello	206	17	65	1813
App. ao de Anna Ribeiro de Mello	Beátriz M.ª do Nascimento	1	1	65	1820
Januario de Avila Rodrigues	João Antonio da Silveira	2	1	65	1821
Joaquina Leocadia da Conceição	Thomazia Joaquina da Conceição	7	1	65	1829
José Mariano de Salles	Mafalda Francisca de Lima	11	1	65	1830
José Monteiro Mancio	Claudina Margarida de Jesus	16	2	65	1831
João Ignacio de Campos	Francisca Rita de Azevedo	17	2	65	1831
Joaquim Rodrigues de Oliveira	Felliciana Maria de Souza	18	2	65	1831

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	Maco	Est.	Ano
João Antonio da Silveira ..	Guilhermina Henriqueta de Magalhães	19	2	65	1831
Joaquim Leonel de Siqueira	Feliciano Pereira Fortes ..	20	2	65	1831
Joaquim José da Silveira ..	Catarina Antonia da Silveira	25	2	65	1834
José Rodrigues Ferreira ...	Maria Joaquina de Oliveira	26	2	65	1834
José Antunes Rodrigues ...	Anna Belina de Oliveira ...	27	3	65	1834
João Baptista de Castilhos.	Julia Joaquina da Silva ...	28	3	65	1834
Joaquim Soares Fragoso ..	Joanna Maria dos Santos ..	29	3	65	1834
João José da Silveira	Damasia M.ª de Almeida ..	30	3	65	1834
João Machado de Bitencourt	Rita Gomes de Oliveira	41	3	65	1835
Jeronymo Vieira dos Santos	Maria Thomasia Vieira	42	3	65	1835
Jacinto Rodrigues Chaves	Joanna Rosa de Oliveira ..	43	3	65	1835
Jeronymo Antonio de Vasconcellos	José dos Santos Abreu	44	3	65	1835
José Rodrigues da Rosa ...	Jacinta R. Jacques	51	3	65	1837
Joanna Maria da Conceição	Ignacio José Lopes Rodrigues Cruz	56	4	65	1838
José Amado da Silva	Eulalia Maria da Silva	57	4	65	1838
Jacinto José da Silva	Alexandre José da Silva ...	58	4	65	1838
João Messias Boeanegro ..	Maria da Encarnação	59	4	65	1838
Joaquina Thomazia da Silva e s/marido Felisberto Pereira da Silva	Manoel Luiz Cunha Menezes	65	5	65	1840
João Rodrigues de Almeida	Anna Firmina Diniz	67	5	65	1843
Januaria Leonor dos Reis e Maria Bernardina Braga.	Justiniano Gomes de Menezes	70	5	65	1846
Josephina das Chagas Rocha e s/ marido Manoel de Castro Leite	Lucio Bueno da Rocha	9	1	85	1847
José Joaquim de Souza	Maria Michaela Côrtes	83	6	65	1847
José da Rocha Cutita	Hypolito Francisco de Paula	84	6	65	1847
Joaquim Antonio da Silveira	Rita Antonia da Silveira ..	89	6	65	1848
Justiniano de Medeiros	Francisco Antonio da Rosa.	90	6	65	1848
João Carvalho de Oliveira.	Bernardina Nunes da Silva.	23	1	85	1849
João Carvalho de Oliveira.	Bernardina Nunes da Silva.	23	1	85	1849

(continua)

ATRAVÉS DA IMPRENSA

Psicanálise do Cafuné

Roger Bastide

(Da Universidade de São Paulo)

A interpretação psicanalítica do cafuné que nos vamos permitir apresentar tem, para nós, um interesse sobretudo metodológico. Trata-se de descobrir o meio de conciliar a psicanálise e a sociologia através de um exemplo.

Refutamos alhures a sociologia religiosa de Freud, seu romance da horda primitiva, do assassinio do pai e da descoberta do totemismo (1). Não mudamos de opinião; ao contrário, quanto mais avançamos em nossos estudos, mais esta construção, que parte de livros hoje prescritos e se funda em dados etnográficos hoje desprestigiados, nos parece um verdadeiro romance. Mas nunca negamos o valor e o interesse da psicanálise e pensamos que o sociólogo não deve desprezar sua aprendizagem. Aliás, os psicanalistas aproximam-se cada vez mais da verdadeira sociologia aqueles que se agrupam em torno da "Revue française de Psychanalyse" reconhecem, a par da influência das censuras familiares sobre a criança, a importância das coações coletivas na formação do

Super-Ego e observam que a inadaptação psíquica doméstica pode muito bem exprimir-se por uma mais perfeita adaptação social (2). E' conhecida a tese de Malinowski que mostra porquê o inconciente dos membros de uma família matriarcal não pode apresentar a mesma estrutura profunda dos membros da família contemporânea ocidental estudada por Freud. Mas foi Gyza Roheim quem viu melhor como seria possível conciliar o postulado freudiano da identidade libidinosa da humanidade com as conclusões da etnografia sobre a diversidade das culturas, mostrando-nos que, se os mesmos problemas surgem em toda parte, cada tipo de sociedade lhes dá uma solução diferente (3). Por-

(1) — Roger BASTIDE: "Elements de sociologie religieuse", Coll. A. Colin, 1935.

(2) — R. LAFORGUE: "La névrose familiale" e J. LEUBA: "La famille névrotique et les névroses familiales" (Rev. franc. de Psychan. 1936).

(3) — G. ROHEIM: "Australian Totemism", 1935. Cf.: "La psychologie de la zone de la culture de l'Australie centrale" (Rev. franc. de Psychan. 1932).

tanto, a consequência que se tira destes últimos trabalhos é que não cabe mais à psicanálise ditar uma nova sociologia para substituir a antiga mas, ao contrário, ao sociólogo traçar os quadros culturais em que os psicanalistas deverão colocar suas pesquisas (4). E' dentro dêste espírito que escrevemos o presente artigo.

Nosso ponto de partida será um texto de um viajante francês no Brasil, Charles Expilly: "A hora do grande calor... as senhoras, recolhidas ao interior dos aposentos, deitam-se no colo da mucama favorita, entregando-lhe a cabeça. A mucama passa e repassa seus dedos indolentes na espessa cabeleira que se desenrola diante dela. Mexe em todos os sentidos naquela luxuriante meada de sêda. Coça delicadamente a raiz dos cabelos, beliscando a pele com habilidade e fazendo ouvir, de tempos a tempos, um estalido sêco entre a unha do polegar e a do dedo médio. Esta sensação torna-se uma fonte de prazer para o sensualismo das crioulas. Um voluptuoso arrepio percorre os seus membros ao contacto dos dedos acariciadores. Invasas, vencidas pelo fluído que se espalha em todo o seu corpo, algumas sucumbem à deliciosa sensação e desfalecem de prazer sôbre os joelhos da mucama".

Expilly examina a seguir a importância do cafuné segundo as classes sociais. O costume é muito divulgado nas classes inferiores, diz êle, onde passa por facilitar a digestão, pois o momento que lhe consagram é a sesta após as refeições. Não aparece naquilo que se

poderia denominar aristocracia urbana, porquê é praticado "às escondidas, longe dos olhares importunos". Quanto à aristocracia rural, a dos fazendeiros, eis o que nos diz a respeito o viajante francês: "Na ocasião das solenidades religiosas ou nacionais que servem de motivo para banquetes e festas, que duram muitas vêzes vários dias a seguir, não é raro ver-se uma meia dúzia de senhoras recostarem-se negligentemente nos espaldares das cadeiras, entregando a cabeça a uma jovem escrava enquanto a conversa prossegue o seu curso".

"Se se acreditasse nas más línguas, algumas damas tinham razões mais poderosas para cultivar assiduamente o cafuné do que o desejo de uma doce superexcitação dos nervos, seguido de um estado de prostração que chega ao êxtase...

"Mesmo os homens não desdenham, durante as horas de lazer, a carícia de uns dedos ágeis, aflagando as suas cabeleiras. Um delicioso arrepio corre-lhe pelo corpo, cada vez que sentem o ruído significativo das unhas da mucama" (5).

Não demos senão uma pequena parte do texto de Expilly; mas essa passagem é suficiente para revelar a pouca simpatia que o autor nutria por tal costume, a espécie de repugnância física com

(4) — R. BASTIDE: "État actuel des études afro-brésiliennes" (Rev. Int. de Sociologie, 1939). Cf. A. RAMOS: "O negro brasileiro", 2.^a ed. S. Paulo, Cia. Ed. Nac. 1940 (apêndice).

(5) — Charles EXPILLY: "Mulheres e costumes do Brasil" (trad. de G. Penalva), S. Paulo, Cia. Ed. Nac. pág. 366-9.

que ele o comenta. Esta falta de carinho, essa repugnância física, encontram-se aliás em outros viajantes estrangeiros, por exemplo em Lindley:

“Ce que fait le vulgaire en Espagne et au Portugal se pratique ici dans toutes les classes de la société... Les deux sexes la suivent sans distinction, surtout les femmes, qui remplissent leurs heures de loisir de cet élégant amusement; et il est presque impossible, à moins que ce ne soit aux heures de repas et de la sieste, d'entrer dans une maison ou il n'y ait pas quelques uns des habitants ainsi employés. Je parle de cela aujourd'hui parce qu'en entrant dans l'appartement d'un prisonnier voisin (ci-devant homme respectable dans la province) je le vis, en conversant, poser délibérément la tête sur les genoux de sa femme, pensant que la présence d'un étranger ne devait pas empêcher l'opération dont je viens de parler, qu'il paraissait regarder comme une espèce de jouissance” (6).

Talvez me censurem por haver escolhido minha documentação entre escritores que não amavam o Brasil e que, na sua parcialidade, deformam por vezes os fatos e não podem ser considerados guias seguros das realidades brasileiras. Mas, além de que o ódio, como o amor, pode muitas vezes chegar a milagres de intuição, adivinhar o que outros olhos não saberiam ver, o que me interessa nesses dois textos é menos a análise de um costume brasileiro colonial que a reação dos europeus. Ora, esta rea-

ção lembra a dos doentes que seguem um tratamento psicanalítico. Assim que o médico anuncia a seu cliente as supostas causas do mal, as origens libidinosas de sua nevrose, que ama incestuosamente sua própria mãe, por exemplo, ele se revolta e mesmo muitas vezes abandona o médico para nunca mais voltar; é o momento da terapêutica que os freudianos chamam de “defesa”, e quanto mais forte é a defesa, dizem, mais possibilidades têm eles de estar no bom caminho. O que encontramos em Expilly e Lindley é uma espécie de “defesa” também; sua cólera é tanto mais forte quanto eles, certamente, se sentiram impressionados, pois esse costume despertou-lhes algo de confuso nas profundezas do inconsciente. Ambos sentiram que o cafuné não é um simples gesto de catar piolhos, que possui uma significação e Expilly já havia adivinhado que ele corresponde a uma determinada satisfação sexual.

Há, porém, ainda outro texto que nos aproximará mais desta explicação do cafuné pela sexualidade e este texto não é brasileiro, é um texto francês, pois se o termo cafuné é próprio do Brasil colonial ou imperial, a coisa em si é muito generalizada. Esse texto é um poema de Rimbaud: “Les chercheuses de poux”. Seu caráter de confissão é tão evidente que vamos citá-lo na íntegra:

(6) — Thomas LINDLEY: “Voyage au Brésil” (trad. fr. de Fr. Soullès, Paris, 1806), p. 40.

“Quand le front de l'enfant, plein de rouges tourmentes,
Implore l'essaim blanc des rêves indistincts,
Il vient près de son lit deux grandes sœurs charmantes
Avec de frêles doigts aux ongles argentins.

Elles assoient l'enfant auprès d'une croisée
Grande ouverte où l'air bleu baigne un fouillis de fleurs
Et, dans les lourds cheveux où tombe la rosée,
Promènent leurs doigts fins, terribles et charmeurs.

Il écoute chanter leurs haleines craintives
Qui fleurent de longs miels végétaux et rosés
Et qu'interrompt parfois un sifflement, salives
Reprises sur la lèvre ou désirs de baisers.

Il entend leurs cils noirs battre sous les silences
Parfumés; et leurs doigts électriques et doux
Font crépiter, parmi ses grises indolences,
Sous leurs ongles royaux la mort des petits poux.

Voilà que monte en lui le vin de la Paresse,
Soupir d'harmonica qui pourrait délirer;
L'enfant se sent, selon la lenteur des caresses,
Sourdre ou mourir sans cesse un désir de pleurer. (7)

Lembrança real da infância, certamente, pois mesmo no tempo da sua adolescência, quando o genial poeta abandonou sua família para aderir, em Paris, ao grupo dos decadentes, sua gaforinha sempre despenteada e cheia de piolhos desagrada a muita gente. Mas Rimbaud procurara naquela catação de piolhos à qual suas irmãs se entregavam em sua cabeça, um outro prazer além do simples prazer da limpeza, uma outra volúpia, de ordem sexual, e soube observar também que este prazer era compartilhado por elas, que experimentavam tanto prazer em passear seus dedos pelo calor dos cabelos embaraçados quanto ele próprio ao deixar embaralhá-los, ele adivinha

no bater de seus cílios negros, no sibilar da saliva retomada sobre os lábios, um esbôço de beijo.

Temos, portanto, neste conjunto de textos, uma documentação suficiente para nos justificar a tentativa de uma interpretação psicanalítica do cafuné. E' essa interpretação que vamos agora desenvolver.

Os animais domésticos ou superiores já têm o hábito de se procurarem mutuamente suas pulgas. Os gatos e os cães prestam-se entre si tal serviço; quem não viu ainda os macacos também se entregarem a essa caça, com gestos hábeis

(7) — Artur RIMBAUD: “Oeuvres complètes.”

e graciosos? E os pequenos parasitas apanhados são muitas vezes tragados por uma boca gulosa.

Os primitivos, neste ponto, não estão muito longe dos macacos. Malinowski, nos seus belos estudos sobre os indígenas das ilhas Tobrioland, mostra-nos toda a importância da "catação" na vida quotidiana desse povo onde é prática agradável aos amorosos: "Chacun fouille les cheveux de l'autre et en retire les poux qu'il mange; pratique que nous trouvons dégoûtante, mais que les indigènes trouvent naturelle et agréable entre deux amoureux; c'est également leur passe-temps favori quand ils sont avec des enfants" (8). O casamento, que modifica tantas coisas no comportamento erótico dos Tobriandeses, pois que à liberdade sexual dos jovens segue-se uma espécie de pudor novo (os recém-casados têm vergonha de viver juntos na casa dos pais, não se lhes deve falar de sua vida sexual, eles evitam qualquer gesto na frente de terceiros suscetíveis de revelar seu amor), não faz desaparecer esse hábito, como o mostra bem uma das fotografias tiradas pelo explorador. E' preciso, finalmente, assinalar que as crianças, que imitam em seus brinquedos a vida amorosa dos adultos, não deixam de se entregar também a este terno divertimento da "catação". Se se acrescenta a tais fatos o lugar ocupado pelo ato do desenrolar dos cabelos no seu ceremonial religioso, temos na Melanésia todos os elementos de um "complexo da cabeleira".

Parece, entretanto, que a "catação" não tem aqui nada de libidi-

noso. Se o tivesse, um observador tão avisado como Malinowski teria dito alguma coisa. A liberdade sexual dos jovens é exageradamente grande para que esse gesto possa ser entre eles o substituto de qualquer desejo recalcado; e se os casados, tão cuidadosos em dissimular suas relações eróticas, não temem catar seus próprios parasitas em público é porque esta caça não lhes desperta nada de suspeito. Quando muito, junta-se a isto uma ligeira camaradagem amorosa. Não receíamos nos enganar ao dizer que este costume conserva entre os primitivos, como entre os animais, seu caráter utilitário: é uma simples medida de profilaxia ou de higiene. Existem mesmo alguns povos entre os quais o piolho é um animal quase sagrado; os Esquimaus que não os têm durante o inverno, devido ao frio que mata todos os parasitas, saúdam com alegria a sua chegada, pois eles são o sinal da vinda do verão, da bendita estação da pesca e da caça (9). Se me permitem uma expressão bem poética para um assunto nada poético, direi que os piolhos são as andorinhas dos Esquimaus.

Lindley, no texto que citamos, parece pensar que o cafuné brasileiro vem dos colonos portugueses, que teriam transportado esse costume para o novo "habitat"; ele apenas se teria generalizado das classes baixas a todas as classes

(8) — B. MALINOWSKI: "La vie sexuelle des sauvages du Nordouest de la Mélanésie (trad. fr. de Jankevitch), Payot ed.

(9) Knud RASMUSSEN: "Entre tribus de Esquimaux desconocidas" (trad. hesp.), Barcelona, 2.ª ed. 1932.

da sociedade. Mas a etimologia do termo parece indicar origem muito diversa; Renato Mendonça faz vir esta palavra, que designa primitivamente o estalido das unhas do alto da cabeça, do quimbundo *Kafundo*, que significa estalar, enterrar, e o prefixo classificador *caf*, que se encontra no Brasil no africanismo *cafúá*, quarto de prisão para os alunos dos colégios, indica uma idéia de penetração, o que é de fato perfeitamente típico do movimento das mãos penetrando na cabeleira (10). Há, portanto, probabilidades de que o cafuné brasileiro seja mais de origem africana que lusitana, e esta hipótese é ainda mais confirmada pelo fato do cafuné ter-se desenvolvido nas zonas escravagistas e ser mais difundido no nordeste da cana de açúcar do que no Rio, e mais no Rio do que no sul do país.

Como quer que seja, o importante aqui é que o gesto deixa de ser um simples gesto utilitário para se transformar em um cerimonial demorado e complicado, uma lenta carícia da mão hábil entre os cabelos soltos, uma festa da preguiça nas horas quentes do dia, que ele não é mais uma medida de higiene ou de limpeza da cabeça, mas a procura de um prazer, e que este prazer é um prazer incluído nos costumes de um certo tipo de sociedade: a sociedade escravagista, que se reveste assim de um caráter sociológico. E' nos preciso, portanto, mostrar sucessivamente como um gesto utilitário pôde transformar-se em um gesto de prazer e, então, procurar no cafuné uma metamorfose da Libido; ver, em se-

guida, o motivo por que tal metamorfose se transformou em uma espécie de instituição social, um hábito coletivo, em vez de permanecer como um hábito peculiar somente a alguns indivíduos e assim completar a interpretação psicanalítica por uma explicação sociológica.

O estudo dos sonhos, do folclore e dos mitos leva à mesma conclusão: a cabeça e a cabeleira são símbolos dos órgãos genitais. Por exemplo, o sonho do cabeleireiro citado por Freud revela em um menino de seis anos, incontestavelmente, o medo da castração, a lembrança angustiada de alguma ameaça maternal contra um mau hábito de garoto: "Il va chez le coiffeur pour se faire couper les cheveux. Une grande femme au visage sévère vient à lui et lui coupe la tête. Il reconnaît que la femme est sa mère" (11). O mito de Sansão é absolutamente significativo a esse respeito: o sêgrêdo de sua força reside em sua cabeleira; quando Dalila consegue rou-

(10) — Renato MENDONÇA: "A influência africana no português do Brasil", S. Paulo, Cia. Ed. Nac.

(11) — FREUD: "La science des rêves" (tradu. fr.), Alcan, 1926. O mesmo simbolismo da cabeça se assinala em outro sonho da mesma obra: uma senhora sonha que está atravessando o salão de seu apartamento e que dá uma cabeçada contra o lustre pendente do teto, do que resulta uma chaga sangrenta; "la tête apparaît ici comme le symbole de la partie opposée du corps (em vertu de l'identité des contraires). La signification symbolique du lustre est évidente, tous les objets allongés sont des symboles de l'organe sexuel masculin. Il s'agissait donc d'une hémorragie de la partie inférieure du tronc à la suite de la blessure occasionnée par le pénis. P. 197-8.

bar-lhe o sêgrêdo e lhe tosa os cabelos, êle perde imediatamente tôda a potência viril e cai à mercê de seus inimigos. Aqui temos ainda uma castração simbólica. Aliás, os textos bíblicos não deixam de assinalar a relação existente entre a cabeleira e a potência fálica, pois o que caracteriza o Nazareno, chefe e profeta dos judeus, é a dualidade dos seus tabús; êle não deve cortar os cabelos e deve proibir-se tôda inversão sexual (12); seria melhor dizer que êle não deve transformar-se em mulher. Mas não é só entre os israelitas que a cabeleira é indício de força: muitos povos como os Gauleses e os Francos ignoravam a tesoura, outros reservavam o uso dos cabelos compridos aos chefes e creio que devemos ver no tufo de cabelo dos toureiros, tufo que êles só cortam depois de deixar a arena e, em sentido oposto, na tonsura do padre, sobrevivência desta crença, o topete como indício de virilidade e a tonsura como sinal do voto de castidade. Aliás tais considerações psicanalíticas, para ser exatas, devem ser completadas pelos dados da sociologia porque chega um momento em que, naturalmente, o simbolismo é esquecido e são então os caracteres próprios aos diversos grupos sociais que justificam certos usos; assim é que as mulheres conservaram, pouco mais ou menos, até nossos dias a cabeleira longa e os homens a abandonaram. As mulheres formam com efeito um grupo essencialmente conservador em oposição ao grupo masculino (13).

G. Roheim demonstra que o fei-

ticeiro não pode agir sôbre seus inimigos senão quando possui qualquer coisa que lhes pertence, os cabelos por exemplo; é que esta posse corresponde a uma perda de substância do inimigo e é, de certo modo, o indício de uma castração dêste último e Roheim, ultrapassando a célebre análise da magia pelo narcisismo, insistiu neste caráter da ação mágica, considerada como uma castração à distância (14). A princesa Maria Bonaparte associa o costume, caro aos indígenas, dos troféus de cabeça e do escalpamento, ao mesmo símbolo fálico da cabeça: conservar as cabeças dos inimigos que mataram na guerra, é conservar um substituto do falus, centro da potência viril do adversário (15). Não se poderia ver na prática dos Fân (África) de conservar o crânio dos ancestrais, também um meio de conservar sua força fálica? (16). Todos êstes fatos provam claramente que a cabeleira e a cabeça são bem símbolos dos órgãos genitais.

E'nos assim, mais fácil agora compreender a significação do cafuné. Tomemos primeiramente o caso dos meninos que gostam de

(12) — Max WEBER: "Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie" T. III, die antike Judentum, Tübingen, 1921.

(13) — W. DEONNA: "Les groupes sociaux et l'art" (Rev. Int. de Sociol., 1928).

(14) — G. ROHEIM: "Animism, Magic and the divine King", London, 1930.

(15) — Marie BONAPARTE: "Le symbolisme des trophées de tête" (Rev. fr. de Psychan., 1934).

(16) — R. P. H. TRILLES: "Le totémisme ches les Fân", Bibliot. Anthropos., 1912.

se fazer coçar a cabeça. E façamos uma distinção entre o caso dos meninos e o das meninas. Veremos, em primeiro lugar, que os meninos ávidos do prazer proporcionado pelas mãos femininas que lhes embarçam os cabelos são geralmente crianças tranqüilas, tímidas, concentradas, introvertidas em suma, dessas das quais se diz que não largam a saia de suas mães. Os extrovertidos, ao contrário, mesmo quando têm parasitas, não podem suportar que alguém os cate e ficam aflitos por abandonar os joelhos sobre os quais lhe colocaram a cabeça, preferindo os brincos de fora, as batalhas da rua com outros garotos de sua idade. Notaremos a seguir que o cafuné é praticado ou pela mãe, ou pela avó ou, enfim, como no caso de Rimbaud, pela irmã mais velha. O menino se dá bem conta de que há algo de ambíguo na satisfação que sente com essas lentas carícias dos dedos que lhes caminham pelos cabelos e, com o passar do tempo, já adulto, ele conservará consigo uma espécie de secreto remorso, que se manifestará pelo temor do cabeleireiro; não se trata de um medo da castração neste caso, mas de uma angústia mais sutil, a angústia da mão sobre os cabelos; daí a demora em ir ao cabeleireiro, a recusa obstinada à fricção e ao "schampoing" e as razões falsas que se dão, como falta de tempo, necessidade de fazer economia, etc. (17).

Quanto às meninas, observamos algo mais curioso ainda: as mesmas crianças que tremem ao chegar o momento do dia destinado

aos cuidados dos cabelos, que choram enquanto sua mãe lhes desembaraça os cabelos, gostam de olhar sua cabeleira solta ao espelho e, ao se contemplar passam o pente docemente entre as mechas úmidas e as tranças.

Basta comparar alguns desses fatos para apanhar o sentido oculto do cafuné. A idade da criança que se entrega a este hábito é a mesma indicada pelos psicanalistas como a do complexo de Édipo, ou do complexo de Electra para as meninas, aliás precedido nelas por um complexo primário de Édipo (18). A criança, detida pela censura social, deve desviar o curso da Libido desta via proibida. Intervém então a tentação da masturbação, que representará aqui exatamente o papel que lhe dá a Bíblia na história de Onan: tornar possível um ato condenado. Mas a censura social intervém de novo, para reprimir a tentação: é preciso então encontrar, custe o que custar, um substitutivo para o ato proibido. Ora, sendo a cabeça, como vimos, o símbolo dos órgãos genitais, passamos do onanismo real ao onanismo simbólico e cabe à cabeleira ser acariciada. O desejo da masturbação, porém, mistura-se aos resíduos do com-

(17) — É preciso notar que é o seu próprio caso, como o confessa Ch. Expilly: "Não posso aceitar a intervenção estranha nos cuidados delicados que exigem a higiene física... Nem mesmo a mão de um barbeiro profissional já cuidou da minha barba" (o. c.). Isto confirma nossa suposição de que a defesa de Ch. Expilly tinha suas razões libidinosas.

(18) — LAMPL-DE-GROOT: "O complexo de Édipo na mulher" (Int. Zeitsch. f. Psycho. XIII).

plexo de Édipo: eis porquê o cafuné se faz a dois, pois o incesto é substituído pelo movimento da mão materna sobre a cabeça. E como esta mão materna é ainda muito suscetível de impressionar o inconsciente, apela-se freqüentemente para a da avó ou para a da irmã mais velha que são, como os psicanalistas o demonstraram muito bem (19), os substitutos naturais, mas aparentemente menos perigosos, porquê mais distantes da mãe. Compreende-se, portanto, porquê a menina que se recusa a deixar pentear por sua mãe, tem prazer em arranjar seus cabelos diante de um espelho, gozando assim o prazer de um exibicionismo simbólico de uma masturbação igualmente simbólica e compreende-se também porquê o adulto pode manifestar repugnância ante a fricção do cabeleireiro, que lhe desperta uma sexualidade infantil que ele acreditava recalçada para sempre (20).

Se nossa interpretação é exata, resta-nos perguntar agora como o Brasil da cana de açúcar pôde passar do cafuné individual, que caracterizava a sociedade européia da época e que subsiste ainda sob uma forma esporádica, a um cafuné coletivo, a um verdadeiro cerimonial social; e como um hábito, que se encontrava ao mesmo tempo nos meninos e nas meninas, mas sempre nas crianças, tornou-se um hábito de adultos, próprio especialmente, fora das classes populares, à população feminina. E' aqui que a psicanálise deve pedir auxílio à sociologia.

Uma primeira circunstância nos

choca imediatamente, e são os limites geográficos do cerimonial, ao qual o paulista foi sempre refratário. E' que o bandeirante ávido de aventuras, o fazendeiro de café desejoso de um melhor equipamento do país e de ganhar sempre mais, representam uma sociedade de extrovertidos. E' para o nordeste dos engenhos de cana de açúcar que nos devemos dirigir. O que o caracteriza é que o senhor de engenho separava sua vida marital de sua vida amorosa. A mulher branca, que ele desposava ainda jovem, ao sair do convento, na época dos primeiros sonhos ro-

(19) — Ernest JONES: "Traité théorique et pratique de Psychanalyse" (trad. fr.), Payot, 1925 e FLÜGEL, in E. Jones: "Social aspects of Psychoanalysis", Londres, 1924.

(20) — O mesmo esquema de evolução, do complexo de Édipo à masturbação e desta a um dos seus substitutos simbólicos, mas, na minha opinião, de um modo muito mais problemático, foi dado por F. F. JUNG em: "Metamorfoses e símbolos da Libido", para explicar a descoberta do fogo. O tabú do incesto, segundo ele, acarreta a regressão da sexualidade para o onanismo, mas como o espírito está sempre agarrado à mãe, procura-se uma substituição em um objeto exterior e este objeto exterior será, por associação linguística, a madeira (matéria, mater): "não nos enganamos muito ao atribuir a origem do fogo a uma atividade quase onânica sobre qualquer objeto, análogo ao caso do "forage masturbatoire", descoberto pelo autor em um doente catatônico que apertava sem cessar sua fronte com o dedo. Jung apoia-se sobretudo em um texto dos Vedas onde se vê Atman se desdobrar em marido e mulher e parir assim todos os seres da criação, depois do que o deus diz consigo mesmo: "Verdadeiramente, sou eu o criador, pois criei todo o universo". Aqui, ele esfregou as mãos na parte anterior da boca (passagem da hetero-sexualidade ao onanismo) de onde, como do seio materno, ele produziu o fogo (passagem do onanismo à produção do fogo).

manescos e do despertar dos sentidos, não era considerada por ele senão como dona da casa, dirigente dos escravos e sua enfermeira se fôsse preciso, e, sobretudo, como procriadora. Sua vida amorosa ele reservava para as negrinhas e as mulatas da senzala. Assim sendo, as reservas acumuladas de carinho da jovem branca careciam de um reservatório onde transbordar. Esta "compressão da mulher", para empregar a expressão de Gilberto Freyre, que tão bem analisou este tipo de estrutura social (21), não podia deixar de acarretar um certo número de perturbações. A primeira delas é uma transposição da feminilidade, uma masculinização da mulher: "andando a cavalo por toda a parte, lidando com os vaqueiros, com os mestres de açúcar, com os cambiteiros, dando ordens aos negros, tudo com uma firmeza de voz, uma autoridade de gesto, uma segurança, um desassombro, uma resistência igual à dos homens" (22). Entretanto, ela não podia escapar à influência sensual, enervante, criada pelo marido entretido em seus amores poligâmicos até em sua própria casa, até sob seus olhos. Paulo Prado evocou à perfeição esse ambiente de luxúria no meio do qual ela era obrigada a viver (23). Casada muitas vezes aos doze, treze anos, vivendo "sob a dura tirania dos pais, depois substituída pela tirania dos maridos", "senhores maridos de quarenta e cinquenta, de sessenta e setenta", "a quem se dirigiam sempre com medo, tratando-os de Senhor" (24), e sentindo pairar à sua volta o ar lú-

brico das negrinhas semi-nuas acariciadas pelo marido, não se revoltaria ela e não iria procurar em outra parte consólo para seus sonhos ultrajados? A censura social, porém, era particularmente severa. Não há dúvida de que os viajantes franceses, como Pyrard de Laval, Frézier e Froger, falam com certa dilação de suas agradáveis aventuras brasileiras; mas A. de Taunay e G. Freyre, um historiador e um sociólogo, que estudaram particularmente as descrições dos viajantes coloniais, observam que tais histórias deixam transparecer a vaidade de ilusórios *Don Juans*, soam falsas e são contestadas pelos ingleses John Mawe, White e por outros franceses, observadores mais escrupulosos e mais justos, como o nosso incomparável Saint Hilaire (25). Porquê se admirar,

(21) — GILBERTO FREYRE: "Casa Grande e Senzala", 2.^a ed. Rio, Schmidt 1934, e "Sobrados e Mucambos", S. Paulo, Cia. Ed. Nac., 1936. "A exploração da mulher pelo homem, característica de outros tipos de sociedade ou de organização social, mas notadamente do tipo patriarcal-agrário — tal como o que dominou no Brasil — convém à extrema especialização ou diferenciação dos sexos. Por essa diferenciação exagerada, se justifica o chamado padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as liberdades de gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite que ele estiver disposto a procriar" (p. 117-8). Sobre a vida das mulheres em S. Paulo, ver A. de TAUNAY: "Sob El Rey Nosso Senhor", S. Paulo 1923 — cap. IV.

(22) — Idem, pág. 121.

(23) — PAULO PRADO: "Retrato do Brasil", 14.^a Ed. Rio, 1931.

(24) — "Casa Grande", p. 454 e segs.

(25) — PYRARD DE LAVAL: resumo de A. d'E. Taunay: "Na Baía colonial", S. Paulo, 1923; FRÉZIER: "Relation du voyage de la mer de sud", 1716; J. MAWE: "Tra-

aliás, desta castidade conjugal?

"Tudo nos leva a crer na extrema dificuldade das aventuras de amor das mulheres coloniais, a toda hora cercadas de olhos indiscretos, Olhos de frades. Olhos de negros. Olhos de sogras. Os olhos dos negros, mais vigilantes, elas podiam mandar arrancar sob um pretêxo qualquer. Mas os dos frades e os das sogras eram de mais difficil eliminação" (26). Ainda mais, a coação moral que pesava sobre a esposa não era apenas externa, não residia somente na firmeza desses olhos guardiões fixos nela, ou no medo da faca que sempre punia a adúltera: a coação era também interna, constituída por representações coletivas, pela educação religiosa, pela tradição moral herdada das mães, impondo-se como uma barreira intransponível aos desejos libidinosos, que eram recalçados nas partes mais profundas do inconsciente a ponto que só muito raramente podiam aflorar à consciência clara, como essas bolhas de ar que a gente vê subir da lama dos paúes, mas que ao chegar à superfície estalam e morrem.

Há outro traço dessa sociedade escravagista que, neste terreno, tem grande importância; é que a mulher branca, expulsa da sociedade dos homens, vai viver em uma espécie de gineceu à sua moda. Isto é uma das coisas que mais impressionaram os estrangeiros de passagem no Brasil, essa fuga, esse desaparecimento da dona-de-casa das boas famílias toda vez que eles chegavam e penetravam na grande sala de visitas. Vida reclusa, em companhia de outras mulheres, a

fazer doces, bolos, a bordar, a fiscalizar e dirigir os trabalhos dos escravos de côr, as visitas das amigas, a tagarellice, as sextas e os ritos da "toilette" entre as muçamas, como uma espécie de tradição árabe, datando da época em que Portugal era ocupado pelos Mouros. Ch. Expilly viu muito bem o interesse desta influência oriental para a compreensão do cafuné:

"Não é fácil traduzir esta palavra e dar uma idéia clara e nítida do seu valor às damas européas. Queira a leitora lembrar-se de que estamos nos trópicos e que visita comigo uma sociedade onde os usos e os costumes diferem essencialmente dos nossos. Reflita também na inferioridade do sexo nessas regiões... O cafuné é para as senhoras brasileiras o que é o banho para as mulheres submetidas ao despotismo oriental: uma distração e um prazer" (27).

Ora, a consequência sexual que resulta desta separação de sexos, a grande tentação do gineceu, é evidentemente o amor lésbico. Devemos portanto nos perguntar se o Brasil da cana de açúcar conheceu tal tentação. Temos aqui uma documentação preciosa, os arquivos das visitas da Inquisição à Baía e Pernambuco. Sem dúvida não nos devemos fiar muito nas denúncias,

vells in the Interior of Brazil", Philadelphia, 1816; J. WHITE: "Journal of a Voyage to New South Wales", London, 1790; e A. de St. Hilaire: "Voyage dans l'intérieur du Brésil" Paris, 1830. Discussão nos diversos livros de TAUNAY consagradas aos viajantes do Brasil e em G. FREYRE, "Casa grande", pag. 457 e segs.

(26) — G. FREYRE, o. c. p. 459.

(27) — EXPILLY, o. c.

nos diz-que-diz-ques, nos mexericos de bairro, nesse fluxo de ódios, de invejas, que nunca correspondem a nenhuma realidade objetiva, que exprimem apenas a maldade do coração humano. Em compensação, as *Confissões* têm valor completamente diverso. E mesmo nas denúncias devemos guardar um fato que nos interessa ao primeiro olhar: as denúncias das mulheres contra seus maridos provando que o recalamento da Libido, impedida de se escoar pelas vias normais da hétéro-sexualidade legítima, conjugal, não se fazia sem crises nem sem sofrimento.

Que nos ensinam então os papéis da Inquisição? Primeiro, que o amor lésbico era um vício de crianças muito largamente difundido: Ana Rey, de 11 a 12 anos (28); Guiomar Pinheira, 8 anos; Maria Rangel, 13 a 14 anos; Francisca, quase da mesma idade; Guiomar Pisçara, de 12 a 13 anos; Madalena Pimentel, de 9 a 11 anos, “em deshonesta amizade” com outras meninas da sua idade: Mícia Lemos, Iria Barbosa, Ana Fernandez; enfim, Isabel Marques, de 10 anos (29). Vemos também que tais hábitos viciosos não parecem haver penetrado nos meios aristocráticos, mas haver sido geralmente apanágio da gentinha: Felipa de Souza, que “falava muitos requebros e amores e palavras lascivas” (30), que cortejava “Paula Antunes, Maria de Peralto e outras muitas mulheres e moças altas e baixas” e que “também dentro em um mosteiro onde ela estivera usara do dito pecado”, é uma mulher de pedreiro (31), e uma das vítimas de

suas assiduidades é “uma moça casada com hum alcorcovado ferreiro”; o marido de Paula de Sequeira, outra amiga da mesma lésbica impenitente, é contador de fazenda (31); o marido de Maria Lourenço é caldeireiro; o de Guiterea Sequa é alcaide; o de Francisca, mestre de “açuqueiro”; o de Guiomar Pisçara, lavrador e o de sua amiga é alfaiate; o marido de Isabel Marques é sapateiro (32); Maria Rangel é filha de um procurador; Francisca o é de um carpinteiro; Isabel Marques, de um cônego e Caterina Baroa, de um alfaiate (34). Muitas destas mulheres se deleitavam já com êsses divertimentos desde muito meninas, quando corriam pelas ruas ou pelos cais do Pôrto; encontravam, porém, aqui uma nova categoria de parceiras: as mulheres de côr. Maria Lucena “dormia carnalmente com as negras da casa”; Maria Roiz, casada, procura Ana, uma pequena mestiça de 11 anos (35), Guiterea Sequa, uma pequena mameluca de 8 anos, e vemos ainda a mesma “deshonesta amizade” unir uma pequena camponesa de 12 anos a uma negrinha da Guiné de 18, uma branca, Madalena Pimentel a uma parda, Iria Barbosa,

(28) — “Primeira Visitação do Santo Offício às parte do Brasil — “Denúncias de Pernambuco”, S. Paulo 1929.

(29) — “Primeira Visitação... Confissões da Baía”, S. Paulo, 1922 p. 25, 124, 158.

(30) — Idem, p. 72.

(31) — Idem, p. 47.

(32) — Idem.

(33) — Idem, p. 72, 95, 124, 157.

(34) — Idem, p. 124.

(35) — Denúncias de Pernambuco, p. 49.

e Caterina Barbosa a Isabel Marques, mestiça (36).

Mas, 1.º): à medida que passamos do século XVI aos séculos XVII e XVIII, isto é, à medida que o africano prevalece sobre o índio na sociedade e que o regime patriarcal se implanta nos costumes com toda a sua força constrangedora; e

2.º): à medida que passamos das classes baixas, da gentinha da cidade, dos agregados do campo, à aristocracia dos engenhos,

é evidente que a tentação lésbica é cada vez mais recalcada para as profundezas do inconsciente. Primeiramente há uma grande diferença entre a situação sexual do homem e a da mulher branca em relação às pessoas de cor: se a Venus negra é objeto de uma secreta predileção por parte do europeu, a européia, ao contrário, experimenta freqüentemente uma certa repulsão em se ligar a indivíduos que têm outra coloração da epiderme; e essa repugnância parece acentuar-se ao se passar das classes pobres para as classes ricas ou nobres (37). Em segundo lugar, o desenvolvimento da família patriarcal acarretava evidentemente o triunfo da moral que lhe correspondia, isto é, toda liberdade ao homem, dono e senhor, e a maior severidade para a mulher; a esta cabia o domínio da santidade. Nenhum desvio, mesmo ligeiro, lhe era perdoado; e, como esta moral pesava com todo o seu peso sobre a criança, desde o seu nascimento, não é de admirar que a censura social tenha impedido de vir até à consciência, mesmo sob

a forma de uma simples baforada de desejo imediatamente rejeitada com terror, o pensamento de deitar com uma mulher e, com mais razão, com uma negra. E, como, finalmente, esta "compressão da mulher", de que falamos mais acima, se traduzia freqüentemente pela procura das emoções religiosas, das consolações da Igreja, pois a fé católica era onipotente sobre os espíritos e os corações, não nos devemos surpreender ao encontrar na brasileira dessa época a mais estrita moralidade.

Mas isso não impedia que suas aspirações sentimentais fôssem ultrajadas e que o casamento não lhe desse a felicidade que ela sonhava. Não impedia menos que a Libido recalcada procurasse encontrar um exutório, tanto mais quanto o ambiente de luxúria, criado pelos amores poligâmicos de seu marido e de seus escravos, não podiam senão exasperar esta Libido rejeitada. Esta só podia expandir-se em tais condições de vida, sobre as mulheres que a cercavam, que a vestiam, que lhe serviam de confidentes e que eram suas companheiras em todo o decorrer do dia, suas mucamas. Mas, como a censura velava impiedosamente os gestos verdadeiros, elas se aproveitaram da introdução de um hábito africano trazido para cá, de um rito inicialmente utilitário, para os transformar em gestos simbólicos. O cafuné foi, portanto, um substituto dos divertimentos lésbi-

(36) — Confissões da Baía", p. 95, 158.

(37) — René MUNIER: "Sociologie coloniale", Paris, T. I, p. 171.

cos. E por isso mesmo elle teve uma função útil, pois representou uma salvaguarda da moral.

Pode-se encontrar uma confirmação desta interpretação no desaparecimento actual do cafuné como instituição social. Quando a família patriarcal se desagregou para dar lugar, pouco a pouco, a partir do Império, a partir da urbanização do Brasil, a família conjugal, quando se substituíram as relações de subordinação entre os esposos pelas relações de colaboração, quando o casamento de amor tendeu a

suplantar o casamento de razão — esta evolução é bem caracterizada pelo advento do romantismo, pelos romances de Machado de Assis, pelas modificações feitas no Código Civil — então o cafuné pôde manter-se ainda um momento pela força do hábito: os viajantes do tempo do império o comprovam. Entretanto, elle não podia deixar de desaparecer, uma vez que não mais correspondia, daí por diante, a nenhuma finalidade, pois o casamento restituiu à Libido sua via normal de escoamento.

(da "Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo").

BANCO NACIONAL DO COMMERCIO

Fundado em 1895 — Séde: Porto Alegre

RUA SETE DE SETEMBRO N.º 1085

Capital Subscripto	25.000:000\$000
Capital Realizado	18.750:000\$000
Fundo de Reserva	23.400:000\$000
Fundo Especial para Depreciação dos Edifícios occupados pelo Banco	1.300:000\$000

SUCCURSAES — Nos Estados do Rio Grande do Sul, S. Catharina e Paraná.
CORRESPONDENTES — Nesses mesmos Estados e nas principaes praças
do Paiz e do Estrangeiro.

Instituto Inter-Americano de Musicologia de Montevideo

O decreto que organizou este notável Instituto é o seguinte:

VISTOS: a Resolução aprovada pela VIII Conferencia Internacional Americana celebrada em Lima, a 24 de dezembro de 1938, para o incentivo das investigações musicas em nosso continente;

ATENDENDO: a que nessa resolução se recomenda, especialmente, a obra que o Uruguay realizou dentro do Instituto de Estudos Superiores, por intermedio da Seção destinada áquelas investigações, mencionando, sobre o caso, a publicação do **BOLETIM Latino Americano de Musica**, como um órgão de alto interesse para o melhor conhecimento do acervo musical do novo Hemisferio;

ATENDENDO: a que o Congresso Internacional de Musicologia, realizado em Nova-York em 1939 e a Conferencia de Relações Inter-americanas no campo da musica, celebrada em Washington, no Departamento de Estado, em o mesmo ano, recomendaram igualmente desenvolver os trabalhos de Montevideo, salientando a sua generosa finalidade;

CONSIDERANDO: que o Governo da Republica estima por sua parte, altamente louvaveis taes propositos e deseja auspiciar a função cultural sob a direção de nosso país, de maneira que o Instituto Inter-americano de Musicologia, já fundado com carater privado, possa servir de liame e centro de irradiação nos diferentes aspectos da produção musical das Americas;

CONSIDERANDO: que as finalidades do Instituto referido prestariam verdadeira utilidade para as atividades da cooperação intelectual que o Governo da Republica desenvolve por intermedio do Ministerio de Relações Exteriores, em cumprimento de acordos internacionais assinados,

O PRESIDENTE DA REPUBLICA

RESOLVE E DECRETA:

ARTIGO 1.º — Concede-se carater oficial ao **INSTITUTO INTER-AMERICANO DE MUSICOLOGIA** com sede em Montevideo, sob a Direção do Professor Doutor Francisco Curt Lange.

ARTIGO 2.º — Serão finalidades principaes do INSTITUTO:

a) o desenvolvimento das relações interamericanas na arte musical; particularmente o intercambio de obras e a realização de concertos de musica americana.

b) a incorporação temporaria ao Instituto de professores e estudantes superiores que desejarem profundisar seus conhecimentos nos Arquivos do Instituto e fazer conhecer suas investigações.

c) a organização de um Centro de Investigações que atenda ao estudo do passado musical do continente e estimule sua atual produção folklórica, musicologica e pedagogica.

d) a formação da Biblioteca INTERAMERICANA DE MUSICA, do Arquivo Nacional de Partituras e do Museu Interamericano de Instrumentos Musicais.

e) a publicação de estudos individuais e coletivos nos órgãos officiaes de publicidade do Instituto, e a edição de musica inedita americana.

f) a preparação de um plano para constituir a ASSOCIAÇÃO interamericana de Musicologia e da Associação interamericana de Pedagogia Musical.

g) a organização de Congressos periodicos que facilitem as reuniões dos profissionais mais representativos de cada paiz e a exhibição e discussão de seus trabalhos e projetos.

h) contribuir nas atividades que correspondem á Cooperação Intelectual Internacional que ventilarão os paizes americanos, em cumprimento aos diferentes acordos assinados.

ARTIGO 3.º — O Diretor do Instituto Interamericano de Musicologia deverá submeter ao Poder Executivo, no mais breve praso possível, um projeto de organização do mesmo, dentro das orientações enunciadas no artigo anterior, e fica autorisado para intensificar as relações já existentes desde a criação do movimento "Americanismo Musical" com os musicologos, creadores, pedagogos, investigadores de ciencias e artes afins, e entidades competentes nos paizes americanos, afim de lograr a cristalização dos propositos que inspiram o presente decreto.

ARTIGO 4.º — O Instituto Interamericano de Musicologia, com sede em Montevideo, quanto ao que se refere com suas atividades no exterior — dependerá da Direção de Institutos Internacionais do Ministerio das Relações Exteriores, que porá os elementos necesarios a sua disposição, para o melhor exito das finalidades que inspiram o presente decreto.

ARTIGO 5.º — Comuniquese, etc... (Ass.) BALDOMIR.

(Rfd.º) A. Guani T. Olaso.

Do Ministerio de Relações Exteriores —
M. de I. Publica e Previsão Social — Montevideo — 26/VI/1940.

“Portugal e a Academia de Itália”

“A Real Academia de Itália, fundada por Mussolini, foi também por êle alojada nas maravilhosas salas da Farnesina, uma das joias de Roma. Não é um palácio grandioso e severo como são quasi todos os romanos: é uma leve e graciosa casa de campo, talvez o que os Franceses no século XVIII chamariam *une folie*, rodeada de jardins edénicos, mandada construir na Renascença, numa das mais formosas margens do Tibre, por Agostino Chigi, banqueiro dos Papas e chefe de uma família que mais tarde se alçou até à cadeira de S. Pedro. Para a construção e ornamentação dessa vivenda o seu proprietário entendeu-se com Rafael, com Peruzzi, com Júlio Romano, com Sodoma, com todos os grandes pintores da época: e são os luminosos “frescos” desses magos da Arte, bem merecendo o nome até pela imortal juventude que exalam e pelo sabor pagão da sua beleza, que continuam a resplandecer naquelas salas, simples molduras deles, onde se reúnem agora os academicos de Itália. A *Galateia* e o romance ou fábula

dos amores de *Psiché e Cupido*, de Rafael, o quadro das núpcias de *Alexandre e Roxana*, de Sodoma, enchem-nos e electrizam-nos os olhos e de certo desviarão para longas distrações os participantes nos debates academicos que os tiverem em frente.

Foi para essas salas deslumbrantes da Academia que Luigi Federzoni, seu presidente de hoje, me convocou em 5 de Junho último, no intuito de me pôr em contacto com os seus consócios, ainda presentes em Roma, e para me dar melhor conhecimento das homenagens que, por nobilíssima iniciativa sua, vão ser prestadas a Portugal no ano próximo, por ocasião do Duplo Centenário.

Há meses já que, ao assumir aquela presidência, Federzoni endereçou à nossa Academia das Ciências uma calorosa mensagem, lida em sessão solene em que também fiz uso da palavra. Logo depois os jornais noticiaram que o alto instituto cultural romano ia preparar, para as nossas festas de 1940, uma obra especialmente consagrada às relações luso-italianas desde a pre-história até

aos nossos dias, colaborada por alguns dos seus membros e por outros especialistas de Itália. E eu, que desde 1930 mantenho com Federzoni afectuosas relações, e que o tive também agora como presidente do Congresso do Instituto Colonial Internacional a que fui assistir em Roma, logo lhe disse que, na dupla qualidade de academico lusitano e de antigo presidente da Comissão dos Centenários, era meu propósito exprimir-lhe, e aos demais membros da Academia italiana, o nosso reconhecimento, que não tinha dúvida seria o de todos os Portugueses, pela espontaneidade absoluta e pelo alto significado das suas manifestações para connosco, resolvidas antes de qualquer convite e longe de qualquer directa ou indirecta sugestão.

Federzoni quis dar maior amplitude ao meu desejo e ofereceu-nos, a minha mulher e a mim, um chá festivo nas salas da Farnesina, onde reuniu, com bastantes academicos, algumas senhoras ao redor de Signora Federzoni e o dr. Lobo de Avila Lima, nosso ministro em Itália. Ali encontrei o glorioso Mascagni, de cujas melodias guardam fiel memória os nossos ouvidos, os consagrados escritores e jornalistas Ugo Ojetti e Lucio d'Ambra, o chefe do futurismo Marinetti, os grandes esculptores Canonica e Selva, o professor Giulio Bertoni, filólogo eminente e devotado às antigas literaturas hispanicas, o autor e crítico dramático Renato Simoni, o helenista Ettore Bignone, tradutor de Teócrito e de Sófocles, os

historiadores e filósofos Pettazzoni e Orestano, o antigo ministro e reputado economista de Stefani, o compositor Francesco Cilea, o médico-higienista Dante De Blasì, o dr. Pellati, chanceller da Academia, grande amigo e admirador do nosso José Leite de Vasconcelos.

Abriu a reunião Federzoni em magnífico discurso que foi um hino de louvor a Portugal, ao seu passado imorredouro como ao seu presente que tão fecundamente prepara o seu alto futuro. Da boca do orador brotaram harmoniosas palavras de solidariedade latina, tão compreensivas do esforço de reconstrução realizado por Salazar como regozijadas de vêr em nós renascer mais uma Nação ligada à sua por mil afinidades de raça e de história. E a seguir, e depois das devidas referências às comemorações de 1940, o presidente Federzoni leu-nos o índice do volume que está em preparação e com que a Academia da Itália vai associar-se à nossa festa, em condições tão excepcionais que a sua adesão, disse eu, melhor deverá chamar-se colaboração.

Esse índice contém 33 capítulos. Não os reproduzirei aqui todos mas mencionarei os mais importantes. Depois dum prefácio de Federzoni e dum estudo sobre as relações pre-históricas entre as duas Peninsulas, a obra ocupa-se da província romana da Lusitânia e da reconquista cristã. **Mafalda** de Sabóia, primeira Rainha de Portugal, o papa português João XXI, a colaboração italo-portu-

guesa nas grandes explorações geográficas e na cartografia náutica, os Portugueses na Etiópia, Camões e os grandes poetas quinhentistas italianos, Sá de Miranda e a Itália, André Sansovino em Portugal, a influência do Renascimento e do Barroco italiano na arte portuguesa, Paulo III e os Portugueses na difusão do Cristianismo nas Índias e no Extremo-Oriente, as relações políticas entre o Piemonte e Portugal, Carlos Alberto no Porto, os poetas e prosadores portugueses de hoje, a Rainha D. Maria Pia, o corporativismo na Itália e em Portugal, a obra salazarista em todos os seus aspectos — creio serem os principais assuntos versados. Mas suponho que o serão também a figura de Santo António, que liga Lisboa a Pádua, e a do almirante genovês Pezagno, que fundou e organizou a nossa Marinha.

Trata-se, pois, de um estudo tão completo quanto possível, e logo da enumeração desses capítulos resulta a impressão de que estes dois países, que às vezes nos parecem distanciados pela geografia, estão constantemente entrelaçados na história. Assim o disse, nas breves palavras com que agradei o discurso de Federzoni. Afirmei que o meu País continua a ser a sentinela latina do Atlântico, desse Atlântico que os mapas italianos de há dois séculos ainda chamavam **mare di Portogallo**. Pus uma vez mais em relevo o carácter eminentemente espiritual e cristão das nossas empresas marítimas, refutando

aquele autor moderno que pretende explicar essas empresas por esta frase materialista e mercantil: "**Au commencement c'étaient les Epices...**". Bem ao contrário, ao princípio era o Verbo, como no Evangelho, e o heroísmo ao serviço da fé foi e continua a ser o lema das duas Nações ibéricas. Dei todo o meu aplauso aos esforços culturais da Itália para congregar os ramos dispersos da Latinitude, cuja acção no Mundo não está esgotada, e terminei resumindo, o mais brevemente que pude, o programa das comemorações do Duplo Centenário, tal como o traçou a pena erudita e brilhante de Júlio Dantas, e fazendo votos para que a Itália, nas suas figuras mais representativas, assistia a elas e siga para conosco o exemplo honroso da sua Academia.

E entre aclamações unânimes nos separámos. Creio, também, que todos os meus leitores apreciarão no que ela vale esta lisonjeira homenagem de que foi objecto Portugal, e simples testemunha quem estas linhas escreve. Só posso acrescentar que nem a **Galateia** de Rafael, que me namorava de perto, me impediu de ouvir com reconhecimento tão gratas palavras e saudações

Tive sempre Federzoni na conta dum ardente Latino e dum amigo sincero do nosso País. Quando o conheci há nove anos era ele presidente do Senado, como ficou sendo até suceder a Marconi na

presidência da Academia, e logo foi das personalidades oficiais da nova Itália com quem tive mais agradável e seguido contacto.

Num dos meus regressos de Lisboa perguntou-me ele se as suspeitas portuguesas acêrca das aspirações coloniais da Itália estavam dissipadas. Respondi-lhe que nunca as tivemos. E logo ele: "Li isso nos jornais, mas ainda hem que os jornais não falaram verdade, como por vezes lhes succede. Como poderia Portugal duvidar das intenções para com ele duma nação que, melhor que nenhuma outra, o pode compreender? Não seria ele digno da raça a que pertence, nem da história que criou com os seus feitos, se perante quaisquer cobiças alheias, em matéria colonial ou em qualquer outra, a sua attitude não fôsse irreductível como tem

sião sempre, como seria a nossa no seu lugar, e que é a única compatível com a sua honra. Para alguma coisa nos corre nas veias o mesmo sangue: e não nascemos, nem uns nem outros, para a abdicação ou para a renúncia".

Estas palavras foram ditas com o mesmo calor das que ouvi agora, emanando dos mesmos labios, na reunião da **Farnesina**. Não as esqueci. Nunca as ouvi melhores em boca estrangeira. E elas podem até certo ponto dar luz sobre a iniciativa tomada pela Academia de Itália, antes de qualquer outra, nesta hora inicial da nossa festa, e de qualquer modo obrigam a nossa sensibilidade e o nosso patriotismo."

Alberto de Oliveira
("Diário de Notícias" de Lisboa)



GUAHYBA em lãs é garantia.
GUAHYBA garante o que
fabrica porque fabrica o que
é bom.

NOTICIARIO

COMEMORAÇÕES

O IV Centenario da Companhia de Jesus, o bi-centenario da colonisação de Porto-Alegre e os centenarios de Portugal foram comemorados, com as maiores demonstrações, pelo Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul.

O IV Centenario da Companhia de Jesus foi festejado com uma sessão especial do Instituto, com uma moção do nosso confrade Aurelio Porto no Congresso de História e com a publicação na Revista do Instituto de famosa obra sobre a ordem de Loyola.

Os centenarios de Portugal foram comemorados pela adesão de varios consocios ao Congresso do Mundo Português, que se realizou em Lisboa e pela publicação na nossa Revista, de uma peça oratorias mais altas pronunciadas, em Porto-Alegre, para assinalar os grandes feitos da gente lusitana.

O bi-centenario da colonisação de Porto-Alegre teve, no Instituto, significativa manifestação de cultura: a realização de um Congresso de História, que reuniu

centenares de adesões e cento e dez teses, memorias e contribuições do paiz e estrangeiro.

Os Anais que foram publicados revelam a grandiosidade desses festejos.

A data de Caxias está assinalada com a divulgação, nesta Revista, da bela peça oratoria do dr. Eurico Rodrigues.

GILBERTO FREYRE

O notavel sociologo de "Casa Grande e Senzala" esteve em Porto-Alegre por ocasião dos festejos do bi-centenario da colonisação e a presença de Gilberto Freyre constituiu, no meio intelectual, nota de maior destaque.

Realizou S. S. brilhante conferencia intitulada "Continente e Ilha", que foi uma das mais notaveis aulas de sociologia ouvidas entre nós.

Honrou o 3.º Congresso de Historia comparecendo ás sessões e escrevendo uma comunicação especial: "Sugestões para o estudo historico-social do sobrado no Rio Grande do Sul", trabalho cuja importancia será desnecessario ressaltar.

GASTÃO CRULS

Em companhia de Gilberto Freyre, esteve em Porto-Alegre por ocasião do bi-centenario da colonisação, Gastão Cruls, um dos maiores escritores brasileiros do momento.

Desvendador da amazonia, romancista de grande expressão criadora, tradutor elegante, Gastão Cruls é um nome que se ligou ao movimento da literatura nacional, numa fase marcante, através do "Boletim de Ariel", revista por ele dirigida e que tanta influencia exerceu nos diversos grupos intelectuais do paiz.

Gastão Cruls recebeu as melhores demonstrações de apreço entre nós.

OUTROS VISITANTES ILUSTRES

Estiveram em Porto-Alegre, tomando parte nos festejos comemorativos da grande data bi-centenario diversas personalidades de relevo no mundo das letras.

Faremos referencias apenas aos escritores, pois a Revista quer deixar um pequeno registo intelectual da passagem dessas figuras do pensamento.

O contra-almirante José Aguiar e o Cel. Carlos Tiscornia, representaram a Universidade de Montevideo.

Assinalando, aqui, os nomes dessas duas grandes figuras da republica irmã, a Revista aproveita para prestar de publico sua singela homenagem de admiração e apreço.

São dois grandes vultos de esplendida formação intelectual.

Da Argentina, tivemos o Dr. Daniel Dupuy, honesto, brilhante e ilustre especialista em paleontologia e ciencias conexas.

Dos nossos elementos ressaltaremos: Cel. Lima Figueiredo, Dr. Oswaldo Cabral, Dr. Aurelio Porto, Cel. Pinto Soares, Dr. Bueno de Azevedo.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO BRASILEIRO

A idéia da fundação do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO surgiu em sessão realizada a 18 de Agosto de 1838, pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, e presidida pelo sábio frei Custódio Alves Serrão.

Fundada em 1825, era a Sociedade Auxiliadora uma das mais notáveis associações da época; entretanto, o desenvolvimento de nossa cultura, exigia algo de mais elevado quanto às letras, e a proposta do Marechal Raimundo José da Cunha Matos e do Cônego Januario da Cunha Barbosa, sobre a fundação de um Instituto que "recolhesse, coordenasse e publicasse os documentos históricos e geográficos que interessassem à História do Brasil", mereceu unânime aplauso. Dois meses mais tarde, num domingo, a 21 de Outubro de 1838, 27 brasileiros eminentes, reunidos numa sala do antigo Museu Nacional, (hoje Arquivo Nacional) sob a presidência do Marechal Torrès e Alvim, fundaram o INSTITUTO HISTÓ-

RICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO.

A primeira diretoria provisória compunha-se do Visconde de São Leopoldo, presidente; Cônego Januário da Cunha Barbosa, 1.º secretário, e dr. Silva Maia, 2.º secretário.

Na lista dos sócios fundadores encontramos os nomes mais ilustres da época.

Na sessão de 25 de Novembro do mesmo ano, foi eleita a diretoria efetiva presidida por José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo.

Daí, até os nossos dias, basta citar os nomes de seus presidentes para aquilatar do valor dêsse sodalício, cuja finalidade é, e foi sempre, favorecer o presente pela justa apreciação do nosso passado.

Ao Visconde de São Leopoldo sucederam:

Cândido José de Araújo Viana, Marquês de Sapucaí; Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Visconde do Bom Retiro; Joaquim Norberto de Souza e Silva; Conselheiro Olegário Herculano de Aquino e Castro; João Lustosa da Cunha Paranaguá, Marquês de Paranaguá; José Maria da Silva Paranhos Júnior, Barão do Rio Branco; Afonso Celso de Assiz Figueiredo, Conde de Afonso Celso; Manuel Cícero Peregrino da Silva e atualmente o Embaixador José Carlos de Macedo Soares.

Dizer da história do INSTITUTO nos seus 102 anos de existência seria falar da própria História do Brasil de tal modo se acha

ele vinculado à vida dos nossos maiores.

Durante meio século de governo de D. Pedro II, gozou o INSTITUTO HISTÓRICO da proteção dêsse inclito imperador, que abriu as portas de seu próprio palácio para que ali fôsseem realizadas as sessões da novel instituição. De 15 de Dezembro de 1849 até o fim de seu reinado, D. Pedro II seguiu atentamente os trabalhos do INSTITUTO, tendo presidido a 506 de suas sessões.

Era tão apreciado o carinho do Imperador pelo INSTITUTO que poucos dias depois da proclamação da República, o irmão do chefe do 1.º Governo provisório, Dr. João Severiano da Fonseca, propôs que a cadeira do Imperador ficasse para sempre no salão nobre e inocuada.

No regime Republicano continuou o INSTITUTO a receber o apoio de todos os chefes de Governo, dentre os quais é de justiça salientar Rodrigues Alves, Epitácio Pessoa e Getúlio Vargas.

Desde 1839 publica o INSTITUTO HISTÓRICO a sua Revista que já conta 174 volumes, além de uma centena de boletins especiais.

Realizou com pleno êxito os seguintes Congressos: 1.º Congresso de História Nacional, 1914; 1.º Congresso Internacional de História da América, 1922; Assembléia Inaugural do Instituto Panamericano de Geografia e História, 1932; 2.º Congresso de História Nacional 1931 e o 3.º Congresso de História Nacional, 1938, por

ocasião do Centenário da mesma associação.

Quando do Centenário da Independência, publicou o INSTITUTO dois grandes volumes do Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico.

O INSTITUTO HISTÓRICO possui atualmente uma das melhores bibliotecas especializadas e um valioso arquivo que diz respeito à nossa História Pátria. Isto seria o suficiente para testemunhar a sua missão e a sua utilidade social. Mais de 90.000 volumes, 50.000 manuscritos e 3.000 cartas geográficas, catalogadas.

Sua sala de leitura aberta ao público desde 1839, é muito frequentada pelos estudantes e eruditos. No Museu, criado por Varnhagen em 1851, possui o INSTITUTO antiguidades e curiosidades históricas de valor inestimável, entre outros, o crânio do homem pre-histórico, achado pelo

Dr. Lund na Lagoa Santa, em Minas Gerais, a espada que pertenceu ao Duque de Caxias, uma grande coleção de máscaras mortuárias, entre as quais as do Conselheiro José Bonifácio, Antônio Carlos, Zacarias de Góis e Vasconcelos, Evaristo da Veiga, Padre José Maurício, José de Alencar, Machado de Assiz, Afonso Celso e muitas outras.

Honrando o presente, venerando o passado, o INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO mereceu de Joaquim Nabuco este conceito: "*E' o único guarda das nossas tradições*". E, de Afrânio Peixoto, este outro: "*E' não somente a sociedade sábia mais austera do nosso país, mas ainda o centro espiritual de nossa nacionalidade*". (De "Breve notícia histórica" distribuída na XIII Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro de 1940).

TYPOGRAFIA "PILAR"

— DE —

João Baptista Moll & Filho

Officinas: Andrade Neves, 75 — Fone 7870

Encadernação e reencadernação de livros, tipo europeu do mais moderno ao mais antigo. — Livros em branco. — Só encadernação "PILAR" — Trabalhos gráficos em geral. — Nitidez, Presteza. — Impressões a cores. Tricomia.

S Ó N E S T A C A S A

— Peçam orçamentos —::—

Preços sem competência —

BIBLIOGRAFIA

INTERCAMBIO CULTURAL PAN-AMERICANO.

É notável e digno dos maiores elogios a nobre iniciativa da Federação das Academias de Letras do Brasil (FALB) na incentivação do intercambio cultural panamericano.

Tudo quanto se fizer pela maior união e fraternidade americana, não é demais. E é justamente aos intelectuais que compete, principalmente, estreitar mais e mais os laços de amizade promovendo o mais amplo conhecimento recíproco.

Os dois volumes que acaba de publicar a FALB — *Brasil-Ecuador* e *Brasil-Colômbia* são a prova de que desejamos viver felizes, de braços dados por toda esta imensa America que Deus abençoou e o Cruzeiro protege.

O discurso do ilustre literato Valdemar de Vasconcelos saudando o Equador e do insigne Ministro Sottomayor y Luna, são duas joias que rutilam na constelação da amizade cubana-brasileira e o mesmo podemos dizer das brilhantes peças oratorias de Soares Filho e do brilhante Ministro colombiano Carlos Lozano y Lozano.

Oxalá prosiga essa nobre Campanha para glória nossa e da America.

W. Sp.

MEMORIA DEL MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES - Tomo I - (Julio 19 de 1938 - Marzo 15 de 1940) Montevideo, 1940.

Com o presente volume iniciou o Ministerio das Relações Exteriores do Uruguai a publicação das Memórias do Ministerio, publicação de grande interesse que a clarevidencia do Exm.^o sr. Ministro Alberto Guani em boa hora ordenou.

Contem o presente volume todos os trabalhos do Ministerio das Relações Exteriores do Uruguai destacando-se as minuciosas relações documentais sobre a politica panamericana, sobre questões europeas, sobre o caso do "Graf Spee", sobre tratados, limites, conferencias internacionais, comercio exterior, imigração etc.

É um magnifico repositório de tudo quanto tem feito o país amigo.

W. Sp.

VENEZUELA Y SUS INMIGRACIONES. - por *J. R. Colmenares Perez*. - Tesis. - Caracas, 1941.

O presente trabalho de caracter filosofico, estudo sobre as questões de imigrações na Venezuela, foi apresentado pelo seu autor, a Universidade Central de Venezuela como tese que defendeu ao colar grau de Bacharel em Filosofia.

A tese é um belo estudo histórico - sociológico - filosofico de interesse e muito bem poderá servir de modelo a estudos semelhantes e suas conclusões são dignas de serem aqui destacadas:

1.º) Que Venezuela si necesita inmigración:

2.º) Que siendo como son de orden demográfico y económico las razones que la fundamentan, esa inmigración debe perseguir principalmente, dos finalidades: el desarrollo de nuestra población y el impulso de nuestra economía;

3.º) Que a objeto de lograr lo primero, el inmigrante ha de ser sano, fuerte y facilmente asimilable; y

4.º) Que para alcanzar lo segundo, nuestra inmigración debe ser enfocada casi exclusivamente con miras a la Colonización Agrícola, y Venezuela debe ser en consecuencia, casi por entero, un país de inmigración no urbano sino rural".

Felicitamos o autor.

W. Sp.

CAMPANHA DE PRINCEZA, - por *Alfredo Valadão* - II volume - Rio de Janeiro, 1940.

O sr. dr. Alfredo Valadão, nome bastante conhecido nos meios que

se dedicam aos estudos históricos, tem feito obra de grande merito e seus livros "Da Aclamação a Maioridade" e "Campanha da Princeza" fazem jús ao renome que conquistou.

O II vol. da "Campanha de Princeza" é, como o primeiro, de muito interesse, e esse recanto mineiro de historia tão linda é bem digno da pena do sr. Valadão.

Aliás, as historias locais devem ser cultivadas e incentivadas, pois só assim conseguiremos reunir, pormenorizadamente, a História do Brasil.

Não regateamos, por isso, aplausos a iniciativas tais.

W. Sp.

VILA DA IMPERATRIZ, - São José da Serra da Uruburetama - Freguezia de Nossa Senhora das Mercês-Antiga Vila da Imperatriz-Vila Velha, - por *Soares Bulcão*. - Fortaleza, Ceará, 1940.

E', tambem, este estudo, dedicado a uma antiga vila do Ceará a que a pena brilhante do sr. dr. Soares Bulcão revive com bilho. Inicia o sr. Bulcão seu estudo com a assinatura da escritura origem da vila e, passando em revista toda a vida da localidade, encerra-o com pequeno estudo genealogico do povoador e fundador.

Trabalho digno de nota, bem merece todos os encomios dos que, como nós, vivem imersos nos arquivos em busca da verdadeira história de nossa patria.

W. Sp.

IMPRENSA E EDUCAÇÃO, - por
Solon Borges dos Reis. - Casa
Branca (S. Paulo) 1940.

Trata-se de magnifico e patriótico estudo em que o ilustre professor foca com perfeito conhecimento de causa o papel da imprensa na educação, apontando as vantagens e comentando a orientação atual da imprensa que, em vez de ser elemento educativo é, ao contrario, especialmente no moral, pernicioso a mocidade.

E' trabalho digno de nota e dos aplausos de quantos se dedicam ao arduo mister educativo.

W. Sp.

OS TRÊS GENERALÍSSIMOS -
Miltre-Caxias-Gastão D'Orleans, -
por Osmar Simões Magro. - S.
Paulo, 1940.

Excelente o trabalho do sr. Simões Magro sobre os tres generalíssimos da Campanha contra o governo do ditador Solano Lopes. Em breve síntese estuda o A. a atuação dos tres generais fazendo o retrato moral e fisico de cada um deles. E' trabalho digno da maxima divulgação.

W. Sp.

ASPECTOS GERAIS DE BAGE'
E ASPECTOS GERAIS DE S.
SEBASTIÃO DO CAÍ, - por Fortunato Pimentel. Porto Alegre, 1940.

Estudioso, ativo e dedicado, o sr. engenheiro agrônomo Fortunato Pimentel não perde oportuni-

dade de estudar a terra em relação ao homem, especialmente, nos diversos municípios do Rio Grande do Sul. Já nos tem dado varios estudos nesse sentido e, agora, mais dois nos oferece: um sobre Bagé num volume de 136 paginas, e outro sobre S. Sebastião do Caí, num folheto de 16 paginas.

Obras interessantes, criteriosamente trabalhadas, são elemento precioso não só para a geografia economica como tambem para a Geografia humana.

W. Sp.

GEOGRAFIA POETICA DE AMERICA - ALBA EN LA PLAYA DE LOS MIL COCOTEROS, - poesias de Gastón Figueira, - Buenos Aires, 1939.

Magnificencia poetica... é este o pensamento que primeiro nos surge a mente ao terminar a leitura do belo e brasileiro livro do insigne poeta argentino. Gastón Figueira, que o conde de Afonso Celso denominou — o Tagore Americano, — Melhor, entretanto, lhe caberia o titulo de "America viva" porque Gastón Figueira, através de seus versos cantantes e candentes é a própria America que canta e vibra.

Carinho especial tem o poeta pelo Brasil e este seu livro — Alba en la playa de los mil cocoteros — é um hino glorioso, cheio de vida, cheio de luz, ardente e magistral, sobre as belezas de nossa terra: *Bata, berço do Brasil*, onde o sangue tropical estua; *Perambuco em poemas*; *Canções de portos e outros*; *noiva america*; "mi alegria americana, pajarito de

fuego embriagado de fiesta, embriagado de voluptuosidad, canta, canta sin cesar; — Amad la vida! Bendecid la vida! "*Ilha de Santa Catarina*, e, finalmente, aquela linda *Rapsodia à terra dos papagaios* — "tierra de Santa Cruz, tierra ebria de luz, infinito Brasil..." Magnificencia poetica.

W. Sp.

MEDITACION ARGENTINA, por Carlos Alberto Erro, - Santa Fé, 1940.

"Nuestra gran tarea como argentinos, el gran servicio de todos, es la afirmación de la patria espiritual". Assim conclue o sr. Erro sua meditação magnifica que é bem uma lição de sadio patriotismo e sadio americanismo. Um belo trabalho que se lê com proveito e agrado.

W. Sp.

UM BRASILEIRO ILUSTRE: O VISCONDE DE PONTE DA BARCA, por Bueno de Azevedo Filho, Vila Nova de Famalição, 1940.

Estudioso em assuntos genealogicos, os trabalhos do dr. Bueno de Azevedo Filho são verdadeiras peças de alto valor pelas quais podem, os historiadores, basear-se sem o minimo receio.

O estudo que ora nos oferece do Visconde de Ponte da Barca é precioso e nos revela a vida e a obra de um grande brasileiro completamente esquecido.

Trabalho de grande merito, digno de acurado estudo, deve, porem ser ampliado o que esperamos do ilustre autor, pois o Visconde bem merece ser amplamente estudado para gáudio de nossa hitoria.

W. Sp.

ALMIRANTE BARÃO DE LADARIO, Oficial de honra, por Castilhos Goycochéa - Rio, 1940.

O nome de Castilhos Goycochéa no frontispício de uma obra é penhor de verdade, beleza, justiça e elegancia da obra.

O barão de Ladario pertence ao número desses brasileiros notáveis por todos os titulos que a historia regista apenas de passagem esperando que algum abnegado faça deles estudo completo.

E o que ora nos apresenta nosso ilustre confrade dr. Castilhos Goycochéa, embora resumido, dá-nos uma visão de conjunto da vida e obras do eminente Ladario que denomina, com inteira, justiça, "oficial de honra".

W. Sp.

ANUARIO GENEALOGICO BRASILEIRO, São Paulo, 1940. - Ano II.

O Anuario Genealogico Brasileiro que o sr. Salvador de Moya com notavel esforço vem distribuindo, pertence ao número dessas publicações que, com o correr do tempo, serão indispensaveis pelo número e qualidade de trabalhos que divulga.

Benemerito da Genealogia, o sr. Moya bem merece o titulo de Maioral da Genealogia brasileira.

O presente Anuario Genealogico Brasileiro é bem superior ao do ano passado e, continuando assim, o proximo será obra prima, o que esperamos.

W. Sp.

BARÃO DE ABIAÍ, por *Olivia Carneiro da Cunha*, - João Pessoa, 1940.

Dia a dia surge novo estudo biografico genealogico que os registos literarios apontam ora com louvor, ora com desdem.

Entretanto, a nosso ver, todos os estudos biograficos e genealogicos devem ser encarados sob o ponto de vista historico e, como dentro desse prisma são todos eles dignos de menção.

O estudo que dona Olivia Carneiro da Cunha faz de seu antepassado é dos mais interessantes e muito auxiliará os estudiosos de história na elucidação de certas particularidades.

É uma obra interessante, muito bem escrita e digna de todo louvor.

W. Sp.

CAÍ, - Monografia - por *Alceu Masson* - Edição da Prefeitura Municipal do Caí, 1940.

Nota-se grande entusiasmo para os estudos locais, municipais, felizmente.

Outrora, procurar saber algo deste ou daquele municipio era cousa mais louca que uma pessoa

poderia fazer. Nada havia. Os arquivos às moscas, isto é, as traças, entregue à destruição. E, no fim de certo tempo, lá iam toneladas de papel iluminar as fogueiras da inquisição do estermínio documental. E depois... depois... que digam aqueles que se dedicam ao arduo trabalho de pesquisas e estudos historicos de nossos municipios.

Contudo, abnegados de todos os pontos do país, trabalham e divulgam magnificas monografias as que, si não são completas e perfeitas, graças ao vandalismo de "arquivistas" de outrora, dão-nos ideia da evolução e da historia do municipio contribuindo, com eficiencia, para a elucidação integral da História Pátria.

A obra que ora nos oferece o sr. Alceu Masson, remessa gentil do ilustre Prefeito dr. Egidio Michaelsen, é, no genero, das melhores que conhecemos, abordando a história do Municipio de Caí sob todos os aspectos, dentro, sempre da verdade historica. Uma ótima monografia que se lê com interesse e proveito.

W. Sp.

NA MINHA TORRE DE LEGENDA, - poesias de *Aplecina do Carmo*. - São Paulo, 1939.

Ha muito conhecemos a poesia magnifica de dona Aplecina do Carmo.

A insigne poetisa de "Cinzas: Pô..." volta, agora com seu segundo livro — "Na minha torre de legenda", no qual a mesma força inspiradora eleva a poesia as mais altas culminancias.

Dona Aplecina é uma de nossas maiores poetisas e seus versos são bem a alma lirica da mulher brasileira.

O Rio Grande que a viu nascer, orgulha-se de sua filha e com a mais justa razão: o livro ora publicado por dona Aplecina do Carmo honra não só a poesia sul-riograndense, mas o meio intelectual brasileiro.

W. Sp.

NOTAS DE GEOGRAFIA MILITAR SUL AMERICANA, - 2.^a edição, pelo Coronel F. de Paula Cidade, - Biblioteca Militar - Rio, 1940.

Quando, em 1934, saiu à lume a primeira edição da presente obra do coronel Paula Cidade, dissemos ser ela destas que se não poderia dispensar em se tratando de assuntos semelhantes. Esta segunda edição que vem algo melhorada está, portanto, preenchendo com precisão sua finalidade e o que então dissemos está, com mais justiça ainda, de pé.

W. Sp.

CATALOGO DOS MISSIONARIOS XINGUENSES DA COMPANHIA DE JESÚS, - pelo padre Carlos B. Ebner C. P. P. S. - Porto de Moz, 1940.

Trata-se de separata das *Cartas históricas do Xingú*, na qual o rev. p. Carlos Ebner passa em revista os benemeritos jesuitas missionários do Xingú. É um catálogo de grande interesse para es-

tudo da catequização e civilização no Amazonas.

W. Sp.

MEMORIAS DO MUSEU DE ENTRE-RIOS, - Paraná, 1940.

O Museu de Entre-Rios, sob a direção do ilustre etnologo Prof. Antônio Serrano, tem desenvolvido magnifico trabalho de divulgação científica e historica.

As "Memorias" que vem publicando, em número de 15 já, representam notavel contribuição a etnografia, paleontologia, zoologia, etc. Os que ora recebemos "*Una nueva especie de tortuga para la fauna argentina*", por M. A. Freiberg; "*Enumeracion sistematica de los lepidopteros de Entre-Rios*", por Kenneth J. Hayward, e "*Primeras observaciones biologicas sobre *Marellia Uvarov**", por Adalberto M. Rosillo, são otimas contribuições que honram sobremodo o Museu de Entre-Rios.

Alem dessas publicações científicas, editou, ainda, o Museu de Entre-Rios mais o II vol. de "*Estudios de la Historia de Entre-Rios*", por Mariano G. Calvento, obra preciosa sobre a qual já nos referimos ao tratar do aparecimento do 1.^o volume, em 1939.

W. Sp.

AS FORÇAS ARMADAS E O DESTINO HISTORICO DO BRASIL, - por A. Lourival Moura. - São Paulo, 1937.

Recebemos, honrados, o trabalho cujo titulo encima esta nota.

no qual o ilustre autor estuda com acendrado patriotismo o destino historico do Brasil.

Inicia seu trabalho um capitulo dedicado ao exame da necessidade das forças armadas e, depois de passar em revista a historia antiga entra no estudo das cousas do Brasil com verdadeiro conhecimento de causa. A obra do sr. coronel A. Lourival Moura é dessas que ficarão como penhor dos filhos do Brasil consagrados à causa da Patria.

O magnifico livro foi editado na grande e maravilhosa serie Brasileira.

Justamente com o livro acima, mandou-se o sr. Coronel Moura excelente poema — *A Bandeira do Brasil* — no qual se revela o grande patriota, poeta de merito.

O poemeto é digno da pena brilhante que escreveu "As forças armadas e o destino historico do Brasil".

W. Sp.

LA HOYA DEL AMAZONAS — Daniel Ortega Ricaurte — Editorial Centro S. A. Bogota — 1940.

Chega-nos de Colombia, em II edição, o primeiro tomo de um excelente estudo sobre o vale amazonico, com seu opulento sistema orografico e da analise da vasta zona surge a flora, o mineiro, a fauna, o complexo etnografico, a geologia andina e da planice, a imagem hidrografica, enfim desde a climatologia até aos misterios que se escondem nas

profundidades misteriosas da terra, Ricaurte põe em evidencia.

É uma obra de mestre, essencialmente meditada e erudita que toma um lugar destacado entre a literatura cientifica da famosa região nacional. Quanto mais se escreve a respeito mais empolga o leitor estudioso, o que observa e aprende.

É efectivamente um impressionante cenario onde a natureza faz malabarismos, crea fenomenos, pinta grandezas prodigiosas e enriquece o quadro magestoso. Tudo isso o snr. Daniel Ortega Ricaurte que tão profundamente estudou o assunto, nos dá, nos mostra o conjunto nesse livro destacando o complexo de tudo o que de prodigioso a natureza privilegiou o largo horizonte amazonico.

O. S.

ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA
BRASILEIRA — General Klinger — Rio de Janeiro de 1940.

Aí está um útil estudo a respeito de um tema largamente dissecado e divulgado. No entanto o Gal. Klinger nos apresenta um erudito e claro trabalho bem capaz de destruir a maçaroca ortografica que se estabeleceu no Brasil, resultante do arbitrio dado a cada um para crear sua pontuação, suas normas e seus palpites. **Simplifica e uniformiza** a ortografia maltratada dos nossos dias. O trabalho do Gal. Klinger que não é apenas um militar mas um estudioso dos segredos da boa linguagem, divulga uma obra fa-

dada a um sucesso facilmente previsível, pois muita gente sonha em poder libertar-se conscienciosamente dessa teia complexa que é a ortografia da língua nacional.

O. S.

COMEMORAÇÕES CENTENARIAS DE PORTUGAL — 1139 — 1640 — Academia Paranaense de Letras — Curitiba — 1940.

A Academia Paranaense de Letras com sede em Curitiba associou-se de forma brilhante às comemorações centenárias de Portugal. Para esse fim convocou seus pares e realizou magnífica festa de espírito, falando o acadêmico Ulises Vieira e Loureiro Fernandes cujos trabalhos acabam de ser editados e que mais uma vez vêm por em evidência a inteligência dos filhos paranaenses.

Além de representar um belo movimento de solidariedade ao acontecimento histórico da pátria luza, é também uma demonstração de que as academias de letras estaduais representam núcleos de inteligência cultivada e que se exercitam continuamente pelo maior engrandecimento do Brasil intelectual.

O. S.

CONFERENCIAS — Federação das Academias de Letras do Brasil — Grafica Sauer — Rio de Janeiro — 1940.

Em cumprimento ao programa cultural da Federação das Aca-

demias de Letras do Brasil, acaba de ser publicado o 3.º volume de conferencias proferidas sob o patrocínio dessa prestigiosa entidade dos homens de letras do Brasil. O volume reúne trabalhos de Silveira Neto, Candido Jucá, (filho) Alfredo de Assis, Povina Cavalcanti, J. Barbosa de Faria, estudando diversos aspectos e nomes ilustres do cenário literário nacional. É um livro que muito se recomenda e muito eleva o nome da Federação das Academias de Letras do Brasil que tendo na secretaria Affonso Costa, tanto tem feito pela divulgação da inteligência nacional e pela unidade dos nossos intelectuais que mourejam no vasto território do Brasil.

Com a sua ação patriótica de cultura e de pensamento, a literatura brasileira toma rumo racional, ha a evidencia de uma aproximação pensante, um estímulo pelas coisas do espirito e pelos problemas esteticos e da perfeição.

Esse elemento orientador preside o a Federação das Academias de Letras do Brasil.

O. S.

TANDILIA — Juan José Nágera — Biblioteca Humanidades — La Plata — 1940.

TANDILIA é um estudo geográfico que a "Faculdade de Humanidades y Ciencias de la Educacion de la Universidade de la Plata" vem de publicar, sendo o tomo I da serie subordinada a Historia física de la Provincia de

Buenos Aires. Não se trata apenas de um trabalho de historia, mas sim de um estudo apurado de grande sabor científico além de fartamente ilustrado. Todo o livro apresenta detalhes preciosos de analyse onde o conjunto é estudado e classificado, com o rigor dos toponimicos exatos.

O que está feito por mestres eruditos a respeito do bloco americano meridional, ainda é pouco e não impede que novos ensaístas venham recompor, completar, rectificar ou mesmo classificar novos angulos surgidos no decorrer do tempo ou mesmo omitidos em observações anteriores.

O snr. Juan José Nágera fez um estudo brilhante de Tandilia, com muito escrupulo e conhecimento do que resulta, com seu trabalho, enriquecer a literatura argentina de forma auspiciosa e inconteste.

O. S.

HISTORIA POPULAR DE PORTO ALEGRE — Achylles Porto Alegre — 1940.

O snr. Deusino Varela foi muito feliz na orientação que deu a esse livro reunindo diversos trabalhos do saudoso poligrafo que interessasse directamente á cidade bi-centenaria. Disso resultou ganhar o ano literario de 1940, um livro que fala admiravelmente da cidade, dos seus primordios e evolução em crônicas leves e precisas, algumas cheias de saudade como as sabia escrever o velho professor Achylles, outras carregadas de evidencia salutar.

HISTORIA POPULAR DE PORTO ALEGRE é um livro que deve ser lido por todas as inteligencias avidas de conhecimentos novos.

O. S.

ATAS E OUTROS DOCUMENTOS DO 42.º CONCILIO-IGREJA EPISCOPAL BRASILEIRA — Como indica o nome, trata-se de um repositório documental referente ao 42.º concílio da Igreja Episcopal Brasileira, realizado em Porto Alegre no mês de Abril de 1940. É uma excelente contribuição para a historia eclesiastica de amanhã. O trabalho está ilustrado e apresenta diversos detalhes da sagração do primeiro bispo brasileiro dr. Athalicio F. Pitthan, intelectual de raro engenho e um espirito que o destaca no agrupamento das ultimas gerações riograndenses.

Por taes documentos comprova-se a actividade espiritual e religiosa da Igreja Episcopal Brasileira no Rio Grande do Sul, cuja significação, no sentido civilizador e cultural, merece patrioticos louvores

O. S.

OS JESUITAS EM SANTA CATARINA E O ENSINO DE HUMANIDADES NA PROVINCIA — Oswaldo R. Cabral — Inst. Hist. e Geog. de Santa Catarina — 1940.

O dr. Oswaldo R. Cabral é um incansavel cultor da boa historia, das letras que buscam no passado a verdade dos acontecimentos

quasi sempre esquecidos. Não sabe deter-se diante do misterio da dificuldade documental e pacientemente, como ótimo ciêntista que é, lança mão dos recursos mentais para destruir o escolho e arrancar o tesouro procurado. Com tais recursos de inteligencia e de investigação, dá-nos agora uma excelente monografia sobre a ação jesuitica no Estado de Santa Catarina e o ensino da boa cultura entre as gerações passadas do rico estado visinho.

Todos os detalhes desse periodo afastado são lembrados nesse ensaio otimamente delineado onde pode ser apreciada com exatidão tudo quanto fizeram em Santa Catarina os devotados filhos de Ignacio de Loyola. As letras catarinenses, com o trabalho erudito do dr. Oswaldo R. Cabral, o consagrado autor de "Santa Catarina", enriqueceram-se mais ainda nessa evolução cultural porque marcha o Brasil dos nossos dias.

O estudo do dr. Oswaldo R. Cabral inicialmente atinge o movimento que medeia do seculo XVI ao seculo XVIII. Já no último seculo lembra o autor o flagelo da febre amarela onde são sacrificadas muitas vidas entre professores e alunos. E com isso nos aparece o padre Paiva o Liceu Provincial, o Colégio de Belas Artes, o Colegio Normal, o do Santíssimo Salvador, todo o velho esplendor do ensino jesuitico e sua posterior decadencia. Um livro que instrue, por isso deve ser lido.

O. S.

SIFILUS — Durval Borges de Macedo — Curitiba — 1940.

Poema, versos de combate, alexandrinos de rimas seguidas em alguns poemas, outros de diferentes sentidos técnicos bem postos. Ha ainda "Versos á Mocidade" no mesmo genero. Indiscutivelmente o sr. Durval Borges de Macedo é poeta, bom poeta, admiravelmente identificado com as musas e que sabe estudar pela harmonia dos versos os problemas sociais que tormentam a humanidade desgastada pelo proprio surto civilizador.

É um livro que se lê com entusiasmo, com enorme carinho.

O. S.

ROTEIRO DOS ANDES — Anyone Costa — Biblioteca Militar — Rio de Janeiro, 1940.

O autor deste trabalho é um raro estudioso da arqueologia brasileira e de tudo o que interessa ao problema etnico americano. Mas não fica aí sua atividade intelectual, não se deteve diante de um **climat** demografico ou arqueologico. Tudo o que possa interessar ao espirito investigador Anyone Costa, faz da emoção estetica uma realidade de beleza. Da sua viagem atravez da America do Sul dá-nos agora esse curioso livro de sensação, de observação, livro de viagem sobretudo onde o leitor vê e sente a paisagem, o clima, os costumes, as tradições.

os vestígios dos primeiros descobridores e dominadores espanhóis.

Legítimo romeiro, ávido das coisas emocionais, de paisagens históricas, Angyone Costa nos descreve o que viu no planalto Boliviano, cercado pelo espetáculo ciclopico da cordilheira — desde o Lago Titicaca até o gigantesco progresso da capital portenha.

A mulher indígena de Cochabamba, a alma meridional desse caldeamento andaluz do lado do Pacífico, Lima, a sonhadora e opulenta capital do Perú, o aroma historico com toda a legenda brutal de Pizarro, a civilização milenaria dos Incas, Chile, as mulheres belas de Serena, todo o grande panorama da alma etnica americana nos surge, em colorido vivo nesse excelente livro de Angyone Costa.

Vae assim nos contando cousas ricas das cidades que visitou, e dessas cidades que, como uma alma humana acaba muitas vezes, por paixões melancolicas. Ha cidades que se enchem de volupia, de espiritualidade, outras de tédio e de cansaço. Angyone viu tudo isso e do seu deslumbramento escreveu paginas de saudade.

Livro que agrada, livro independente, sem fraquezas, sem matizes doutrinarias. **Roteiro dos Andes** é incontestavelmente um belo volume que satisfaz e entusiasma o leitor.

O. S.

UMA VIAGEM A GOYAZ EM 1867 — Frederico de Barros Brotero — Separata da Revista do Inst. Hist. e Geog. de São Paulo — 1940.

É um bem detalhado relatório de uma viagem feita pelo dr. Frederico Dabney de Avelar Brotero no afastado ano de 1867 ao estado central de Goyaz. De inicio é um diário para depois passar á epistolario onde são narrados os episodios e accidentes da viagem, bem como as impressões desse pedaço de terra virgem da unidade nacional.

Contribuição apreciavel para estudos alentados do futuro sobre o grande estado que hodiernamente progride e se moderniza a par dos demais estados brasileiros.

O. S.

TOBIAS BARRETO — Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geografico de Sergipe — 1939.

É um numero da consagrada publicação de Aracajú, dedicada ao seu grande filho Tobias Barreto de Menezes, por ocasião do 1.º centenario do seu nascimento. Neste belo volume estão reunidos o que demais importante foi dito pelos homens de pensamento sobre o grande vulto da literatura nacional. Representa uma admiravel contribuição ao estudo de Tobias Barreto, como poeta, filosofo, literato, poligrafo, o homem de idéias e de pensamento vasto, sociologo de vigorosa intelligen-

cia que empolgou um largo ciclo evolutivo da nossa literatura que se afirmava dia a dia numa independência audaciosa, porém real e fecunda. A presente publicação é de uma claridade essencialmente patriótica e merece o aplauso incondicional da intelectualidade brasileira.

O. S.

UNIVERSIDAD — Publicacion de la Universidad Nacional del Litoral — Santa Fé — Argentina 1940.

São 3 grossos volumes comemorativos do quinquagesimo aniversario da fundação da Universidade Provincial e vigesimo aniversario da sua transformação em instituição nacional. É uma publicação ótima que condensa a atividade cultural dessa importante universidade no decurso de 50 anos. Além de apresentar uma fonte histórica para Santa Fé, representa a obra uma contribuição magnífica para apreciação e estudo da evolução da cultura americana. Há a sucessão da reitoria onde surge o dr. José Galvez, primeiro nome que dirigiu a entidade no periodo inicial de 1890. Além de Zenon Martinez, dr. Santiago Irigoyen surge-nos o dr. Julio A. Busaniche, já nosso conhecido como intelectual apurado. Nesse decorrer cronologico temos ainda os nomes dos drs. José B. Abalos, Pedro E. Martinez, Rafael Araya, Horacio Damianovich, Augusto Morisot e Josue Gollan.

A grande obra iniciada em 30

de Abril de 1890, hoje colhe um conceito consagrador. Outro merito tem a publicação que é o material literario dos colaboradores sobre diferentes, temas, de interesse superior.

Treis excelentes volumes que constituem uma obra notavel e de merito pela seleção do seu conteúdo.

O. S.

ATAS E REGISTRO GERAL DA CAMARA DA CIDADE DE SÃO PAULO — Departamento de Cultura — 1940.

A Prefeitura do Municipio de São Paulo continua sua faina patriótica de divulgar a documentação histórica dos seus opulentos arquivos. Agora dá-nos 2 volumes excelentes, um publicando as atas da Camara da Cidade de São Paulo de 1855, vol. XLI e o outro detalha o Registro Geral da Camara de São Paulo no periodo de 1839 - 1840, volume XXIX.

Só louvores podem merecer tais publicações, onde os estudiosos vão encontrar precioso manancial para melhor opulentar a nossa grande historia. Não só para esse fim mas como também para salvar os arquivos da destruição a que estão expostos pela fatalidade do tempo.

A Prefeitura de São Paulo continua assim a fazer obra meritória divulgando o valor documentario do seu glorioso passado.

O. S.

FLÂMULAS AO VENTO... — Rodrigo Junior — Curitiba 1940.

Livro de versos esmerados, de bom gosto, requintados. O verso clássico é manejado com apuro, desde o poema até o soneto, o decasilabo sonoro com temas varios. A velha poesia continúa assim a viver.

Meridionalmente os nossos poetas sentem a vida num **climax** rendado de auroras, minutos matinaes, que são amores que fa-

zem sofrer. Rodrigo Junior faz belos versos e obriga o leitor a lê-los com agrado sentimental.

Paraná movimenta suas Musas, dá-lhe vigor através da intelligência dos seus filhos poetas, dos homens que fazem da vida um céu azul de beleza e ternura.

"Flâmulas ao Vento..." é um livro que não será esquecido. Ha personalidade, brilho, maestria na composição das estrofes.

O. S.

BANCA FRANCESE & ITALIANA

PER L'AMERICA DEL SUD

Capital Frs. 100.000.000,00

Fundo de Reserva Frs. 121.000.000,00

—:o:—

Succursal de Porto Alegre: RUA SETE DE SETEMBRO, 1100

Telefones: Desconto-Cobranças, 5355 — Diretoria-Cambio, 5356

Todas as operações bancarias.

Indice de Revistas

REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS — Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil.

RIO DE JANEIRO, Outubro de 1940. Ano IV. n.º 25. Autores e trabalhos neste fascículo: Abílio de Carvalho — Tuas Mãos. Afonso Schmidt — Lusitania. Aníbal Matos — Portugal de ontem e de hoje. Antonio Pinheiro — Redenção. Ari Martins — Entidades litero-culturais do Brasil. Câmara Cascudo (L.) — O centenário de C. F. Hartt, Costa Filho — Lusolinguá. Costa Rego Júnior — Pendão de Portugal. Domingos Barbosa — Fran Paxeco, um luso-brasileiro. Dorval Borges — Saudade portuguesa. Heráclito A. Pereira — Poeira do Passado. João Cabral — Fábulas. José de Mesquita — Cenas de bordo. Mário Melo — A Fonte das Lágrimas. Martins de Oliveira (D) — Poesia moderna. Oton Costa — Rui e Carneiro Ribeiro. Paulo Bentes — Pedro Teixeira e a nossa expansão territorial Raúl Monteiro. — regresso. Silveira Nêto — Os centenários de Portugal. Bibliografia. FALB e as suas últimas sessões. Intercambio panamericano.

Variedades. Vida académica. Vida (Da) e da obra de patronos (Tiers Veloso).

Outubro 1940 Ano IV. N.º 26. AUTORES E TRABALHOS NESTE FASCÍCULO: Almeida Cousin — Tamanquinhos de S. Paulo. Alvimar Silva — Poesia capichaba. Antonio Viana. — Íntimos. Ari Martins — Entidades litero-culturais do Brasil Bento Fernandes — Quando a invernia chora. Carlindo Lélis — Basílio da Gama e o "Uraguai". Carlos Chauvim — Nossa Senhora do Carmo. Costa Filho — Minha América Austral. Cristino Castelo Branco — Não penses!. Epifanio F. Doria — Comentários. Fernando de Mendonça — O prefácio da obra do Estado Novo. João Pinheiro — Evocação. Larmartine F. Mendes — Themis e Marte. Luis Iavenere — Amor verdadeiro. Mario Linhares — Dois escritores. Mario Tota — Pedra. Martins de Oliveira (D). — Castro Alves e a América. Oliveira Roma — Eu rio-me delas. Vitor Coelho de Almeida — Taperá. Waldemar de Vasconcellos — Alceu Wamosy. Walter Spalding — Marcelo Gama. Intercambio pan-americano. Variedades. Vida académica.

"BOLETIN DEL ARCHIVO GENERAL DEL GOBIERNO" —
Tomo V. Numero 4. Guatemala,
C. A. Julio de 1940.

Su Majestad solicita acerca de la reduccion de los indios de Taguzgalpa. Año de 1585. El Rey pide informes relativos as estado de la reduccion de Taguzgalpa — Año de 1594 149. Su Majestad recomienda a Fr. Estevan Verdelet (O. F. M.) la conversion de los indios Jicaques de la Taguzgalpa. — Año de 1607. El rey solicita informes de ciertos indios, que moran en las montañas de Nicaragua. — Año de 1609. Es facultado el Gobernador de Honduras, para que pueda organizar expediciones militares contra los indios infieles. — Año de 1610. Providencia acerca de la reducción de los indios que pueblan las montañas de Nicaragua. — Año de 1610. Carta del Doctor Pedro Sánchez de Araquez, acerca del estado de los indios de Nicaragua y Costa Rica. — Año de 1613. Fray Lúcas González, rinde informe al P. Provincial de los dominicos de la redcción del Manché. — Año de 1634. El rey ordena a la audiencia que preste apoyo a Diego de Vera, encargado de la reducción de El Lacandón. — Año de 1639. Real cédula em que Su Majestad da las gracias a la Audiencia por haber cooperado en la rección del Chol. — Año de 1656. Su Majestad recomienda que los indios que pueblan la isla de Jaen (Nicaragua) sean reducidos. — Año de 1671. Ordena Su Majestad que se le informe de los servicios hechos por

Bartolomé de Escoto, en la conquista de los Jicques. — Año de 1674. Relación verdadera de la reducción de los indios infieles de la provincia de Taguzgalpa. — Año de 1674. Razón del estado em que se hallan las reducciones de indios infieles a cargo de los religiosos de San Francisco. — Año de 1675. Autos relativos al proyecto de don Juan Bautista de Urquilla, acerca de la reducción de infieles. — Año de 1680. Autorizando los gastos indispensables para continuar la reducción de los indios Jicaques. — Año de 1685. Real cédula ordenando a la Audiencia que ayude a los dominicos, encargados de la reducción del Chol. — Año de 1686. Real cédula ordenando a la audiencia que ayude a los dominicos, encargados de la seducciones de indios. — Año de 1686. Autos hechos em cumplimiento de la cédula por la cual queda encargado el Presbitero Francisco González, tenga a su cargo la reducción de los indios Jicaques. — Año de 1686. Auto acordado en junta de real hacienda, acordando los gastos necesarios para las reducciones de indios. — Año de 1690. Oficio del Cápitan Genral don Jacinto de Barrios Real, comunicando su llegada al pueblo de El Lacandón. — Año de 1695. Autos realtivos a la fundacion del Collegio de Propaganda Fide de Cristo Crucificado. — Año de 1695. Real orden ordenando al Alcalde Mayor del partido de Tecpán-Atitlán proporcione cincuenta indios canoeros. — Año de 1695. Informe de los frailes Blas Guillén y Lúcas González, acerca del estado de las reducciones de los indios de El La-

candón y Mopan. — Año de 1696. Carta de don Francisco de Mella y Frias, comunicando a la Audiencia haber sido descubierto el desagüe del Ytza. — Año de 1696. Instancia de Fray Domingo López, solicitando ayuda para e "entrar" en las montañas de los Lacandones. — Año de 1696. Real cédula negando el título de Adelantado a don Martin de Orsua y Arismendi. — Año de 1702. Su Majestad recomienda que la conquista del Petén e Ytzá, esté a cargo de los frailes dominicos. — Año de 1704. Cédula en que Su Majestad agradece a Fray José Girón, la reducción de varios indios de El Lacandón. — Año de 1709. Su Majestad pide informes del estado de la reducción de Boruca. — Año de 1709. Dispone el rey que los indios sean bien tratados y se vele por el aumento de las reducciones. — Año de 1709. Disponiendo ciertas sumas, para el sostenimiento de la reducción de Nuestra Señora de los Dolores de El Lacandón. — Año de 1709. Informe rendido por el Capitán Gaspar Raymundo de Varaya, acerca del estado de las milicias encargadas de la vigilancia de los indios Socmoes y Lacandones. — Año de 1709. Autos para determinar la calidad del sitio nombrado Ipchía, para efectuar el traslado de varios indios lacandones. — Año de 1712. Real cédula ordenando el cumplimiento de las leyes que regimientar la manutencion de los recién convertidos. — Año de 1713. Su Majestad da su aprobación para que sean trasladados ciertos indios de El Lacandón. — Año de 1713. Real

cédula que contiene el agradecimiento de Su Majestad a la Audiencia, por haber cooperado en la reducción del Ytzá. — Año de 1714. Su Majestad aprueba el traslado de lacandones al sitio de Asquepala. — Año de 1715. Prohibe Su Majestad que los indios del Ytzá y del Petén, sean extraídos de sus hogares. — Año de 1716. Autos acerca de la invasión de indios Payas, al pueblo de Catacamas. — Año de 1716 187. Su Majestad aprueba la conquista del Ytzá. — Año de 1717. Carta de don Juan de Oseguera y Quevedo, acerca de la misión de Léan Y Mulia. — Año de 1727. Informe de Basilio de Andino, acerca de la reducción de varios indios. — Año de 1740 191. Título de Capitán de Conquista de los Indios Caribes de la montaña de Sévaco y Chontales, a favor de Pedro Alemán. — Año de 1744. Pago de los sínodos devengados por los misioneros encargados de la reducción de los Jicaques. — Año de 1745. Instancia del síndico del Colegio de Propaganda Fide, sobre que sean pagados los sínodos devengados por los misioneros de Tologalpa. — Año de 1747. Cuenta de lo gastado en las reducciones de Leán. — Año de 1752. Informe del estado de la misión, de San Juan. — Año de 1752. Cuenta de lo gastado en la misión de Yoro. — Año de 1752. Su Majestad solicita informes del estado de las misiones de Talamanca y Atirro. — Año de 1759. Manuel López de Llano, informa de la invasión de indios moscos y sambos al valle de Matina. — Año de 1760. Constancia del pago de sínodos a los misioneros de Leán y

Yoro. — Año de 1764. Su Majestad solicita informes sobre el estado de las misiones de Matagalpa. — Año de 1764. Real cédula solicitando nueva información acerca de las misiones de Talamanca. — Año de 1765. Informe sobre el estado de la reducción de caríbes. — Año de 1768. Autos de la visita general que Fray Francisco Javier Ortiz, hizo a las reducciones que son a cargo de los franciscanos. — Año de 1768. Autos acerca de la instancia del caribe Juan Yarrinsen, sobre su conversión. — Año de 1768. Pago de la doctrina asignada a los misioneros que radicam en la reducción de San Buena Ventura. — Año de 1768. Relación individual de lo que comprende la situación donde habita el inglés Guillermo Pit. Año de 1769. Informes rendidos por los Gobernadores de Comayagua, Nicaragua Y Costa Rica, acerca del sometimiento de los Moscos. — Año de 1769. Informa el Gobernador de Costa Rica, que vários indios Moscos pretenden someterse a la corona de España. — Año de 1679.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE.

Fundado a 29 de março de 1902. Vols, XXXII a XXXIV. 1935-1937. Assuntos: Nestor Lima — Tradições e Gloria de Mossoró (Conferencia). Luis da Camara Cascudo — O nome "Potiguar", Nestor Lima — Relatório da Presidencia do

Instituto Histórico no bienio de 1935-37. Luis Fernandes — O nome de Caicó. Redação — A fonte do Olho d'agua do Milho, em Caraubas. Celio Meira — Padre Ibiapinha. Luis da Camara Cascudo — O Povo do Rio Grande do Norte. Joaquim Inacio Filho — Diretrizes Sagradas. (Discurso). Luis da Camara Cascudo — As lendas de Extremos. José Augusto — Um chefe sertanejo: José Bernardo de Medeiros. Redação — Arquivo — Revolução Republicana de 1817. Eugenio de Castro. — A ilha de Manoel Gonçalves. Atas das sessões do Instituto Histórico (1933-1937). Conde de Afonso Celso — Precioso Documento sobre Felipe Camarão. Redação — O Tricentenário da invasão holandesa no Rio Grande do Norte H. Josge Hurley — "Ceará Colonia". Augustin Venturino — "O Ideal de Confraternidades". Redação — Ruas de Natal. Redação — Necrologia — Desembargador Luiz Fernandes, Dr. José Rodrigues de Carvalho, Pe. Dr. Manoel G. Soares do Amorim, Mons. Francisco Severiano de Figueirêdo, Nonato Mota. Desembargador Joaquim Ferreira Chaves, Dr. Teodoro Sampaio. INDICE.

"REVISTA DO ENSINO" DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL EDUCAÇÃO E SAÚDE.

Orgão de divulgação sob o patrocínio da secretaria da Educação e Saúde publica do Estado do Rio Grande do Sul. — Porto-Alegre

— Agosto 1940. — Ano I — N.º 12 — Vol. 3. — Sumário: **EDUCAÇÃO**: Editorial — Creio na Bandeira do Brasil por J. Antunes de Matos — Os Métodos Novos na Escola Primária pelo Prof. M. Deschamps — A Criança na Escola e no Lar pelo Prof. Boris Seligman — A Iniciação Musical Infantil por C. Wautier D'Aygalliers — Os Problemas da Adaptação Social da Criança por Elise H. Martens — Flora do Rio Grande do Sul pelo professor Irmão Teodoro — Prática Agrícola — Pontos de referência para os principiantes — pelo Prof. Gaspar Dilermando Ochôa. — A Escola Nova e o Meio Rural — Pelo Prof. Luiz Antonelli — Secção de Consultas — Questões Vêrnáculos pelo Prof. Elpidio Paiz — O Seguro de Vida. — A Instrução Pública e a Assistência Social no Município do Cai — Noticiário: Atos e Iniciativas da Secretaria da Educação e Saúde Pública. **SAÚDE**: Editorial — Tuberculose — Dr. José Bonifácio Paranhos da Costa. — Curso de BioPsicologia Infantil — Hereditariedade e Lesões Germinais pelo Dr. Raimundo Godinho — Higiene da Futura Mãe — Dr. Oscar Scheider — Quando e porque devem as crianças ser vacinadas pelo Dr. Maia Faillace — Importancia do isolamento na luta contra as doenças transmissíveis pelo Dr. Leonidas Soares Machado — Difteria e Vacinação pelo Dr. Newton Neves da Silva — Alimentação natural do lactente, pelo Dr. Cesar G. D'Elia — A Higiene do Trabalho, pelo Dr. Eurípedes Jobim de Oliveira — A

14 — R. I. H.

Mosca, — pelo Dr. Amaro A. O. Batista. — Amparo à Maternidade, pelo Dr. Paulo Boas de Oliveira — O Ensino de Alimentação na Escola Primária, por Joaquim Muniz Reis — Campanha de boa visão de 1939 da Liga de Prevenção da Cegueira. — Instruções aos médicos dos P. H. com relação á profilaxia e combate ao Tracoma — A Educação Sanitária — Orientação Didática.

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — Publicação do Departamento de Cultura.

Orgão da Sociedade de Etnografia e folclore e da Sociedade de Sociologia. ANO IV. Volume LXVIII. São Paulo, Julho de 1940 — Sumário: A Sociologia de Georges Gurvitch por Roger Bastide — O Problema do Pescado por Clement de Bojano — A idade para casar por A. Almeida Júnior — A Família Sene, de Silveiras e Algures: antes de tudo, pequenos lavradores por Carlos da Silveira — Dicionário Bibliográfico de apelidos luso-brasileiros — N. O. por Salvador de Moya — Nos sertões do Brasil p. Dr. Fritz Krause — Bibliotécas do Rio de Janeiro e de São Paulo e o movimento bibliotecário da capital paulista por Dorothy M. Gropp — Ordens Régias — Papéis avulsos — Atas da Câmara de Santo Amaro — Noticiário — Publicações — Jurisprudência — Decretos — Decretos-Leis Municipais.

REVISTA DE EDUCAÇÃO

Departamento de Educação do Estado de S. Paulo — Setembro e Dezembro — 1939 — Volume XXVII — Nos. 27 e 28 — Dr. Alvaro de Figueiredo Guião — Discurso que S. Exia. o Dr. Álvaro Guião ia pronunciar em Viosa — Lourenço Filho — A Pedagogia Norte-Americana. D. José Gaspar de Afonseca e Silva — Problemas Educacionais. Luiz Gonzaga Fleury — O método de projéctos e os métodos tradicionais — Programas e horários. Comissão de Estudos do S. I. A. E. — Testes. Fabiano R. Lozano e Judas Isgorogota — Os síncos da Vila. Figueira de Melo — Alguns Conselhos sobre Vermínoses. José Benedito Madureira — O Desenho na Escola Primária. Maria Antonieta de Castro — O Problema da Alimentação dos Escolares. Luiz Gonzaga Fleury — Súmula de Lógica Clássica. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — Circulares e Atos. FATOS E INICIATIVAS. LEGISLAÇÃO ESCOLAR. ATRAVÉS DE REVISTAS. PUBLICAÇÕES.

MINÉRIA

Organo de la ASOCIACION COLOMBIANA DE MINEROS — Medellín-Colombia — Año VI — Marzo de 1938 — Nros. 69 — SUMARIO: NOTAS EDITORIALES — Carta del doctor Gustavo White U. — Producción de oro y plata. — Gráficos. SECCION TÉCNICA

— Los molinos de pisonos en la trituración de minerales. — por Gilberto Botero R. Estudios mineros de algunas regiones del Departamento de Nariño por José Sandoval. SECCION JURIDICA — Comunicación sobre control de cambios N.º 242884 y modelo de combración. Comunicación sobre control de cambios N.º 24487 y modelo de certificación. Impuéstos de minas pago deficiente. — Por Carlos E. Henão. ESTADISTICA: El oro — H. N. Lawrie. Cotización de metales en New York — Producción de oro y plata en Colombia, clasificada por Departamentos — Marzo de 1938. — Comparación de la producción mensual de oro. 1933-1938. — Precios de elementos para minas — Notas diversas: Nuevas tarifas del Ferrocarril de Antioquia — La minería en el Cauca — Memorándum sobre Higiene en los Campamentos.

Julio, — Agosto — 1940 — Vol. XVII — Nos. 97-98 — SUMARIO: Notas Editoriales: Nuevas disposiciones sobre minas — Es señor Ministro de Minas y la Asociación — El Futuro del oro ante el conflicto europeo por Diego Tobón A. — Sección Técnica: Anotaciones sobre Minería de Aluviones por Roberto Londoño G. — Sección Jurídica: Contribución al estudio del nuevo Código de Minas por Enrique White U. — Decreto — Ley N.º 1447 de 1940 sobre crédito minero — Decreto Ley N.º 1434 de 1940, sobre explotación y comercio de oro, etc. — Decreto Ley N.º 1381 de 1940, sobre aprovechamiento, conservación y distribución de aguas nacionales

de uso público — Decreto N.º 1382 de 1940 sobre aguas — Proyectos de ley sobre minas — Sergio Abadía Arango — Ordenanza N.º 20 de 1940 sobre minería — Guacas (Resolución) — Sección de Economía y Estadística: La situación económica nacional — Debe impulsarse la explotación de metales y minerales pobres. — Guillermo Guinguer S. — Producción de oro y plata en Colombia. — Junio y Julio de 1940. — Cotización de metales y minerales en New York — Producción de petróleo crudo en Colombia. — Notas Diversas: Crónica sobre las minas de Marmato — Gabriel Castro — Explotación de Carbón mineral — Necrología.

UNIVERSIDAD CATOLICA BOLIVARIANA.

Publicación Bimestral. — Medellín-Colombia — Abril-Mayo — Vol. V — N.º 15 — Año — 1940. Contenido: Abel Naranjo Villegas — Fundación del Estado Colombiano. El Héroe y es Estadista. Luis López de Mesa — Oración ante la tumba del Gral. Santander. Clarence Finlayson — Poesía de Neruda. Significación de elementos. Angel Vassalo — Metafísica de la Libertad. Juan de la C. Posada — Nociones de Antropogeografía, VIII. Sergio Elias Ortiz — Lingüística colombiana, Familia Saparo o Gae. Luis E. Nieto Ateta — Naturaleza, Historia y Cultura. BIBLIOGRAFIA; C. Betancur — Escritos psicológicos de Félix Krüger. O.

Villegas — Selección de sus poemas, de Germán Pardo García. L. E. Nieto A. — La nueva jurisprudencia de la Corte, por F. Tafur Morales — Pensamientos fundamentales de la economía, por G. Cassel. — G. Henao M. — El arte nocturno de Vitor Delhez, por F. Díez de Medina. — E. Arias R. — La soberanía, por F. J. Legón. — R. Uribe F. — Sueños de Luciano Pulgar, ts. IX y X. — E. Giraldo Z.: Las fuentes y el sentido del comunismo ruso, por N. Berdiaef. — P. Romanelli.: Sobre la involución en el Derecho, por G. Del Vecchio. — REVISTAS DE AMERICA: — NOTAS — Luis Vives o el renacimiento español. — Indigenismo, panamericanismo y hispanoamericanismo — Piedra y Cielo — La Filosofía en América. — INFORMACIÓN UNIVERSITARIA — Dr. Juan E. Martínez. — S.S. Pio XII y la U. C. B. — Nuevo decano de la Facultad de Derecho. — La visita del Professor Lewis Hanke. — Nuestros colaboradores. — Cuadernillos de poesía colombiana, N.º 5. — Antonio Llanos. — Estudio de A. Durán Laserna.

BOLETIM DO SERVIÇO DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO.

Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. — São Paulo — Outubro de 1940. — N.º 2. — SUMÁRIO: Introdução — I.ª parte — A colonização oficial em S. Paulo e o Núcleo Colonial — "Barão de Antonina" — A colaboração de S. Paulo nos trabalhos

do Conselho de Imigração e Colonização — Segunda Conferência Pan-Americana de Trabalho — Os objetivos da reforma do Serviço de Imigração e Colonização do Estado de S. Paulo — 2.^a Parte: — Movimento imigratório do Estado de S. Paulo no período 1937 — 1939 — 3.^a Parte: — Movimento Imigratório do Estado de São Paulo. Quadros estatísticos básicos.

**BOLETIN DE LA SOCIEDAD
GEOGRAFICA DE COLOMBIA.**
(Academia de Ciencias Geográficas).

Bogotá — Julio de 1940 — Volumen VI — Número 4 — Contenido: Sección Editorial — Notas de la Dirección — El Segundo Congreso de Historia y Geografía y la Sociedad Geográfica de Colombia — Nueva Junta Directiva de la Sociedad Geográfica. — **TRABAJOS DE LOS SOCIOS:** La vegetación y el agua por José Miguel Rosales — Cartografía Colombiana (continuación), por Eduardo Posada — Contribución al estudio de la Geografía del Departamento de Cundinamarca, por Alfredo Ortega Díaz — Archipiélago de San Andrés y Providencia, por Hernando Mora Angueira — **COLABORACIÓN CIENTIFICA:** Enlace de la red geodésica del Instituto Geográfico, Militar y Catastral al Observatorio Astronómico Nacional — Notas varias.

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL.

Publicação do Departamento de cultura — Órgão da Sociedade de etnografia e Folclore e da Sociedade de Sociologia — São Paulo — Agosto de 1940 — Ano VI — Volume LXIX — **SUMÁRIO:** Métodos de Pesquisa Social por Francisco de Paula Ferreira — Alimentação da classe obreira de São Paulo por Oscar Egidio de Araujo — Teoria e Pesquisa em sociologia — por Donald Pierson, Ph. D. — Viagem pelo Brasil de Spix e Martius por Herbert Baldus — Achegas à Historia do Sul Paulista por Aluisio de Almeida — **Dicionário Bibliográfico de Apellidos Luso-Brasileiros** — N. O. por Salvador de Moya — Nos Sertões do Brasil pelo Dr. Fritz Krause — **Significação Histórica da Chegada** por Antonio Osmar Gomes — Sugestões para uma classificação Física e Esporte por Irene de Menezes Doria — **Ordens Régias** — **Papéis avulsos** — **Atas da Câmara de Santo Amaro** — **Noticiário** — **Publicações** — **Jurisprudência.** — **Decretos-Leis Municipais.**

REVISTA BRASILEIRA DE ESTATISTICA.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Rio de Janeiro — Abril-Junho de 1940 — Ano 1.^o — N.^o 2 — **SUMÁRIO** — José Carlos de Macedo Soares, — **Diretrizes Fundamentais da Estrutura e atuação do Instituto Brasileiro**

de Geografia e Estatística — Roberto C. Simonsen, Recursos Econômicos e Movimentos das Populações — Giorgio Mortara, Estudos sobre a utilização do censo demográfico para a reconstrução das estatísticas do movimento da população do Brasil — Andrade Bezerra, O papel do Município entre os elementos formativos do espírito da Nacionalidade — Sérgio Nunes de Magalhães Júnior, A masculinidade no Distrito Federal em quarenta e nove anos — Lourenço Filho, Tendências da Educação Brasileira — M. A. Teixeira de Freitas, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e os Governos Regionais — Theodore Henry Brown, O papel de probabilidades — VULTOS DA ESTATÍSTICA BRASILEIRA — Daniel Pedro Müller — NOÇÕES DE METODOLOGIA — Teorema de Bernouille e Lei dos Grandes Números — DE ONTEM e DE HOJE — Estatísticas da Província de S. Paulo — Resumo histórico da Estatística no Paraná — ESTUDOS E SUGESTÕES — Cadastro Agrícola Nacional — INFORMAÇÕES GERAIS — BIBLIOGRAFIA — LEGISLAÇÃO — RESENHA — o 4.º Aniversário da instalação do I. B. G. E. — Oitavo Congresso Científico Americano — Palácio do Silogeu Brasileiro — Sociedade Brasileira de Estatística — Homenagens à memória do "Fundador da Estatística Geral Brasileira" — Congresso de Prefeitos do Espírito Santo — Serviços Estatísticos Regionais — Séries Estatísticas.

REVISTA DO INSTITUTO HERALDICO-GENEALOGICO.

Antiga Revista do Instituto de Estudos Genealogicos — S. Paulo — I.º Semestre de 1940 — Ano IV — N.º 7 — SUMARIO: Redação — Moretzsohn de Castro — Origem da Família de Arruda Botelho de S. Paulo Gumbleton Daunt — A Condessa de Paris. Mario Mello — Os Lins do Brasil. Oscar Argollo — Família Moniz. Mario Torres — Visconde de Fiaes. Bueno de Azevedo Filho. — Um ramo inedito da genealogia maranhense. Bulcão Sobrinho — Os tres Barões de São Francisco. Marina de Andrada — A Família Andrada. Corrêa de Mello — Um Vitral Heraldico. Frederico Somer — Frederico Luiz Guilherme de Vernhagem. José Augusto — Os Bezerra de Menezes. Gomes Bayão — Barão de Cattas Altas. Matinez Auler — Descendencia do Dr. José Vicente Meira de Vasconcellos. Albuquerque de Bettencourt — Morgados em Portugal. Alvará que fez Mercê de Dom ás Mulheres dos Cavalleiros das Tres Militares. Barros Brotero — Additamentos a Silva Leme. Veiga de Castro — Primeiros povoadores de Tietê. Souza Campos Jr. — Descendencia do Marquez de S. João Marcos. MacDowel da Costa — Ordem Militar e Hospitalar de São Lazaro de Jerusalem. Dom Francisco, Bispo-Conde — Ascendencia dos Pereira Ramos de Azevedo Coutinho Ramalho. Solar da Família Queiróz Telles. Correa de Guamá — Barão de Guamá. Jorge G. Feli-

zardo — Bento Gonçalves da Silva. Roberto Thut — As Armas Nacionais e sua legitimidade heráldica. — Ex-libris — Conego Castanho de Almeida — Archivo Parochial de Sorocaba — Carta de Brazão de Armas concedida a Garcia Rodrigues Paes Leme e Fortes — Necrologios-Actas — Estatutos — Directoria — Membros do Grande Conselho — Quadro Social — Varias.

REVISTA DA ACADEMIA PETROPOLITANA DE LETRAS.

Petropolis — Junho de 1940 — Ano VII — Numero 9 — SUMÁRIO: Petropolis por Gustavo Barroso — Petropolis por Leoncio Correia. Preito de Saudade por A. de Paula Buarque. Meus cabelos Brancos por Murillo Fontes. A espiritualidade de Calogeras por Pe. Francisco Gentil Costa. Ultima oração por Carauta de Souza. Discurso por Alcindo Sodré. Sabe que é linda e amada por Arthur Barbosa (Carlos Ferraz). Saudade por Ascanio Ribeiro.

NATURAL HISTORY SETEMBER — 1940 — Mammoths & Men — Story of Mexican Art — Big Wolves — Guatemala — Georg C. Vaillant on Human Sacrifice. The Magazine of the Museum of Natural History — Volume XLVI — N.º 2 — A Warrior from the Island of Nias — Cover Design. Letters — Guatemalan Panorama por Martin Birbaum — Mrs. Turtle Comes Ashore. The Mysterious Is-

land of Nias. S. Dillon Ripley. Mammoths and Men — Edwin H. Colbert. An Ancient Deathtrap. Human Sacrifice in Ancient Mexico — George C. Vaillant. The Story of Mexican Art. The Home Life of the Big Wolves — Vernon Bailey. Chapin of the Congo — D. R. Barton. Information Test — Your New Books — Underground with Your Camera — Charles H. Coles.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Rio de Janeiro — Julho de 1940 — Ano II — N.º 3 — SUMÁRIO do Número de Julho de 1940 — Artigos Caxambú pelo eng. Virgílio Correia Filho. Civilização do Açúcar no Brasil pelo eng. Gileno de Carlí. Divisão Territorial do Brasil pelo Major João Segadas Viana. Geografia dos Transportes no Brasil pelo eng. Moacir F. Silva, Consultor Técnico do Conselho Nacional de Geografia. Vultos da Geografia do Brasil: — Alberto Betim Paes Leme — Louis Agassiz. Inqueritos Geográficos: História da Geografia. Comentários: Exposição Nacional de Mapas Municipais pela Redação. Atualidade da Cartografia Brasileira — pelo eng. (conferencia) Cristovão Leite de Castro. Recenseamento Geral da Republica em 1940 pela Redação. Tipos e Aspétos do Brasil: Campo cerrado — Bois de Selva. NOTICIÁRIO: Homenagem do S. G. E. F. Ao Embaixador Macedo Soares. — Revista Brasileira de Es-

tatística — VII Congresso Científico Americano — IX Congresso Brasileiro de Geografia — Campanha das Coordenadas das sedes. Municipais — Expressiva Moção do I Congresso Brasileiro de Cultura — Silogeu Brasileiro. — Palácio da Cultura. O Tenente Coronel Lima Figueiredo no Comando do 2.º Batalhão de Engenharia — Doutor Flores de Moraes Rêgo. Atividades Geográficas: Resenha do I.º Semestre de 1940. Relatórios, Resoluções e Leis: Decreto-Lei N.º 2.104, — Decreto-Lei N.º 2.108 — Decreto-Lei N.º 2.326. Bibliografia Publicações sobre Geografia editadas no Brasil em 1939/40 (continuação) — Publicações de Interesse Geográfico Editadas no Brasil nos Anos de 1939/40 (continuação).

REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS — Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil — Rio de Janeiro. — Ano IV — Agosto de 1940 — N.º 24. SUMÁRIO — Alphonse Daudet — Fócion Serpa; Poesia Capichaba — Alvimar Silva A' cerca de nomes Gentílicos — Virgílio Correia Filho; Árvore Triste — Mario Tota; Paisagem Modernista — Rodrigo Júnior; Como Nasceu o Amazonas — Antonio Soares; Problema de Fonética Histórica Portuguesa — Martins de Aguiar; Alma Verde — Walquiria Neves Salis Goulart; Conto Falido — Almeida Cousin; Poesia Moderna — D. Martins de Oliveira; O Cruzeiro — Aldo Delfino; Nossa Senhora do Carmo — Carlos Eugenio Chauvin; Da Vida

e da Obra de Patronos — Joaquim Vilela; Vida Acadêmica; Bibliografia; FALB nas suas últimas sessões; Intercambio panamericano; Variedades; Vida acadêmica; Vida (Da) e da obra de patronos (Almino Afonso, Amancio Pereira e Joaquim Vilela).

Ano II Abril a Junho de 1940 número 6 Volume II.

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS — Publicação trimestral. SUMÁRIO — Alguns Aspétos da vida de Alcides Munhoz — Laerts Munhoz; A Terra Portuguesa — J. Cadilhe; Portugal — Nascimento Junior; Portugal e Brasil — Silveira Neto; Ação dos Portugueses na nossa Independência — Pereira de Macedo; "E julgareis qual é mais excelente, se ser do mundo Rei, se de tal gente" — Ciro Silva; In Memoriam — José Gelbeck; Raul Gomes e o seu Método de Ensino da Língua — Valfrido Piloto; O Novo Pan-Americanismo — J. F. Mansur Guerios; Sentimentos Nobres de Almas Selvagens — Azevedo Macedo; Canção Auriverde — Durval Borges; Caxias — Raúl Gomes; Final de Romance — Ciro Silva; O Mistério da Pensão Bonnard — Rodrigo Junior; O Paraná e o Recenseamento de 1940 (Discurso do Dr. Garcia de Miranda Neto); NOTICIÁRIO — Nossa Estante — Crítica; Intercambio Cultural; Anais da Academia Paranaense de Letras; Regulamento da Divisão de Escritores Brasileiros — Lista dos Acadêmicos.

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — Publicação do Departamento de Cultura, Órgão da Sociedade de Etnografia e folclore e da Sociedade de Sociologia; Diretor: Francisco Pati; Secretario: Sergio Milliet. — Ano IV — Junho 1940 — S. Paulo.

SUMARIO — Subsídios para a História da Assistência Social em São Paulo — Tolstoi de Paula Ferreira; Tomé de Sousa em Marrocos — Robert Richard; Dicionário Bibliográfico de Apellidos Luso-Brasileiros — Salvador de Moya; Imigração e criminalidade — Os Exames Medicos Periódicos e a Incidência das Lesões Cardíacas entre as Crianças e Adolescentes — José Martins Ferreira; Nos Serções do Brasil — Dr. Fritz Krause; A Festa das Canoas em Maratizes — Rubem Braga; Os Estilos da Arte Plástica — Ana Biró de Stern; Teodoro Sampaio e Hans Staden — Pe. A. Lemos Barbosa; Aditamentos a um Estudo sobre Toponímia Kaigang — Francisco S. G. Schaden; Ordens Régias — Papéis Avulsos; Atas da Câmara de Santo Amaro; Noticiário — Publicações — Jurisprudência — Decretos — Decretos-Leis Municipais.

BOLETIN DEL ARCHIVO GENERAL DE LA NACION. — Republica Dominicana cidade Trujillo — Ano III — Numero 11 — Vol. 3. SUMARIO — Colecion Lugo (contin.) — El descubrimiento y la conquista — Dr. Gustavo Adolfo Mejia Ricart.

EDUCACION — Órgano Oficial del Ministerio del Ramo — Enero a Junio de 1940. — Quito — Ecuador. — Nros. 112 y 113.

SUMARIO — Mensaje a los Maestros de America. — Dr. J. M. Estrada Coello; Día de las Américas — José Jaramillo C.; Gonzales Suarez — Anibal Endara; Los Libros de Montalvo — Francisco Téran.

Dies Esquemas sobre Pedagogia de Jardines de Infantes — Elisa Ortiz Aulestia; Los Testes de Inteligencia B. D. Y Su importancia en la Direccion Educativa del Jardin de Infantes — Edemundo Carbo; La Educacion en la Literatura Infantil — Dario Guevara; Otros Aspetos de la Literatura Infantil en la Escuela — Ricardo Alvarez; La Enseñanza Del Lenguaje — Manoel Velásquez Andrade; Algunas Poesias que pueden utilizar-se em los Jardines de Infantes — Autores varios; Comentarios de los Programas de Historia de Colombia, Chile y Ecuador — Mario Viteri; Ciencia Recreativa — Enrique Carvajal; Programas Gráficos para la Enseñanza de Trabajo Manual en IV y V Grados — Alfonso Aulestia B.

El Normal Rural de Uyumbicho — Reinal Murgueytio; El Sistema de Porcentuaje aplicado a la Escala de Calificacion Reglamentaria de los Normales Rurales — Ligdano Chávez; La Educacion Economica en la Escuela Rural — Luiz Andino Gallegos y R. Murgueytio;

La Metalurgia en el Incario — J. E. Pasquel; Problemas de la Inspección Escolar — C. Aillón Tamayo; Una Biblioteca al Aire Libre — Gerardo Guevara; Bibliografía Pedagógica (Lecturas y consultas para Maestros — Selección de la Biblioteca Nacional — Quito — Ecuador).

Para la Historia de la Educación Nacional — N. R. Zúñiga G; El Uruguay Antorcha de la Cultura Americana. — Morayma Ofyr Carvajal; A Propósito de la Muerte de Freud — Domingo Casanovas; Figuras Educadoras — Alejandro Andrade Coello; Vida, Pasión y Muerte de Miguel de Santiago — Jorge Pérez Concha; Breve Alusión a la Poesía Venezolana — Ignacio Lasso.

Informaciones Educativas Mundiales — Notas sintéticas sobre el movimiento educativo y cultural del exterior y del país; Oficiales: Labores del Departamento del Ramo.

BIBLIOGRAFIA

BOLETIN DE HISTORIA Y ANTIGÜEDADES. — REPUBLICA DE COLOMBIA — BOGOTÁ. —

Número 307. — Homenaje Académico a la Memoria del General Santander en el Primer Centenario de su Muerte. — 1840-1940.

I Discursos.

Del Académico Don Enrique Otero D'Costa al Inaugurar un

Busto del Hombre de las Leyes, en el Barrio de su Nombre; Del Académico Don Gerardo Arrubia al Inaugurar la sala Santander en el Museo Nacional; Del Académico Don Henrique Otero D'Costa al Inaugurar el Segundo Congreso de Historia de Colombia; Del Académico Presbítero Juan Crisóstomo García en la Catedral; Del Académico Don Joaquín Tamayo en el Concejo Municipal; Del Académico Don Luis López de Nesa en el Cementerio; Del Académico Don Laureano García Ortiz en el Teatro de Colón, en Homenaje de las Academias Nacionales; Del Académico Don Emilio Robledo en la Clausura del Segundo Congreso de Historia y Geografía de Colombia; Del Académico Don Henrique Otero D'Costa en el Banquete en Honor de los Miembros del Segundo Congreso de Historia y Geografía de Colombia; Del Académico R. P. Félix Restrepo al Inaugurar un Busto de Santander en el Colegio Mayor de San Bartolomé; Del Académico Don Pedro Julio Dousdebès en la Sociedad Geográfica de Colombia; Del Académico Don Luis Augusto en la Sociedad Boliviana de Colombia; II. Informe de la Secretaría de la Academia, por Cortázar.

REVISTA GENEALOGICA BRASILEIRA — Anno I — 1.º Semestre de 1940 — N.º I — S. Paulo — Brasil.

SUMÁRIO — Daunt — Conde D'Eu; Carvalho Franco — D. Bernardo José Maria de Lorena e Sil-

veira; Fouquet — A Família Lindenbergh na Allemanha e no Brasil; Mello Nogueira — Os Estudos Genealogicos serão atributos de validade?; Siqueira — Certidão de Batismo (Goyaz); Silveira (Dr. Carlos Da) — Subsídios Genealogicos; Alessandro — Documentos Familiares; Felizardo — O Sesmeiro do Morro de Sant'Anna (Rio G. Sul); Laurito — Dom Feo. de Aquino Corrêa; Gama Rodrigues — A Viscondessa de Castro Lima; Cata Preta — Arvore de Costado; Araujo Pontes — Arvore de Costado (Minas); Veiga de Castro — Arvore de Costado; Costa Ferreira — Ex-libris; Salgado dos Santos — Os Forster em Santo Amaro; Desembargador Mesquita — Origem das Famílias Cuiabanas; Desembargador Godoy — Subsídios para a Genealogia Goiana: Desembargador Moretzsohn de Castro — Genealogia Mineira; Silveira (dr. Carlos da) — Genealogia Mineira; Azevedo Pinheiro — Genealogia Mineira; Gonzaga — Arvore genealogica da Família Gonzaga (Minas); Macedo Dantas — Que é a genealogia?; Teixeira da Motta — Visconde de Caeté (Minas); Florenzano (Ary) — Paiva e Silva (Minas); Bezerra de Medeiros — Família Seridóenses (Rio G. Norte); Moniz Barreto — Genealogia da Família Moniz Barreto; Piza e Almeida — Certidão de Nobreza; Sousa Campos Jor.: Livros de Assentos Parochiaes de Campinas; Arcebispo da Bahia — Livros de Batismos, Casamentos e Obitos; Dom Aguirre — Livros de Batismo, Casamentos e Obitos; Noronha — Aguirre (Ilha da Ma-

deira); Nogueira Novaes — Aparentamentos genealogicos; Camara Cascudo — Notas do Archivo Nobiliarchico Brasileiro; Veiga de Castro — Dois Pequenos Documentos; Figueira Netto — Genealogia da Família Portugal; Moya — Simbologia Heraldica; Sant'Anna (J. Gabriel) — Família Pujol; Schröder — A Real ascendencia de uma família Gabriellense; Heitgen (José) — Ainda Technica Heraldica.

REVISTA DE LA ACADEMIA
COLOMBIANA DE CIENCIAS
EXACTAS, FISICAS Y NATURALES.

Volume III — Bogotá Numero II — SUMARIO. — SECCION EDITORIAL — Notas de la Direccion; Prospectos de esta Revista para es presente año — La guerra actual y la opinion del mundo científico — Informe anual de la Direccion del Observatorio — Actividades de la Academia Colombiana de Ciencias — Organización des Ateneo Nacional — El Octavo Congreso Científico Americano; TRABAJOS ACADEMICOS; Aves de la Región Magdaleno — Caribe (Segundo Parte? Continuación), por Armando Dugand G; Grieta Y Puente de Icononzo, por Luis Cervo Márquez; Cuestiones Referentes a la Astronomía — La Ley Newtoniane es General, por Julio Garavito A; Notas a la Flora de Colombia, I, por José Cuatrecasas; Vocabulario de Términos Vulgares en Historia Colombiana, por el Hermano Apolinar Maria; El

Último Diálogo de Platón, por Jorge Alvarez Lleras; Los Troquillidos del Museo del Instituto de la Salle, por el Hermano Nicéforo Maria; Antigüedad del uso de la coca em Colombia, por José Pérez de Barradas; Anotaciones Marginales a la "Monografía de las Leguminosas", de Santiago Cortés, por el Hermano Daniel; Miscelânea Entomoliga. Catálogo Explicativo de las Ropalóceras Colombianas del Museo del Instituto de la Salle, por el Hermano Apolinar Maria; Artrópodos Hematófagos de la Fauna Colombiana, por Luis Patiño Camargo; Algunos datos sobre Orquideas Colombianas (conclusión), por Juan Balme; El Aneriode de Contacto, por Jorge Alvarez Lleras.

NOTAS — ASSUNTOS VARIOS; Composición actual de la Academia Colombiana de Ciencias Exactas, Físico-Químicas y Naturales.

Psicologia educacional — Prof. Isaias Alves, Iniciação aritmetica — Prof. Leonardo Tochtrop, Pedagogia Lassaliana, Clubes agrícolas escolares — Prof.^a Rute Ivoti Torres da Silva, Normas para educação rural — Prof. Roberto Abadie Soriano, Literatura infantil — Josefina Gaudenzi, Pratica pedagogica e agricola — Prof. Gaspar Ochôa, Curso Secundario — Prof. Francisco Carrion, auditoria da pascoa — Prof.^a Ledy Lima, Questões vernaculas — Elpidio Paes, Legislação, etc. Saude. Editorial — Sífilis — Dr. Bonifacio da Costa, Todos devem e podem lutar pela diminuição da mortalidade infantil — Heitor Silveira, Importancia da desinfecção no curso das doenças transmissíveis — Leonidas Machado, Colonias de Férias — Mario Guimarães, Higiene mental — Artur Ramos.

REVISTA DO ENSINO

REVISTA DO ENSINO — Órgão de divulgação sob o patrocínio da Secretaria da Educação — Porto Alegre — Ano 2 — N.º 13 — Setembro: Educação: Aniversario da Revista do Ensino — Prof.^a Olga Acauan Gayer, Nação e Civilização — Prof. Darcy Azambuja, Cantico da Juventude Brasileira — Arlindo Ramos, A literatura no tempo da Independencia — Carlos de Azevedo Legori, America na fase colonial — Prof. Nei Crisostomo da Costa, Municipio de Porto-Alegre — Walter Spalding, Os centros de interesse e o aproveitamento do meio ambiente — Prof.^a Vera Simich,

Ano 2 — N.º 15 Nov.º 1940 — Porto-Alegre — Educação: Editorial. Educação e Segurança Nacional pelo Prof. Lourenço Filho — Dispersão Demografica e Escolaridade por Teixeira de Freitas — Assistência educacional e o Professor pela Miss Mc Fadin — O português de Açores na consolidação moral do domínio lusitano no extremo sul do Brasil por Dante de Laytano — A fração ordinaria II pelo prof. Leonardo Tochtrop — Plano para funcionamento da Biblioteca pela prof.^a Juracy Silveira — O canto dos contos (trad.)

pela prof.^a Pepita de Leão — As nossas realizações escolares pela Prof.^a Ruth da Silva — A bandeira pela Prof.^a Aidée Schenkel — O charadismo como fator educativo pelo Dr. Ney Brito — Legislação, etc. Saúde: Editorial. Alcoolismo pelo Dr. Bonifacio Costa — Curso de Bio-psicologia pelo Dr. Leonidas Escobar — Parada do desenvolvimento psíquico pelo Dr. Ernesto La Porta — Menores anormais pelo Dr. Luiz Ciula — O Câncer pelo Dr. Leonidas Machado — Da influencia social na formação do gosto pela Prof. Heloisa Marinho — Higiene do Vestuario pelo Dr. Radagasio Taborda.

rio: Exposição de pintura Franceza — Sergio Milliet, Os capitães-mores de Itanhaer por Francisco de A. Carvalho Franco, araraitaguaba e o seu primeiro Capitão-mór por Julio da Silveira Sudário, Dicionario Bibliografico de apelidos Luso-Brasileiros por Salvador de Moya, Psicanalise do cafuné por Roger Bastide, Nos sertões do Brasil por Fritz Krause, Contribuição ao estudo da natureza juridica da concessão de terrenos de cemiterios por F. H. Mendes de Almeida, Ordens Regias, Papeis Avulsos, Atas da Camara de Santo Amaro, Noticiario, Publicações, etc.

ANNALS OF THE ASSOCIATION OF AMERICAN GEOGRAPHERS

Vol. XXX — Set.^o 1940 — Estados Unidos da America do Norte — Sumario: World View of Destruction and Conservation of Natural Resources por J. R. Whitaker, Laterite in Relation to Soils of the tropics por James Thorp e Mark Baldwin, after 100 Years of Vacillation Cleveland Solves Its River Problem por Langdon White — Ray Hughes, Whitbeck: geographer, Teacher, and Man por Frank E. Williams.

REVISTA DO ARQUIVO MUNI- CIPAL DE S. PAULO

Ano VI — Vol. LXX — Setembro de 1940 — S. Paulo — Suma-

REVISTA MARITIMA BRASILEIRA

Ano LX — Setembro — Outubro de 1940 — Sumario: Um livro de Walter Spalding — Cap. de Fragata Didio da Costa — Dumont-D'Urville no Rio de Janeiro — A applicação dos principios de guerra por Jorge Landim — Estudo comparativo entre os cursos das Escolas Navais do Brasil, Argentina e Chile por Renato Bayardino — Acumuladores Alcalinos — Semana da Patria — A ignição nos motores a explosão por A. Viana Sá — Esclarecimento sobre o levante da Fortaleza de Villegaignon a 25 de setembro de 1893 por Alberto Gonçalves — O memorandum de Nelson transformado em planos de batalha por Carlos Boto — Revistas de Revistas — Aviões e submarinos — Respiga — Bibliografia — Noticiario — Necrologio.

Outras publicações

Serviço de Bio-Estatística — Boletim Mensal de Estatística Sanitária dos Municípios do Estado — Departamento Estadual de Saúde — R. G. Sul.

Boletim do Instituto de Cultura Latino-Americana da Faculdade de Filosofia e Letras — maio-junho e julho-agosto — setembro-outubro (n.º 21, 22 e 23) — Universidade de Buenos Ayres.

U. F. M. — Órgão da União dos Funcionários Públicos Municipais do R. G. do Sul — n.º 18 e 19 — Santa Maria.

Boletim meteoro-agricola — Instituto Coussirat Araujo — Ano XXI — n.º 22 a 28 — Porto-Alegre.

Estandarte Cristão — Periodico da Igreja Episcopal Brasileira — n.º 1083 e 1084 — Porto-Alegre.

ICE — Órgão de propaganda do Instituto de Ciências Economicas — n.º 13 (Ano II) — Porto-Alegre.

Boletim Bibliografico — Livraria J. Leite — (n.º 22 — Miscelanea) — Rio de Janeiro.

Biblioteca Rio-Grandense — Catalogo de duplicatas de publicações periodicas obras anonimas, etc.

Ibero — Amerikanische Rundschau — Ano VI — Hamburgo — Setembro de 1940.

NO MERCADO PUBLICO VISITEM A

BANCA 24

FONES 4129 e 8024

ESPECIALIDADES — SECCOS — MOLHADOS